



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

ESCOLA DE MINAS

ARQUITETURA E URBANISMO



Lamara Campos Oliveira

Arquitetura Religiosa de Ouro Preto no século XIX: estudo de caso da Igreja Matriz de N. S^a do Pilar

Ouro Preto

2025

Lamara Campos Oliveira

Arquitetura Religiosa de Ouro Preto no século XIX: estudo de
caso da Igreja Matriz de N. S^a do Pilar

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
curso de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Ouro Preto como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharela em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Dra. Patrícia Thomé J. Schettino

Coorientadora: Dra. Fernanda A. de B. Bueno

Ouro Preto

2025



FOLHA DE APROVAÇÃO

Lamara Campos Oliveira

Arquitetura Religiosa de Ouro Preto no século XIX: Estudo de caso da Igreja Matriz de N. S. do Pilar

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de arquiteta e urbanista.

Aprovada em 03 de setembro de 2025

Membros da banca

Doutora Patrícia Thomé Junqueira Schettino - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutora Fernanda Alves de Brito Bueno - Coorientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutor Tito Flávio Rodrigues de Aguiar - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutor Alex Fernandes Bohrer - (Instituto Federal de Minas Gerais)

Doutora Patrícia Thomé Junqueira Schettino, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 03/09/2025



Documento assinado eletronicamente por **Patrícia Thome Junqueira Schettino, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/01/2026, às 09:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1043696** e o código CRC **C61D53E4**.

RESUMO

Este estudo procura compreender o processo de transformação da arquitetura religiosa em Ouro Preto no século XIX e, para isso, tem como objeto de estudo a Basílica Matriz de Nossa Senhora do Pilar. O trabalho analisa como o catolicismo esteve presente no território ouro-pretano desde a descoberta do ouro e a formação dos primeiros arraiais; a partir do primeiro momento do encontro do local buscado, os exploradores já elaboraram uma espécie de altar primitivo para pequenas devoções. Depois do momento em que os desbravadores concluíam que a nova exploração não seria breve, elevavam construções mais permanentes; desse processo, surgiam as primeiras capelas. Com a estabilização e o aumento da população no sítio, as capelas primitivas eram reedificadas ou ampliadas a fim de receber o maior número de fiéis. A edificação das matrizes estava diretamente vinculada à instituição das freguesias — instâncias de caráter administrativo e governamental, tanto na esfera religiosa quanto na social— sob responsabilidade da Coroa Portuguesa no contexto do Padroado. Assim, a freguesia configurava-se como uma instância de poder local, tendo a Matriz sua sede material e simbólica. A tipologia desses templos principais seguia a tradição maneirista portuguesa de torres quadradas alinhadas com a nave e frontão triangular. No entanto, durante o século XIX, as matrizes ouro-pretanas sofreram alterações em suas fachadas recebendo torres recuadas e frontão sinuoso; esse trabalho busca compreender as motivações e inspirações dessa mudança.

Palavras-chave: Ouro Preto. Arquitetura Religiosa. Igreja Matriz. Minas Gerais. Século XIX.

ABSTRACT

This study seeks to examine the process of transformation in religious architecture in Ouro Preto during the nineteenth century, taking as its object of analysis the *Basílica Matriz de Nossa Senhora do Pilar*. It investigates the presence of Catholicism in the territory of Ouro Preto from the discovery of gold and the establishment of the first settlements. From the very moment the sought-after site was identified, explorers erected a rudimentary altar for small devotional practices. Once it became evident that the mining enterprise would not be temporary, more permanent structures were constructed; from this process emerged the first chapels. With the stabilization and subsequent growth of the local population, these early chapels were rebuilt or enlarged in order to accommodate an increasing number of worshippers. The construction of parish churches (*matrizes*) was directly associated with the establishment of parishes—administrative and governmental entities operating in both the religious and social spheres—under the authority of the Portuguese Crown within the framework of the *Padroado* system. In this context, the parish functioned as a locus of local power, and the parish church constituted its material and symbolic seat. The typology of these principal temples followed the Portuguese Mannerist tradition, characterized by square towers aligned with the nave and a triangular pediment. However, during the nineteenth century, the parish churches of Ouro Preto underwent significant modifications to their façades, incorporating recessed towers and a sinuous pediment. This study therefore aims to investigate the motivations and influences underlying these architectural transformations.

Keywords: Ouro Preto; Religious Architecture; Parish Church; Minas Gerais; Nineteenth Century.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
PARTE 1: ASPECTOS IMPORTANTES DA ARQUITETURA RELIGIOSA EM OURO PRETO NO INÍCIO SÉCULO XVIII: ENTENDENDO A ORIGEM NO TERRITÓRIO E SEU PAPEL NA CONSOLIDAÇÃO DA VIDA URBANA E SOCIAL	10
1.1 - O descobrimento do ouro e as primeiras ocupações do território no início do século XVIII.....	10
1.2 - A relação entre a religião e a urbanização em Ouro Preto no início do século XVIII	14
1.2.1 - O papel dos dois arraiais principais e de suas respectivas Matrizes no desenvolvimento inicial do tecido urbano de Vila Rica no início do século XVIII	15
1.2.1.1 - Matriz de Nossa Senhora da Conceição	18
1.2.1.2 - Matriz de Nossa Senhora do Pilar	21
1.2.2 - Ordens e irmandades na consolidação da vida social e do espaço urbano	28
PARTE 2: ARQUITETURA RELIGIOSA EM OURO PRETO ATÉ MEADOS SÉCULO XIX: AS TIPOLOGIAS DAS FACHADAS ANTECEDENTES E ANÁLISE CRÍTICA DA FACHADA DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO PILAR	34
2.1 - Síntese das tipologias das fachadas das construções religiosas em Ouro-Preto no século XVIII	34
2.2 - Análise histórica e compositiva: os elementos compositivos da atual fachada da Matriz de N. S. do Pilar	46
2.3 - Análise crítica da atual fachada da Matriz de N. S. do Pilar	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE 1 - HISTÓRICO DE OBRAS DAS ORDENS E IRMANDADES DA FREGUESIA DO PILAR E DO ANTÔNIO DIAS	75
APÊNDICE 2 - HISTÓRICO CONSTRUTIVO DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO PILAR ENTRE OS CINCO PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XVIII ATÉ 1853.	84

INTRODUÇÃO

O catolicismo chega ao Brasil juntamente com os navegantes portugueses, que desde o início da colonização trouxeram práticas de fé enraizadas em sua cultura. Em Minas Gerais, os bandeirantes paulistas foram responsáveis por levar a fé católica ao interior, especialmente para a região que mais tarde seria chamada de Ouro Preto. No primeiro momento, ergueram altares improvisados e capelas primitivas em devoção aos santos. Aos poucos, essas construções temporárias deram lugar a igrejas e, posteriormente, às matrizes, as quais assumiram papel central na vida urbana e social da região. Assim, em Ouro Preto, a religião católica esteve presente desde a fundação dos arraiais, influenciando diretamente a formação urbana e a consolidação de sua identidade arquitetônica e cultural.

O objetivo geral deste trabalho é analisar as mudanças ocorridas na arquitetura religiosa no século XIX em especial a fachada principal da Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Para alcançar esse propósito foi necessário compreender o processo de formação urbana de Ouro Preto desde a descoberta do ouro até a construção das primeiras matrizes. A abordagem parte do contexto macro - a formação urbana e social de Ouro Preto - para a análise específica do edifício, fundamentando-se na premissa de que o templo é a expressão material de processos históricos e simbólicos. Assim, ao investigar o papel da religião, das irmandades e das ordens terceiras, busca-se situar as alterações formais da Matriz não como fatos isolados, revelando-se como reflexos das mudanças nas dinâmicas sociais, econômicas e culturais da época. Os objetivos específicos:

- Entender a relação entre a religião católica e a fundação de povoados na região de Ouro Preto;
- Assimilar sobre as irmandades e o processo para construção das primeiras capelas e igrejas;
- Compreender o sistema de edificação das matrizes, evidenciando sua importância social e urbana para a comunidade.;
- Analisar sobre as tipologias e os estilos da arquitetura religiosa no território ouro-pretano durante os séculos XVIII e XIX;
- Compreender o histórico de construção da Matriz do Pilar do século XVIII até meados do século XIX;

Na Parte 1 foi estudado elementos importantes para compreender a arquitetura religiosa em Ouro Preto. O processo de descoberta do ouro, a chegada dos bandeirantes e a formação dos primeiros arraiais. Como a religião católica esteve diretamente ligada à permanência desses

desbravadores, uma vez que as pequenas práticas devocionais já promoviam a constituição de vínculos comunitários e formas iniciais de sociabilidade. Também foi apresentado como as matrizes desempenharam papel central na formação do tecido urbano, orientando a fixação das moradias e dos caminhos, consolidando a ocupação do território e dando origem à futura cidade de Ouro Preto.

A Parte 2 analisa as tipologias arquitetônicas das construções religiosas presentes em Ouro Preto durante o século XVIII. Foram estudadas as capelas primitivas, as igrejas e as matrizes, destacando suas plantas, sistemas construtivos e a organização das fachadas. Além disso, também é descrito o histórico construtivo da Matriz do Pilar desde sua fundação até 1853, nessa parte do trabalho são apresentados os documentos de fonte primária encontrados na pesquisa histórico-documental além da identificação dos elementos da fachada principal. Por fim, é feita uma análise crítica da atual Matriz de Nossa Senhora do Pilar: o contexto de produção arquitetônica do século XIX, as possíveis obras nas quais os construtores do Pilar se inspiraram e o estilo ao qual a fachada principal pertence.

Para alcançar esses objetivos, a metodologia adotada baseou-se em pesquisa histórico-documental e em revisão bibliográfica, apoiada em fontes primárias, como arquivos paroquiais, atas, relatórios de obras e jornais de época, além de registros iconográficos. Foram também elaborados apêndices que reúnem cronologias e panoramas das transformações arquitetônicas.

O Apêndice 1 contém um compilado de informações sobre as igrejas e capelas das Freguesias do Pilar e do Antônio Dias. Esse documento tem como objetivo traçar a linha do tempo do desenvolvimento arquitetônico das Igrejas e Capelas das freguesias do Pilar e do Antônio Dias durante os séculos XVIII e XIX. A motivação é conseguir elaborar um panorama das mudanças que ocorreram nessas construções para compreender o contexto da produção arquitetônica religiosa nessas freguesias no século XIX. Isso porque a análise das decisões arquitetônicas sugere que uma das metodologias de projeto adotadas se baseava na emulação de construções contemporâneas bem-sucedidas, indicando uma busca por validação estética e funcional através de modelos já provados. Além disso, havia uma espécie de competição entre as freguesias para elaborar os templos religiosos de maior grandiosidade e esplendor. Por causa disso, é uma necessidade estudar as escolhas estilísticas da época, a fim de compreender a motivação da decisão das autoridades responsáveis pela escolha. Como essas edificações não são o objeto principal de estudo, optou-se por utilizar fontes secundárias. Com a finalização desse estudo foi produzido organograma com as análises finais realizadas.

Já o Apêndice 2 apresenta uma coletânea de informações em fontes primárias e secundárias a fim de traçar o histórico construtivo da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, ao

longo do século XVII até 1853, para compreender suas transformações durante as décadas assim buscar compreender as motivações de cada escolha estilística e arquitetônica. Vale ressaltar que este documento tem como foco informações construtivas do templo como fundação, paredes e telhado; por isso, dados históricos referentes à ornamentação, como pintura e douramento, não foram coletados.

Ao final da pesquisa foi possível compreender a trajetória da arquitetura religiosa em Ouro Preto entre os séculos XVIII e XIX, com destaque para as transformações ocorridas na fachada da Matriz de Nossa Senhora do Pilar no oitocentos. Dessa forma, o trabalho promove um conhecimento sobre a importância da religião na consolidação urbana da cidade e sobre as mudanças arquitetônicas que marcaram esse período. A fim de valorizar uma temática ainda pouco aprofundada em Ouro Preto e reconhecer a relevância das transformações na arquitetura religiosa oitocentista.

PARTE 1

ARQUITETURA RELIGIOSA EM OURO PRETO NO INÍCIO DO SÉCULO XVIII: ENTENDENDO A ORIGEM NO TERRITÓRIO, SEU PAPEL NA CONSOLIDAÇÃO DA VIDA URBANA E SOCIAL

1.1 - O DESCOBRIMENTO DO OURO E AS PRIMEIRAS OCUPAÇÕES DO TERRITÓRIO NO INÍCIO DO SÉCULO XVIII

O descobrimento do ouro na região que seria a futura cidade de Ouro Preto foi possível graças às bandeiras, as quais eram compostas por desbravadores do território - que saíam, principalmente, de Taubaté (SP) - em busca de metais e pedras preciosas. Vale ressaltar que essas empreitadas dependiam de bastante capital sendo necessário investimento de senhores de posses. Inicialmente, segundo Joaquim Furtado de Menezes (1975), essas bandeiras eram organizadas para capturar e escravizar indígenas, tal atividade se configurava como a forma mais rápida e rentável para enriquecer. No entanto, a busca por metais preciosos passou a ser o principal objetivo, o que propiciou a descoberta da região onde nasceria a atual cidade de Ouro Preto.

A história da descoberta de ouro próximo à região - que viria a se chamar “Minas Gerais dos Cataguás” - logo se espalhou. Antonil¹ (2011) relata que foram o governador do Rio de Janeiro, Arthur de Sá, e o primeiro desbravador (nome desconhecido) responsáveis por narrar a descoberta de ouro na região, por volta do final do século XVII. A história contada consiste na participação de um mulato, o qual junto aos paulistas na busca para capturar indígenas (objetivo inicial das bandeiras), desceu a serra para buscar água e viu metais com cor de aço dentro do recipiente. Ele e seus companheiros, sem saberem qual metal era aquele, decidiram enviar alguns pedaços da sua descoberta para o governador, o qual fez alguns testes e, assim, identificou ser ouro. A partir disso, começa uma série de expedições, destinadas a desbravar os sertões mineiros, em busca do local onde foi encontrado ouro. A figura 01 é o itinerário que o engenheiro João Victor Magalhães Gomes produziu em 1881 para o Imperador Dom Pedro II com as informações sobre lavras de ouro e topázios, jazidas de minerais e fábricas de ferro nas proximidades de Ouro Preto. Esse mapa de materiais preciosos indica que, até no século XIX, a região ainda apresentava a exploração mineral como um fator de relevância até para o Imperador do país.

¹ André João Antonil (1649-1716) nasceu em Lucca na Itália. Em 1711 escreveu “Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas”.

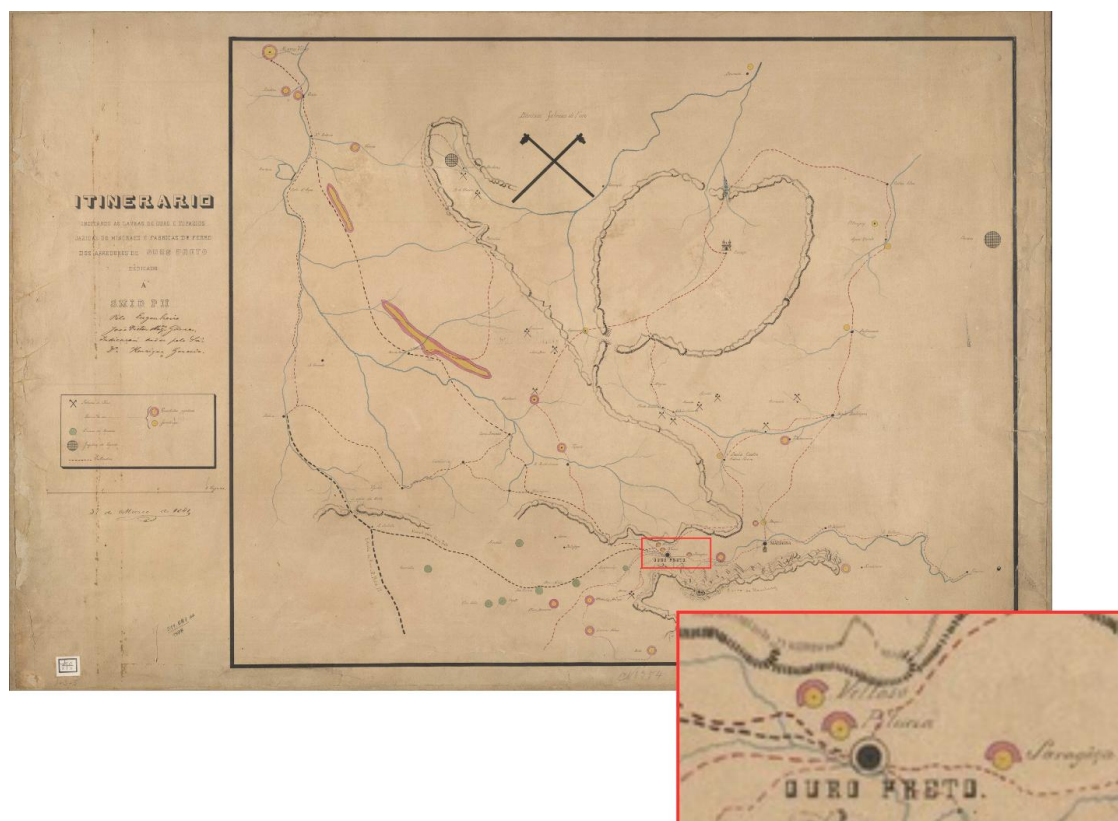


Figura 01. Itinerário indicando as lavras de ouro e topázios, jazidas de minerais e fábricas de ferro dos arredores de Ouro Preto: Dedicada a S. M. I. D. PII, 1881.

Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em:

<https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=105908>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

Vale destacar que os arraiais da Serra de Ouro Preto estão diretamente ligados ao primórdio da extração aurífera na região (Vieira, 2016). Isso porque uma das bandeiras que marcharam rumo ao território era composta por Antônio Dias e pelo Padre João de Faria Filho, a qual chegou no dia 24 de junho de 1698 - dia de São João Batista - no cume da Serra do Ouro Preto, local que recebeu o nome de Morro de São João (Menezes, 2011). “Na Serra de Ouro Preto, a princípio dita das Minas Gerais, pelas muitas que nela se abriram, nada menos que oito povoados alvoreceram com os descobrimentos do ouro e cada um, por seu lado, erigiu, como pôde, a sua respectiva capela.” (Vasconcelos, 2011, p.144).



Figura 02. Exploração de uma lavagem de ouro em Vila Rica no século XIX.

Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://purl.pt/34248/1/html/index.html#/70-71>>. Acesso em: 17 de abril de 2025.

Inicialmente, a exploração na região de Ouro Preto foi marcada por uma série de dificuldades e desafios. Isso porque a busca pelo metal atraiu pessoas de diversos locais - como o Norte de Portugal, acontecimento que desencadeou uma migração em massa para esse território. Segundo Antonil (2011) pessoas de diferentes raças, nacionalidades, gênero, condição financeira, *status* social e profissões chegavam na região aumentando a quantidade de crimes, entre eles, homicídios e furtos. Vale ressaltar que, por volta dos primeiros dez anos, de acordo com Antonil (2011) não havia fiscalização com a presença de representantes da Corte Portuguesa no local - o que pode justificar esse cenário de intensa criminalidade no território.

Nos primeiros momentos, os desbravadores desconheciam se iriam permanecer no novo local descoberto, como salienta Campos (2006), eles desejavam apenas adquirir riquezas e voltar para suas terras natais. “Para quem tem pressa em retornar, o conforto não é considerado importante. Assim, as primeiras construções baseavam-se em ranchos precários, inicialmente de um único cômodo, uma trempe para cozinhar, um catre ou jirau utilizado para descanso”. (Campos, 2006, p.19). Fonseca (2007, p.63) ao pesquisar sobre o significado das palavras “rancho” e “arraial” descreve que:

Segundo o dicionário de Raphaël Bluteau, o termo arraial significava “o alojamento de um exército na campanha”, sendo um sinônimo de “real”. Já a palavra de origem castelhana “rancho” tinha acepções mais variadas. Ela podia significar uma reunião de soldados ou marinheiros “feita em algum lugar particular de um real [arraial] ou do navio”, mas também grupos humanos mais genéricos: “união de algumas pessoas que tratam com familiaridade uns aos outros e que em algumas cousas particulares têm os mesmos interesses e os mesmos intentos”. Mais adiante, Bluteau observa que “rancho é palavra

castelhana, mas quer dizer pousada”. de fato, na colônia, a palavra podia designar uma espécie de galpão rústico – um simples telhado apoiado em pilares de madeira – que servia para abrigar, durante as paradas, as mercadorias dos viajantes. De maneira mais abrangente, a palavra referia-se, também, a um “pouso”, um ponto de parada – significado que os colonos da América também atribuíam à palavra arraial.

Assim que a nova região desbravada se mostrasse próspera e duradoura, melhorias iam sendo realizadas nessas construções apresentando características mais permanentes.

Os lotes (datas) eram distribuídos, próximos aos córregos, de acordo com a quantidade de escravos que os mineradores possuíam, em conformidade com Oliveira (2010). Segundo Antonil (2011), essa distribuição acontecia depois de o descobridor e o guarda-mor tomarem posse de suas terras. A figura 03 retrata a exploração aurífera nos cursos de água; além disso, é demonstrado a edificação dos arraiais nas encostas em paralelo com a extração mineral que ocorria no território.



Figura 03: Vila Rica no século XIX.

Fonte: Desenho de Rugendas, século XIX - Biblioteca Nacional

Assim, apesar dessa urbanização apresentar terreno montanhoso e ter desencadeado diferentes problemas - por exemplo, violência no território mineiro - os arraiais de Vila Rica apresentaram grande notoriedade pelas autoridades governamentais. E, por causa dessa notabilidade, seria um dos primeiros povoados da capitania elevada à categoria de Vila em 8 de julho de 1711. Por meio da imagem 04 - a qual demonstra a quantidade de vilas (em preto) e arraiais (em laranja) durante o período de 1713 e 1730 em Minas Gerais - é possível notar a relevância de Vila Rica ao ser elevada à categoria de Vila.

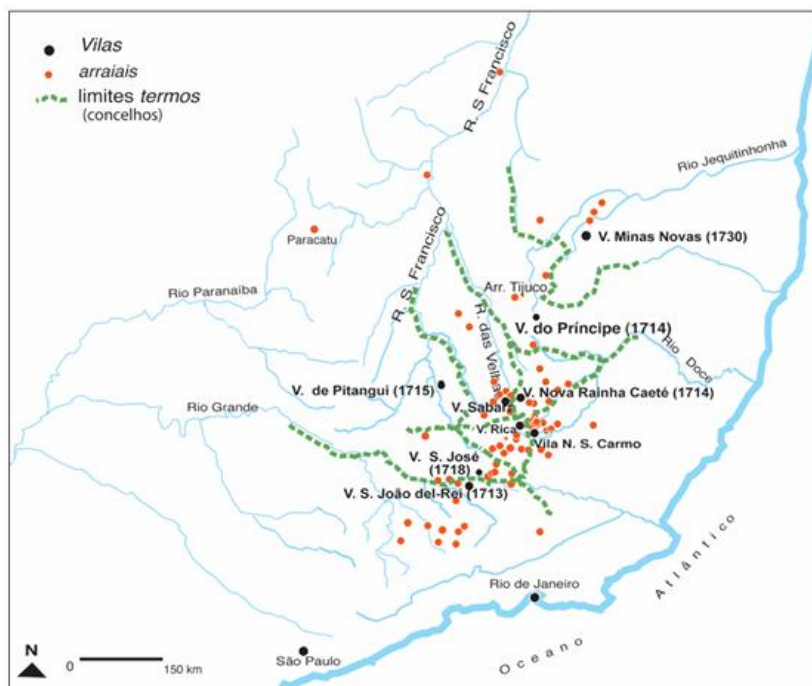


Figura 04. Quantidade de vilas (em preto) e arraiais (em laranja) durante o período de 1713 e 1730 em Minas Gerais.

Fonte: Fonseca, 2007, p.255

1.2 - A RELAÇÃO ENTRE A RELIGIÃO E A URBANIZAÇÃO EM OURO PRETO NO INÍCIO DO SÉCULO XVIII

O volume populacional que migrou para a região em busca de ouro era composto em grande número por pessoas oriundas do Norte de Portugal, local onde estava localizado o Arcebispado de Braga, segundo Lima Júnior (1978). Conforme o autor, essa comunidade recém-chegada ao país se estabelecia minimamente e já construía capelas primitivas em devoção aos santos padroeiros do país de origem.

Os desbravadores do território brasileiro logo que descobriam novas terras, com a finalidade de consagrar e inaugurar a região, construíam, improvisadamente, um altar. Segundo Paulo Ferreira Santos (1965), era um costume português começar a edificação do povoado pela capela. Após essa primeira construção, os descobridores, assim que possível, faziam melhorias e edificavam capelas mais sólidas, em pontos estratégicos - os quais eram os mais altos para se destacarem na paisagem. Além disso, também buscavam locais mais próximos dos cursos de água:

É notável que a atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída no local do templo primitivo, localiza-se aproximadamente na cota de nível 1.084m, ao passo que a corrente de água mais

próxima, ou seja, o chamado Córrego de Antônio Dias, por exemplo, está localizado na cota de referência 1.064m.[...] Seguindo a mesma lógica de ocupação, as demais capelas – e seus respectivos arraiais – que antecedem a fundação da Vila, [...] também mantém relativo afastamento do Rio Funil e de seus afluentes outrora ricos em ouro. (Machado, 2011, p.39)

Então, a urbanização do território é iniciada partindo dos templos religiosos como pontos centrais, era a partir deles que os moradores se reuniam para praticar pequenos atos de devoção - o que colaborou para desenvolver o convívio social. Ademais, as moradias mais permanentes deixavam de ser erguidas perto dos ribeiros e aproximavam-se das edificações religiosas (Salgado, 2010). Essas primeiras residências, ao passar do tempo, assim como os templos, eram consolidadas e melhoradas. A estadia na região deixava de ser temporária para se tornar permanente. Essas características indicam o início do estabelecimento de uma malha urbana mais sólida e densa.

Além disso, a Igreja, junto com o comércio, a vida cultural e social, a exploração do ouro e os tropeiros, segundo Boschi (1986), foram cruciais para a consolidação da residência em Minas Gerais. Isso porque, em concordância com o autor, ninguém conseguiu construir uma riqueza significativa apenas com a exploração do metal precioso. Ademais, a necessidade de várias esferas era importante para efetivar uma urbanização, sendo preciso, por exemplo, mercadorias e serviços de diferentes áreas. Ainda, de acordo com Lima Júnior (1978), outro ponto que propiciou estabilizar a população no território foi a vinda de profissionais diversos para as Minas Gerais, o que fomentou a quantidade de atividades e colaborou para ampliar a movimentação urbana.

1.2.1 - O papel dos dois arraiais principais e de suas respectivas Matrizes no desenvolvimento inicial do tecido urbano de Vila Rica no início do século XVIII

A futura cidade de Ouro Preto desde suas origens apresentou dois arraiais bem definidos: Pilar e Antônio Dias, os quais dividiram o território (figura 05) e apresentavam certas rivalidades entre eles (Cabral, 1969).



Figura 05. Recorte das duas freguesias na Planta da Cidade de Ouro Preto, século XIX (sem data específica).
 Fonte: Biblioteca Nacional - Disponível em:
https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=6685 . Acesso em 06 de agosto de 2025

Após a elevação à categoria de Vila, crescendo o enriquecimento e a aquisição de notoriedade, começava a surgir o desejo de ampliar e melhorar as capelas primitivas. Por exemplo, para edificação de um maior templo para Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 1724, o provedor da Fazenda Real da Capitania de Minas, Antônio Berquó Del Rio, já trocava correspondências com a Coroa Portuguesa com o desejo de conseguir condição pecuniária para realizar a obra, de acordo com o relatório do MINAS GERAIS (1983). No entanto, conforme o relatório MINAS GERAIS (1983), essa obra, apesar de ter sido iniciada anteriormente à Matriz de Nossa Senhora do Pilar, demorou mais tempo para ser concluída.

A disputa entre as duas freguesias sempre esteve marcada pela procura de maior esplendor durante as festas e na construção de seus templos religiosos. Em ambas, estava presente a Irmandade do Santíssimo Sacramento, a qual é marcada por ter entre seus membros, pessoas ‘de bem’ da alta classe da sociedade, (Machado, 2010). Além disso, foram, também, dessas freguesias que saíram a maioria das capelas das irmandades que compõem o tecido urbano da cidade. Na figura 06, a qual apresenta um mapa desenvolvido por Machado (2010), é possível demonstrar espacialmente a ocupação do território por meio das capelas e Igrejas oriundas das ordens e irmandades das Matrizes, sendo em cor laranja os templos pertencentes

à Freguesia do Pilar e em cor magenta os relacionados à Freguesia do Antônio Dias. Dessa forma, além de dominarem a malha urbana por meio da locação das capelas, as Matrizes ditaram a urbanização de Ouro Preto ao concentrar residências nos arredores, das quais seriam formadas as ruas e a direção de crescimento da cidade.

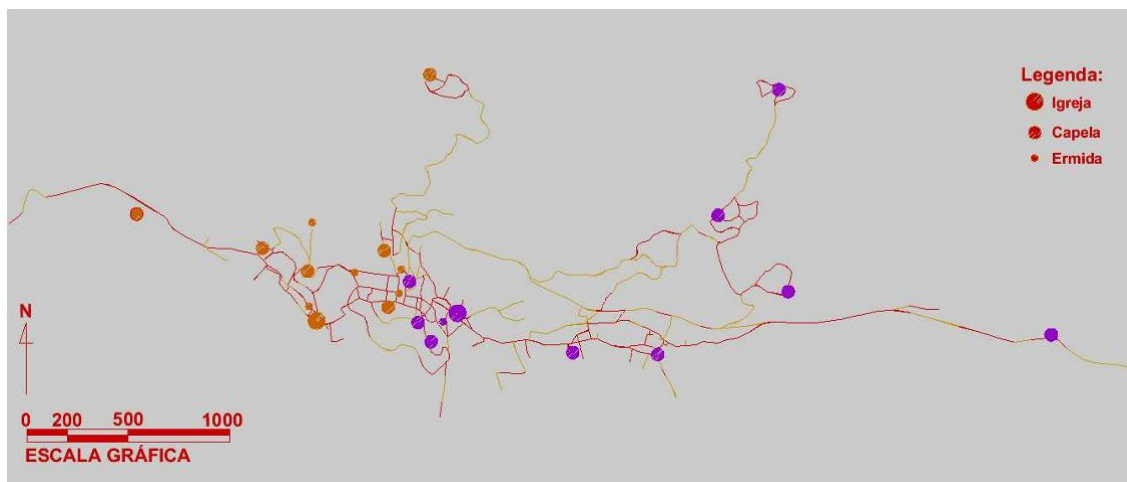


Figura 06. Ocupação do território por meio da distribuição das Igrejas, Capelas e Ermidas das freguesias do Pilar e do Antônio Dias.

Fonte: MACHADO, 2010, p.250.

Assim, com a ocupação do território, através da construção de outras igrejas e capelas oriundas das matrizes se consolidou o tecido urbano da cidade. Esse processo de formação da Vila é explicado por Vasconcellos (2011) em sua teoria na qual descreve que a cidade se formou linearmente a partir de um caminho-tronco, cuja definição foi feita pelas igrejas e edifícios principais. Ainda de acordo com o autor, o caminho-tronco inicial poderia ser dividido em três partes:

A primeira delas, as Cabeças, entre a ponte do Passa-Dez e a do Caquende ou Capela do Rosário, tem, a princípio, o nome de Rua do Passa-Dez. [...]. A segunda parte, a central, compreendida entre o Rosário e Antônio Dias, subdivide-se em três trechos - entre o Rosário e o Pilar, daí até a Praça e desta a Antônio Dias. [...] A terceira parte, a saída, entre Antônio Dias e a Capela do Padre Faria, é dividida em duas ladeiras — da Cruz das Almas ou Vira Saia, hoje Sta. Ifigênia, e da Capela do Rosário do Padre Faria, hoje, simplesmente, do Padre Faria'. (Vasconcellos, 2011, p.75 e 76)

Além disso, a fim de reforçar o papel de destaque das Matrizes na formação desta estrada, o autor reforça que era entre esses templos que se encontrava as mais importantes ruas da Vila. Da união das duas principais freguesias - Pilar e Antônio Dias, no morro de Santa Quitéria, foi fundada a Praça do Palácio (atual Praça Tiradentes) cuja importância se resume como o polo administrativo e cívico da Vila:

Neste movimento centrípeto, com a construção da antiga Casa da Câmara e Cadeia'® e depois do Palácio dos Governadores (por volta de 1740), unem-se as duas freguesias e, com a delimitação do centro administrativo, estabelece-se o núcleo principal da povoação. Este núcleo, configurado pela Praça do Palácio, ampliada em 1797 para desafogar a Casa da Câmara e Cadeia, é aqui, uma consequência do

povoamento já existente e não origem dele, correspondendo mais aos limites de duas povoações vizinhas que centro de irradiação delas. (Vasconcellos, 2011, p.77)

Com esse caráter mais estabilizado de permanência da sociedade no território mineiro, a partir dos templos religiosos eram erguidas as primeiras ruas - as quais se conectavam aos edifícios públicos e, assim, formavam as ruas principais. A partir do caminho-tronco outras ruas secundárias iam se formando, segundo Araújo (2018), das quais surgiram um importante elemento urbanístico: o largo. Outro componente urbano significativo: o adro; de acordo com Araújo (2018) é um espaço aberto que fica, geralmente, na frente das edificações religiosas, é utilizado para delimitar o espaço sagrado. Além disso, a autora destaca que esse elemento urbano desempenha papel na vida social da cidade, sendo um espaço para convívio entre os habitantes e para celebração de festividades sagradas e mundanas.

1.2.1.1 - Matriz de Nossa Senhora da Conceição

A data de edificação da capela primitiva que daria origem a atual Matriz de Nossa Senhora da Conceição não é exata. Essa devoção chegou ao território brasileiro por influência portuguesa já que Nossa Senhora da Conceição é uma das padroeiras de Portugal. De acordo com MINAS GERAIS (1983), em 1724, já era discutida a possibilidade de promover obras para ampliar a Capela existente. As obras se iniciam em 1727, sendo Manuel Francisco Lisboa, pai de Aleijadinho², contratado para executar a obra da nova Igreja (Bazin, 1956). A obra se estendeu por vários anos, sendo este seu breve histórico, presente no Caderno de Restauração (MINAS GERAIS, 1983, p.11):

- 1727-1738: alta quantia monetária foi destinada à execução da obra.
- 1741/1742: Manuel Francisco Lisboa recebe uma quantia pelo conserto do sino. O que indica que uma das torres presentes na fachada havia sido concluída.
- 1745: Risco de ruína de uma das paredes laterais. Sendo necessário atrasar a obra para reconstrução em pedra e cal.
- 1746: Fim da parte arquitetônica.
- 1756 - 1833: Execução da ornamentação.

² Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho (1738–1814) foi um importante escultor, entalhador e arquiteto mineiro.

- 1854: É apresentado um relatório descrevendo a precária situação do frontispício e solicitando auxílio para execução da obra. “A atual fachada em linhas neoclássicas, foi produto desta restauração.” (MINAS GERAIS, 1983, p.11).

Por causa do comércio do ouro perto do córrego onde se instalou o arraial, o qual apresentou sucesso, essa região foi uma das áreas com maior número de habitantes (ficando atrás apenas do Arraial do Pilar). Dessa forma, com o crescimento populacional nessa localidade, também crescia rapidamente a ocupação residencial nesse território. Como é possível ver na Figura 07 os loteamentos do Antônio Dias foram formados nas laterais da Igreja respeitando os espaços públicos na frente da edificação. Segundo Machado (2011, p. 70): “cerca de metade dos arraiais de Vila Rica estariam subordinados à referida matriz, pela importância que teria adquirido o templo dedicado à Nossa Senhora da Conceição já nos primeiros anos.”

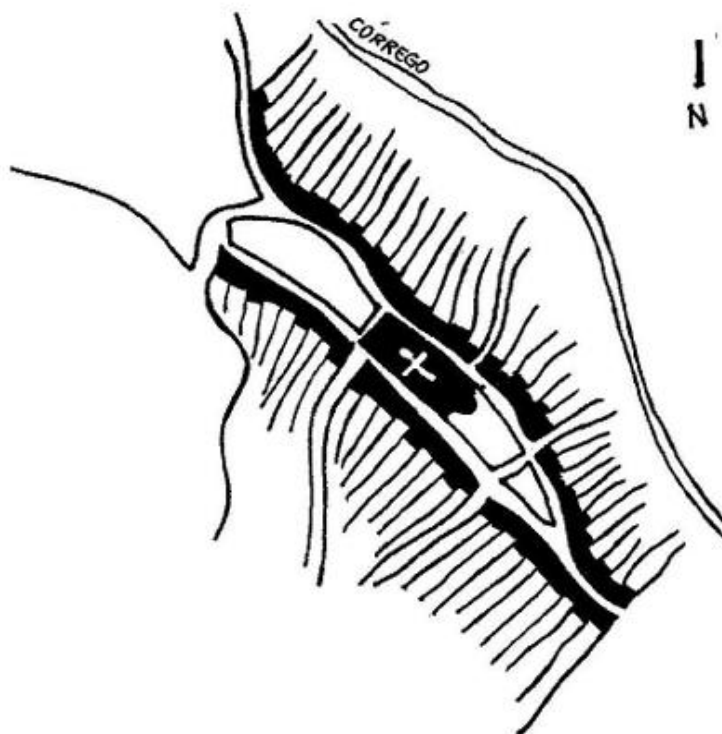


Figura 07. Loteamento do bairro Antônio Dias.
Fonte: Salgado, 2010, p.66

A importância dessas construções também desempenhou papel fundamental no contexto social da cidade já que seu adro, segundo Araújo (2018), desde quando a atual Matriz era uma capela primitiva, já era utilizado para encontros. No entanto, como reforça a autora, com a densidade populacional que foi ocupando a região, a área do adro foi sendo diminuída. Além disso, próximo ao adro da Igreja existe a Praça do Antônio Dias, segundo a autora, tanto o adro

quanto a praça já estavam construídos no final do século XVIII e permaneceram até “as primeiras décadas do século XIX”. A fim de demonstrar que as edificações em frente a Matriz foram demolidas em 1820, de acordo com o documento que Araújo (2018) encontrou, no qual era feito o pedido de demolição dessas construções, foram elaborados os recortes nos mapas da Planta da Cidade de Ouro Preto do século XIX - anterior à 1888 –(figura 08) pelos quais é possível perceber a presença de edificações no local que depois virou a praça do bairro. Vale destacar que o mapa da figura 08 é anterior à 1888 por apresentar a Matriz do Antônio Dias em menores dimensões (ou seja, mais primitivo) do que o templo representado na cartografia de 1888; o qual se conforma mais com a igreja atual.



Figura 08. Recorte do entorno da Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Mapa da Cidade Ouro Preto de 1888.

Fonte: Arquivo Público Mineiro

Além do adro e da praça presentes no arraial do Antônio Dias, o Largo de Marília também compunha os elementos urbanos presentes na região. De acordo com Araújo (2018), desde o início do século XIX este elemento já desempenhava o papel de interligar os arraiais de Antônio Dias e do Padre Faria. “O chafariz nele instalado, chamado de Chafariz do Antônio Dias, ou de Chafariz de Marília, data de 1759, sendo esse um dos exemplares mais ornamentais

de todo o centro histórico” (Araújo, 2018, p. 528). No mapa elaborado pela autora (Figura 09) é apontado que o largo já estava construído desde os primeiros mapas da vila. Também vale destacar a ponte representada no mapa, chamada Ponte de Antônio Dias, a qual, segundo a autora, foi construída em 1755 e tem de um lado a Matriz de N. S. da Conceição e do outro, o Chafariz do Antônio Dias.



Figura 09. Largo de Marília no final do século XVIII.
Fonte: Araújo, 2018, p.529

1.2.1.2 - Matriz de Nossa Senhora do Pilar

A Matriz de Nossa Senhora do Pilar, diz uma lenda, que teria sido construída em cima de uma rica camada de ouro, (Gustafson, 1978). Sendo essa lenda verdade ou não, essa construção sempre foi uma das mais ricas e importantes da cidade. Ainda segundo a autora, nos primeiros cinco anos do século XVIII já existia uma edificação primitiva no local da atual Basílica e em 1712, esse templo já exercia a função de Matriz. Essas informações sobre sua construção também são confirmadas por Oliveira (2010, p.39):

Por volta de 1705 já existia no local uma capela primitiva dedicada a Nossa Senhora do Pilar, invocação de origem castelhana, divulgada em Portugal na época da União Ibérica. Em 1710, foi adaptada à condição de matriz e, a partir da criação de Vila Rica, tornou-se sede de freguesia, juntamente com a Matriz de Antônio Dias.

Esse templo foi utilizado para importantes eventos políticos e sociais - entre eles, a reunião de decisão da criação de Vila Rica, conforme apresentado por Cabral (1969). De acordo

com o autor, em 8 de julho de 1711, se reuniram na Matriz, as autoridades principais necessárias para discutir a elevação à Vila Rica, a partir da união do Arraial de Ouro Preto com o Arraial de Antônio Dias. Além desse evento, segundo Gustafson (1978), governadores mineiros tomaram posse nesse local e eventos da Semana Santa foram celebrados com “pompa” nas dependências do templo.

A atual Matriz, inicialmente, teria sido instalada voltada para o sul, atualmente o local apresenta um pequeno largo:

O Largo do Pilar é um espaço vazio triangular resultante da junção de algumas vias relevantes de circulação do bairro homônimo (continuação da Rua Antônio de Albuquerque, Rua do Pilar e Rua Diogo de Vasconcelos). [...] Suas origens remontam ao século XVIII, pois este se encontra nos fundos da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, centro de um dos dois mais importantes arraiais que deram origem à Vila Rica. Seu posicionamento entre a igreja e a Ponte do Pilar (ou Ponte do Ouro Preto, de 1756), que leva à Rua do Pilar e, conseqüentemente, à parte “alta” da cidade, nos indica que este local tenha sempre sido um espaço de constante fluxo de pessoas. (Araújo, 2018, p.524)

As figuras 10 e 11 demonstram a perspectiva de um recorte do mapa da Cidade de Ouro Preto de 1888 em relação a uma cartografia atual, a finalidade é retratar pela seta branca onde seria a fachada principal da Igreja quando era voltada para o sul - local no qual se encontra o Largo do Pilar.

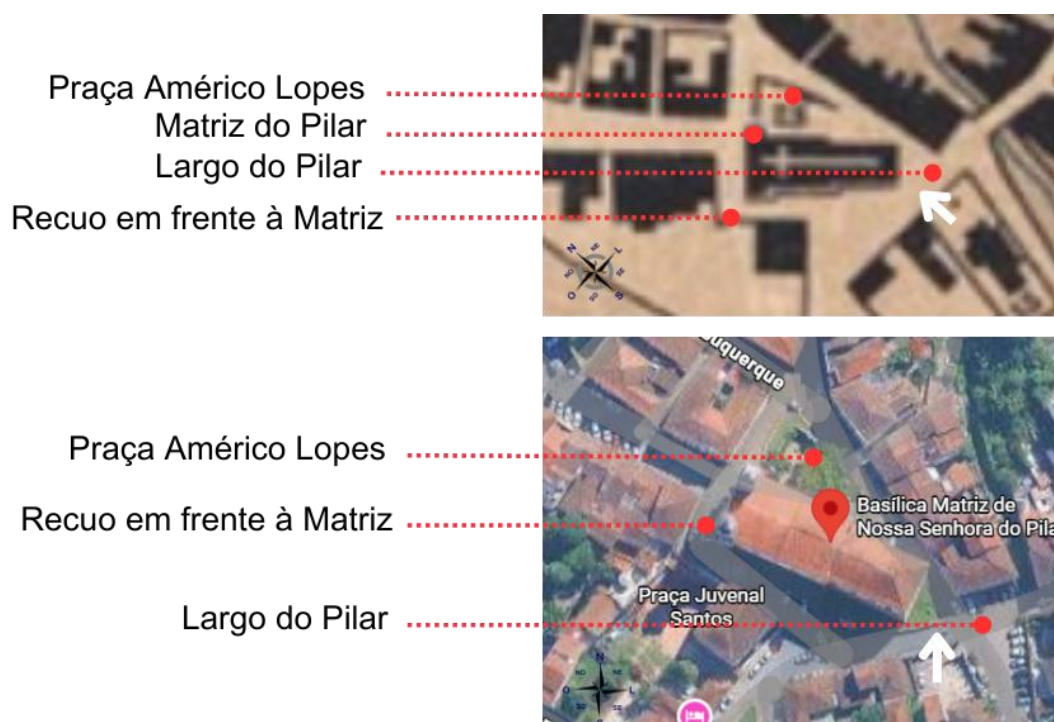


Figura 10. Recorte do Pilar em mapa da Cidade Ouro Preto de 1888.
Fonte: Arquivo Público Mineiro.

Figura 11. Recorte da cartografia atual da cidade de Ouro Preto em 2025.
Fonte: Google Maps.

Em 1714, de acordo com Machado (2011), após uma investigação do incêndio nas edificações próximas à Igreja, foi determinado que as residências que fossem construídas para substituir as destruídas deveriam ser recuadas para construção de uma praça (atual Praça Monsenhor Castilho Barbosa). Por meio dos recortes da Planta da Cidade de Ouro Preto do século XIX (figura 12) e da Planta Topográfica do Ouro Preto de 1862, elaborada por Henrique Gerber (figura 13), é demonstrado essas demolições que foram determinadas, o primeiro mapa apresenta maior número de construções nas proximidades da Matriz em comparação com o segundo. Apesar do empenho da Câmara para a criação dessa praça e das casas terem sido recuadas, conforme Araújo (2018), isso foi feito respeitando uma construção primitiva, a qual sofreu diversas ampliações ocasionando na atual falta de alinhamento entre o adro e a Matriz. Além disso, a autora também destaca que o impedimento para que o formato de adro fosse mantido durante os anos seria sua posição no sítio, a qual seria em meia-encosta e não em um platô. “Sem um platô com arrimo e mureta circundante, tornava-se difícil estipular onde se findava o espaço coletivo do sagrado, e onde começava o espaço particular ou mesmo o espaço das meras circulações do dia-a-dia.” (Araújo, 2018, p.448).

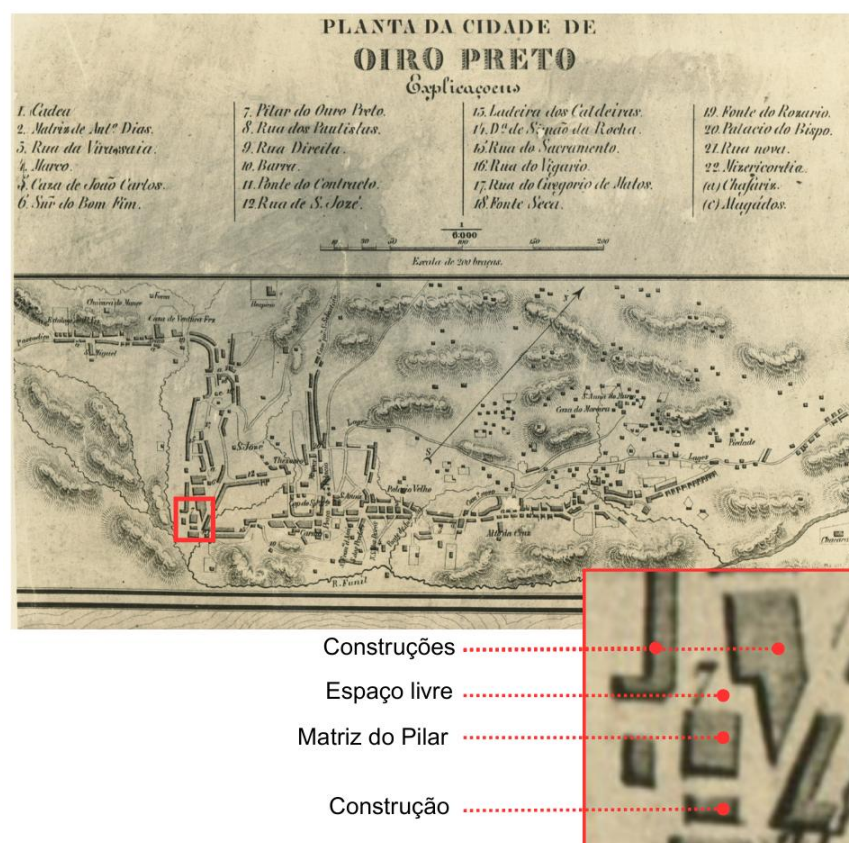


Figura 12. Recorte do entorno do Pilar no Mapa da Cidade Ouro Preto do século XIX.
Fonte: Arquivo Público Municipal.



Figura 13. Recorte do Recorte do entorno do Pilar na Planta da cidade de Ouro Preto de 1862.

Fonte: Biblioteca Nacional - Disponível em: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=6685 . Acesso em 06 de agosto de 2025

A partir de agosto de 1730, foi iniciada a reconstrução da Matriz, a qual apresentou a atual orientação da Igreja - voltada para o noroeste, como consequência, essa mudança alterou o sentido de urbanização da cidade. Além disso, sua implantação chama atenção por não possuir vista para a fachada principal com ponto de fuga para o eixo frontal, como é demonstrado na figura 14, a fachada principal da Matriz se encontra descentralizada com a via (Salgado, 2010). Dessa forma, é possível constatar que o adro da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar não apresenta formato regular e bem definido como outras igrejas históricas de Ouro Preto, segundo Araújo (2018) esse desalinhamento se deu por edificações que, progressivamente, foram ocupando o local do adro. Por meio do recorte feito na Planta da Cidade de Ouro Preto de 1888 (figura 15) é possível perceber como o desalinhamento da Matriz do Pilar com a via é causado por edificações que invadiram o possível espaço do adro

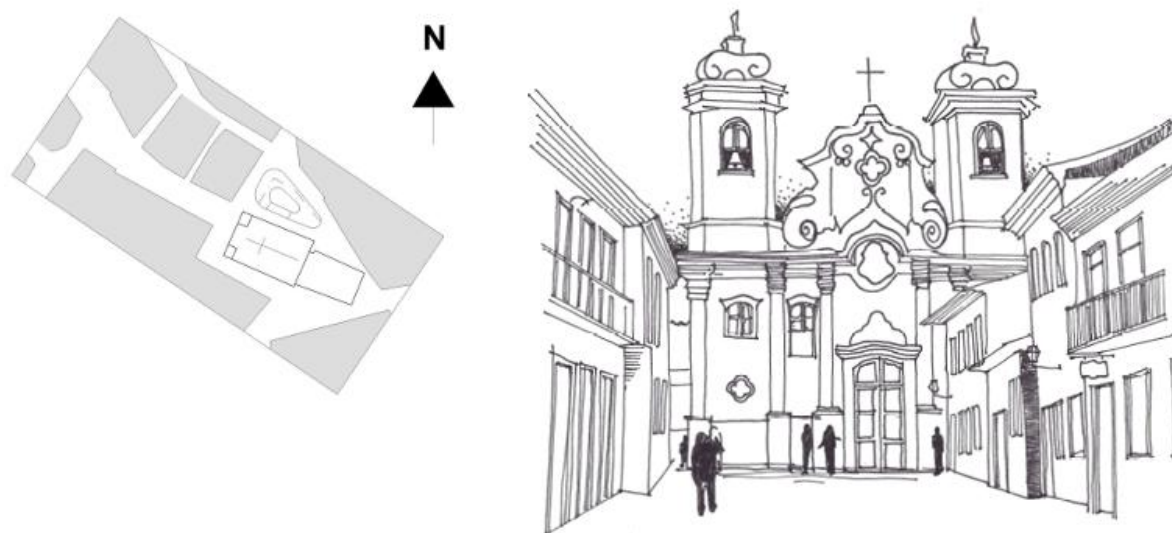


Figura 14. Vista para a Matriz de Nossa Senhora do Pilar.
Fonte: Soares, 2009 *apud*. Salgado, 2010, p.63



Figura 15. Recorte do Recorte do entorno do Pilar no Mapa da Cidade Ouro Preto de 1888.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Ouro Preto.

Outra importante participação que a Matriz do Pilar teve no tecido urbano da cidade foi o Triunfo Eucarístico - o qual foi uma festa de grande pompa para a qual se abriu uma nova rua (figura 16). Essa comemoração foi para marcar a volta do Santíssimo Sacramento da Igreja do

Rosário dos Pretos para a Matriz de N. S. do Pilar - a qual estava em obras do período de 1731 a 1733 e, por isso, não podia abrigar as imagens. Segundo Oliveira (2010), o festejo foi marcado por muito luxo nas roupas das irmandades e nos andares dos santos, assim como por uma procissão que contou com diversas irmandades das duas freguesias, apesar da festa ter sido organizada pela Irmandade do Santíssimo Sacramento. Sobre a abertura da rua para a passagem da procissão, Salgado (2010, p.51) descreve que:

Para este acontecimento, a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos abrirá uma rua especialmente para a passagem do Santíssimo Sacramento até a Matriz do Pilar. Esta, denominada Rua do Paredão devido à existência de muro de arrimo para vencer o grande desnível existente, corresponderia, em 2009, à Rua Dr. Getúlio Vargas que se encontra com a Rua São José no Largo da Alegria, Praça Silviano Brandão.

Sobre a técnica escolhida para a construção dessa rua Campos (2012, p.13) menciona:

Os construtores buscavam obter uma rua longa e praticamente plana, numa área inacessível e de declives extremos, com inclinações próximas de 80 graus, que permitisse a marcha da procissão e o desfile de carros e alegorias. A solução foi aplicar a técnica de construção de aquedutos para condução de água aos grandes mundéus de lavagem de ouro, numa escala muito mais ampla. O parentesco de formas e técnicas é reconhecível percorrendo-se alguns aquedutos abandonados, na serra do Veloso, a oeste de Ouro Preto. O evidente conforto representado pela ausência de declives favorecia as atividades de comércio e transporte de mercadorias, e atraiu as pessoas desse setor, embora o terreno plano tenha objetivado, originalmente, apenas as conveniências da procissão.



Figura 16. Croqui da rua aberta durante o Triunfo Eucarístico.
Fonte: Soares, 2009 *apud*. Salgado, 2010, p.52

Por fim, vale destacar que a construção das Matrizes - tanto de Nossa Senhora da Conceição quanto de Nossa Senhora do Pilar - foi possível graças à formação das Irmandades e, posteriormente, das Ordens Terceiras. A fim de exemplificar a importância dessas congregações, Bazin (1956, p.78) menciona:

A construção de N. S^a do Pilar, matriz do Bairro de Ouro Preto - a mais nova das duas igrejas matrizes de Vila Rica — foi quase inteiramente realizada pelas duas irmandades do Santíssimo Sacramento e de N. S^a do Pilar, ambas fundadas em 1729; sendo que a primeira financiou mais de dois terços das despesas com a obra.

Antes de construírem suas próprias capelas, as irmandades possuíam altares dos seus santos de devoção específicos como é apresentado na Figura 17 elaborada por Campos (2006) a qual demonstra as irmandades presentes no interior da Matriz do Pilar no setecentos.

As peças de maior destaque no mobiliário integrado das igrejas coloniais são os retábulos destinados à exposição dos santos padroeiros, em estreita correlação com os altares (mesas baixas) que servem à celebração das missas. O mais importante é o do altar-mor que ocupa toda a parede do fundo, em situação elevada, acima dos cinco degraus do presbitério, espaço destinado aos sacerdotes e acólitos, como o próprio nome indica. Os demais retábulos são tradicionalmente dispostos ao longo das paredes da nave única, como nas duas matrizes de Ouro Preto. (Oliveira, 2010, p.70)

A medida que possível, as irmandades construíam suas capelas e igrejas em locais independentes das Matrizes ocupando e formando, progressivamente, o território da futura Ouro Preto.

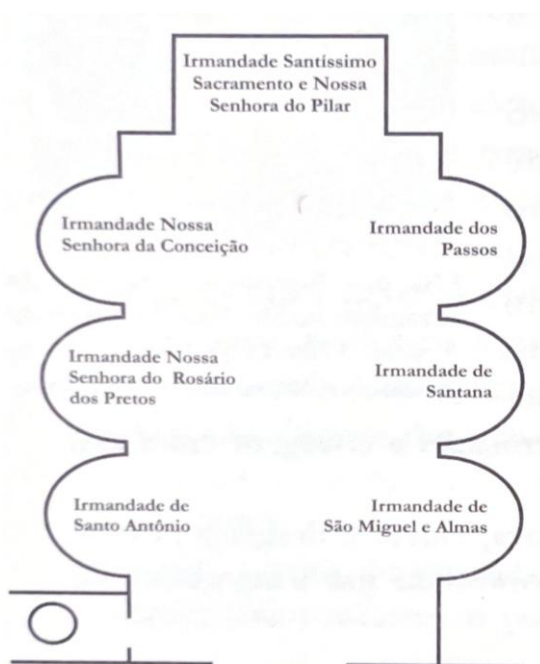


Figura 17. Altares das irmandades na Matriz de N. S. do Pilar no setecentos.
Fonte: Campos, 2006, p.14

1.2.2 - Ordens e irmandades na consolidação da vida social e do espaço urbano

A formação de irmandades começa na Europa, na Idade Média, por causa do ímpeto da Religião Católica nesse período, o qual foi marcado pelo domínio da Igreja sobre diversas áreas da sociedade - econômica, governamental e cultural. Como destaca Campos (2006, p.12): “No Brasil litorâneo, as ordens primeiras (de religiosos jesuítas, franciscanos, beneditinos, carmelitas) destacaram-se na evangelização e alfabetização das populações”. No entanto, ainda segundo a autora, no território mineiro a presença das ordens primeiras e segundas (de freiras) foi vedada, isso porque “diante do predomínio de uniões ilegítimas, a Coroa Portuguesa pretendeu estimular os casamentos, impedindo a presença de conventos masculinos e femininos.” (Campos, 2006, p.15)

Segundo Boschi (1986) durante os anos iniciais de descoberta do ouro se desenvolve um maior sentimento fraternal - o qual culmina no nascimento das irmandades. Ainda segundo o autor, essas instituições, formadas em conjunto por leigos (pessoas não pertencentes ao Clero), tinham como objetivo auxiliar a Igreja em diferentes atividades de assistência e de espiritualidade. “Em síntese, as irmandades funcionaram como agentes de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à religião e perplexidades frente à realidade social.” (Boschi, 1986, p. 14). Assim, de acordo com Campos (2006), a formação dessa fraternidade se iniciava ao se identificarem com determinação e devoção, posteriormente, produzia-se um regulamento, cuja autorização deveria ser feita pela Coroa Portuguesa.

No território de Minas Gerais, foram as irmandades que desempenharam papel fundamental na formação no tecido urbano da cidade. Isso porque, como supracitado, a religião católica era a religião oficial de Portugal, por isso, foi trazida ao território brasileiro pelos desbravadores. Além disso, as terras brasileiras pertenciam à Ordem de Cristo, por isso era permitido à Igreja a edificação de construções religiosas no país (Trindade, 1945). Mais do que um papel de catequização e conversão da população, as irmandades desempenharam a função de concretizar a vida urbana na cidade. Isso porque, segundo Boschi (1986), essas instituições chegaram ao Brasil antes de autoridades relacionadas aos serviços governamentais e militares. Ademais, o número de irmandades presentes em determinado território demonstra a sua grandiosidade demográfica, isso porque, a diversidade de grupos populacionais (por raça, *status* social e classe social) refletem na criação de irmandades com devoções distintas (Fonseca, 2011).

As irmandades foram responsáveis pela organização dos valores éticos, governamentais e comportamentais nas regiões mineiras, assim como desempenharam, inicialmente, a função da cobrança de impostos. Vale ressaltar que no território mineiro, no princípio, as irmandades surgiram apenas pelo simples interesse das pessoas de se reunirem. Além disso, era por meio das irmandades que os negros podiam desenvolver um papel na sociedade religiosa sem que estivessem presos a sua situação de escravidão. No entanto, a participação nessas instituições demandava laboriosa participação (Boshi, 1986). Conforme Campos (2006), os direitos e deveres dos membros das irmandades consistiam em:

DEVERES	DIREITOS
Pagar entrada e taxa de anuidade	Missa de corpo presente
Participar de atos solenes e funerais	Enterro com participação da irmandade
Rezar pelos irmãos	Sepultura em solo sagrado
Pagar esmola extra a depender do cargo eleito	Receber ajuda em casos de doença e de tragédias pessoais

Quadro 01. Deveres e direitos das irmandades.

Fonte: Autoria própria baseado em “Introdução ao Barroco Mineiro” de Adalgisa Arantes Campos, 2006.

Outras instituições religiosas presentes no território mineiro eram as Ordens Terceiras³, de acordo com Campos (2006), em Minas Gerais, essas organizações começaram a ser formadas em 1740 - sendo as Ordens Terceiras: de São Francisco da Penitência e de Nossa Senhora do Carmo, as primeiras a serem estabelecidas. Segundo Boschi (1986), essas instituições tinham como objetivo alcançar a perfeição da vida como cristão e, para alcançar esse objetivo supremo, eram elaboradas regras e medidas de como agir no mundo. Ainda em conformidade com o autor, foi com São Francisco de Assis, durante o século XI, que as Ordens Terceiras adquiriram uma maior estruturação, a qual foi aprovada pelas autoridades eclesiásticas.

Para ser membro de uma Ordem Terceira, a seleção era mais rigorosa do que para as freguesias, pois era requerido uma postura ética visando os ideais da perfeição cristã. Dessa maneira, os integrantes em sua maioria eram pessoas abastadas “que desejavam seguir a regra franciscana ou carmelita, mas sem deixar a vida mundana, isto é, sem fazer voto de castidade ou de clausura”. (Campos, 2006, p.15). Além disso, fazer parte de uma Ordem Terceira conferia

³ Ordens Terceiras se diferem das irmandades por estarem diretamente ligadas às ordens religiosas, no entanto, não fazem parte do clero e nem voto de clausura e celibato, Campos (2006)

maior respeitabilidade social, assim como religiosa; por isso, muitas freguesias entravam com processo para se tornarem Ordens Terceiras, como a Ordem Terceira da Penitência (depois Ordem Terceira de São Francisco de Assis) (Boschi, 1986). Em conformidade com Campos (2006), as Ordens Terceiras eram distintas das Irmandades por:

- Apresentar processo seletivo mais rigoroso;
- Dever em pagar esmolas altas;
- Necessitar “seguir o calendário festivo das ordens primeiras e segundas” (Campos, 2006, p.15);
- Jejuar durante as datas sagradas;
- Utilizar iconografia específica (modelos europeus);
- Realizar, semanalmente, exercícios espirituais (durante o noviciado);
- Fazer o rito de profissão após o noviciado;
- Ser, frequentemente, inspecionado por autoridades do clero.

Por ser uma das principais vilas mineiras, essas instituições (tanto irmandades quanto Ordens Terceiras) também se estabeleceram em Vila Rica, principalmente, nas duas freguesias mais importantes e ricas - de Ouro Preto (N.S. do Pilar) e de Antônio Dias (N.S. da Conceição). A Quadro 02 - elaborada com base em Menezes (1975) - apresenta a listagem das ordens terceiras e irmandades de ambas elaborada a fim de demonstrar a quantidade (e quais) dessas instituições compunham as duas freguesias. No entanto, vale ressaltar que no território de Ouro Preto havia outras associações - como a Sociedade São Vicente de Paulo. Para a fundação de sedes paroquiais era necessário que o arraial já apresentasse certa estabilidade, além disso, em cada parte que houvesse uma freguesia, era preciso apresentar riquezas e certo nível de desenvolvimento (Fonseca, 2011). Vila Rica foi o único caso que apresentou duas sedes paroquiais. Ainda segundo a autora, essas freguesias também eram escolhidas para desenvolver atividades administrativas, como distribuição de terrenos e arrecadação de impostos.

FREGUESIA DE N. S. DO PILAR	FREGUESIA DE N. S. DA CONCEIÇÃO
ORDENS	
● Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo ● Ordem Terceira de São Francisco de Paula	● Ordem Terceira de São Francisco de Assis ● Ordem Terceira de Nossa Senhora das Mercês

• Ordem Terceira de Nossa Senhora das Mercês de Ouro Preto	
IRMANDADES	
• Irmandade de Nossa Senhora do Pilar • Irmandade do Santíssimo Sacramento • Irmandade do Arcanjo S. Miguel e Almas • Irmandade de Nossa Senhora do Rosário • Irmandade de Santo Antônio • Irmandade de Nosso Senhor dos Passos • Irmandade de São José • Irmandade de Sant'Anna • Irmandade dos Sagrados Corações de Jesus, Maria, José, Senhor de Matozinhos	• Irmandade de Nossa Senhora do Rosário • Irmandade de Nossa Senhora das Dores
OUTROS TEMPLOS	
• Capelinha de Nosso Senhor do Bonfim • Capela de Senhor Bom Jesus da Pedra Fria • Capela Cruz das Almas • Capela do Cemitério de Saramenha • Capela do Divino Espírito Santo (demolida)	• Capela de Sant'Anna • Capela de São Sebastião • Capelinha de Santa Cruz - Irmandade de Nossa Senhora do Rosário • Capelinha de Santa Cruz - Ladeira do Padre Faria • Capela de Nossa Senhora das Necessidades

Quadro 02. Listagem das ordens terceiras e irmandades presentes nas freguesias do Pilar e do Antônio Dias.
 Fonte: Autoria própria com base no livro *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto* de Joaquim Furtado de Menezes (1975).

No contexto urbanístico ouro-pretano, essas organizações eram responsáveis pela edificação e pelas melhorias realizadas nos edifícios religiosos. Devido à Coroa Portuguesa ter proibido a vinda de ordens regulares para as Minas Gerais desde o século XVIII, era responsabilidade das irmandades construir as Igrejas e Capelas. Além disso, as instituições leigas foram responsáveis por ações que deveriam ser executadas pela Igreja e pelo Estado, como ações de auxílio social, de arrecadação de bens monetários e de administração das construções religiosas (Fonseca, 2011).

De acordo com Fonseca (2011), as igrejas tinham um número determinado de irmandades a serem acolhidas, para que, assim, pudesse ocorrer a veneração dos santos mais relevantes, entretanto, vale destacar que nem todas as irmandades elevaram capelas próprias. A arrecadação dos meios monetários para construção já era realizada, segundo Menezes (1975), desde as primeiras ocupações do território por meio de cofres que ficavam próximos aos altares provisórios. No entanto, as irmandades não tinham a mesma condição financeira, o que causou disparidades em cada construção, como é descrito por Araújo (2018, p.285):

Assim, existiam as irmandades das elites locais, cujos templos muitas vezes eram melhor localizados e cujos ornamentos eram mais ricamente detalhados e mais carregados de ouro e outros materiais preciosos; as irmandades dos cristãos mais pobres e as irmandades negras, ambas de templos mais singelos e de localização mais periférica.

Era a partir da Matriz que as irmandades se reuniam e construíam os altares dos seus santos de devoção. Depois, migravam para capelas próprias, as quais dependiam de autorização eclesial para a construção. Desse modo, o processo de progressão das tipologias religiosas é descrita por Claudia Fonseca (2011, p.83): “a promoção destas ermidas à condição de capelas filiais e, mais tarde, de igrejas matrizes era, frequentemente, uma das consequências do crescimento e da prosperidade dos arraiais em que se situavam, mas também dos espaços rurais circundantes.”. Era a partir da grandiosidade, da dimensão e da quantidade de templos que se avaliava a relevância de cada arraial. Como consequência, era comum as disputas entre eles e entre as freguesias responsáveis por cada construção (Boschi, 1986).

Logo, o papel que as irmandades desenvolveram na consolidação da ocupação do território de Ouro Preto está relacionada com, primeiramente, o papel social desenvolvido por essas instituições em ser um meio de reunião dos fiéis e um apoio para pobres e doentes. Além disso, à medida que essas organizações construíam suas próprias capelas, maior era a dominação e conquista do território. Era a partir desses templos que os moradores edificaram suas residências, assim como era a partir da ligação entre esses templos religiosos e os espaços públicos que as ruas eram criadas, conforme Machado (2011). Outro papel que as irmandades desenvolveram é a atividade de administração civil, de loteamento, de cobrança de impostos e de formação ética da população, desempenhando, dessa maneira, atividades do Estado e da Igreja. A presença dessas irmandades fazia parte dos costumes sociais do país, por meio da quantidade dessas associações em cada localidade é possível constatar a densidade demográfica da região e, por meio da quantidade de capelas, a riqueza do território. Por fim, as irmandades eram responsáveis pelas melhorias feitas nos seus respectivos templos religiosos, dessa maneira, tiveram papel fundamental nas tipologias arquitetônicas presentes no território.

À medida que as irmandades ganhavam autonomia de construir suas próprias capelas, aumentavam sua dominância sobre o território de Ouro Preto. Por meio da figura 18, a qual foi elaborada por Machado (2010) com base no Mapa de Vila Rica de 1800, o autor demonstra como o tecido urbano da cidade foi se formando ao longo dos anos ao apresentar as datas de edificação dos templos religiosos:

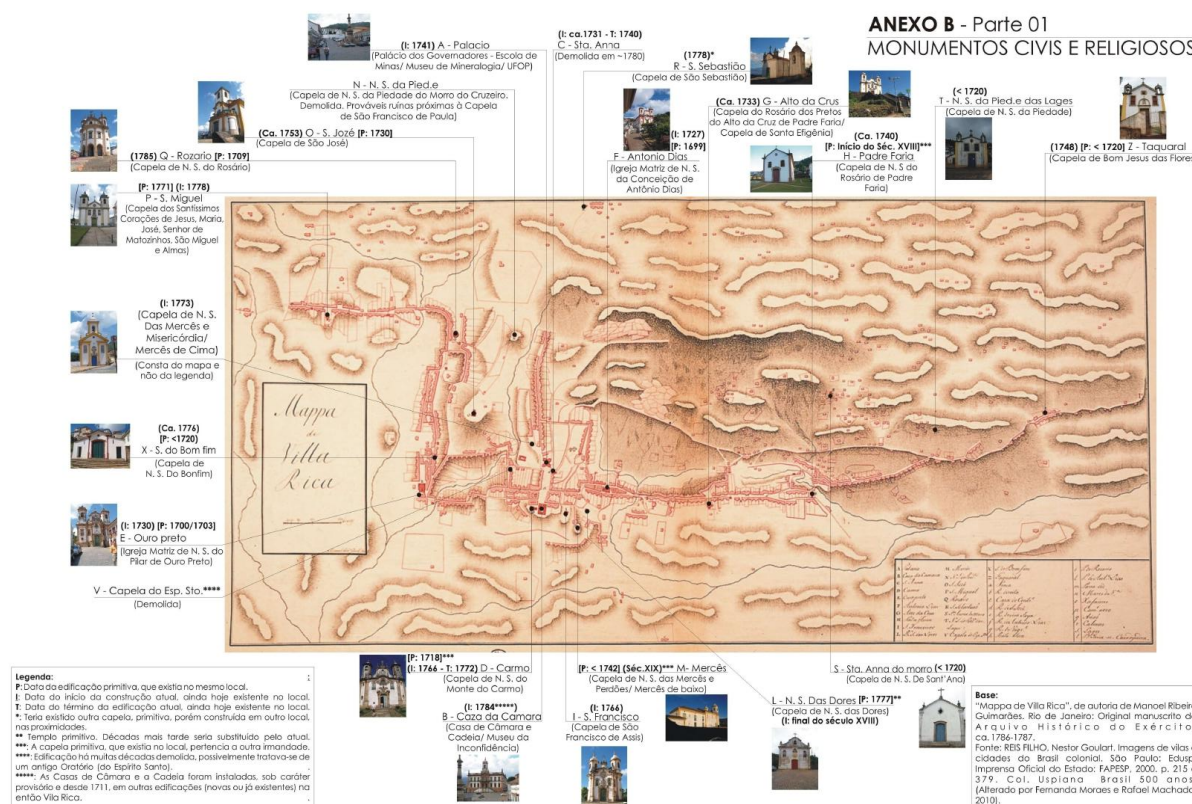


Figura 18. Mapa de Vila Rica com a localização de monumentos civis e religiosos.
Fonte: Machado, 2010, p.253

A quantia de edifícios religiosos presentes no território, além de demonstrar uma profunda devoção ao catolicismo, reforça como foi necessário: densidade demográfica (para formar diversas irmandades), grande quantidade de dinheiro (riqueza) para elevação dessas construções e desenvolvimento urbano, pois a cada capela ou igreja construída um novo núcleo era dominado e iria se formar; e, assim, o tecido urbano da futura cidade se consolidava cada vez mais. Além disso, o amplo repertório de construções religiosas na cidade possibilita o estudo e a compreensão dos diferentes estilos que estiveram na cidade durante o século XVIII até meados do século XIX, assim como entender as diferentes tipologias de fachadas presentes nesse período.

PARTE 2

ARQUITETURA RELIGIOSA EM OURO PRETO ATÉ MEADOS SÉCULO XIX: AS TIPOLOGIAS DAS FACHADAS ANTECEDENTES E ANÁLISE CRÍTICA DA FACHADA DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO PILAR

2.1 - A RELAÇÃO ENTRE A RELIGIÃO E A URBANIZAÇÃO EM OURO PRETO NO INÍCIO DO SÉCULO XVIII

Devido à proibição de ordens primeiras e segundas no território mineiro, a arquitetura religiosa pode ser resumida em três tipologias: capelas primitivas, igrejas e matrizes, conforme Oliveira (2010). O partido das capelas primitivas, de acordo com a autora, teria origem nas ermidas e capelas de Portugal, em especial, das regiões do Minho e Beiras. Santos (1951, p.153) reforça a origem desses modelos construtivos, ao afirmar que vieram das aldeias do norte de Portugal e que “na primeira fase da mineração teria sido transplantada, por assim dizer ‘em bloco’ para as Minas [...]”, por imigrantes portugueses. Além disso, Oliveira (2010) destaca que os santos padroeiros dessas edificações estão entre os santos mais populares de Portugal, dentre eles: Santana, São Sebastião, São João Batista, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora do Rosário e Santo Antônio.

As capelas seguiam uma tipologia básica em planta retangular com altar improvisado (figura 19). Conforme Oliveira (2010), a fachada apresentava superfície plana e lisa com duas torres laterais quadradas. Essa composição seria “uma versão tardia do maneirismo do século XVI” com tratamento provinciano. (Bury, 2006, p.109). No entanto, ainda de acordo com Oliveira (2010), devido à falta de mão-de-obra especializada e de “modelos eruditos de referência”, foram produzidos modelos bastante variados na região. Dangelo (2006, p.290) explica que, em Minas Gerais, até 1720 os templos foram construídos seguindo “[...] a busca da funcionalidade pragmática como determinante da forma dos modelos arquitetônicos empreendidos”.

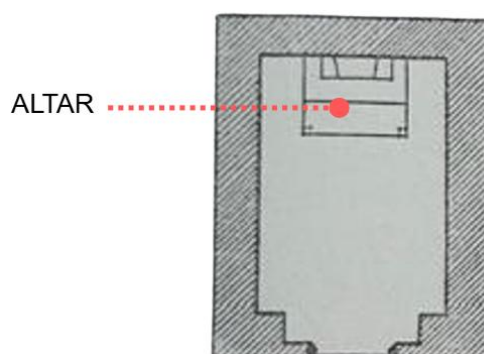


Figura 19. Planta da Capela de Nossa Senhora das Necessidades - Ouro Preto (MG)

Fonte: Elaborado pela autora com base em Santos, 1951, p.129

De acordo com Oliveira (2010), essa configuração da planta em três cômodos - a nave (para os fiéis) e a sacristia (para guardar os artefatos da missa) - foi característica da fase inicial da arquitetura religiosa. Essa etapa perdurou até por volta de 1740 e ainda perpetuam exemplos como a Capela do Padre Faria e de Bom Jesus das Flores. Essa divisão de cômodos, segundo Santos (1951), é possível de ser analisada inclusive do lado externo, visto que o conjunto apresenta volumes diferentes sendo a parte mais alta, a nave, seguida da capela-mor - ambas com telhado em duas águas - e, por fim, um volume modesto, a sacristia com telhado de uma água.

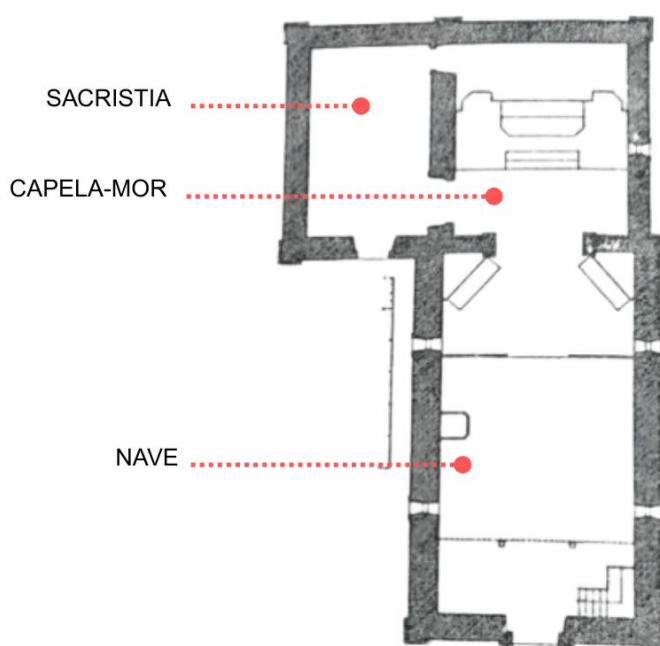


Figura 20. Planta da Capela de Nossa Senhora da Piedade - Ouro Preto (MG)

Fonte: Elaborado pela autora com base em Santos, 1951, p.130

Nas capelas da Serra de Ouro Preto (as únicas que ainda apresentam as características primitivas), o principal sistema construtivo seria composto pela utilização de canga, isso

porque, esse material seria encontrado em abundância e de fácil exploração (Santos, 1951). A técnica do pau-a-pique, predominantemente utilizado pelos bandeirantes, foi utilizada nas primitivas capelas das freguesias do Antônio Dias e do Pilar, as quais dariam origem às futuras matrizes (Santos, 1951). Vale ressaltar que após a reconstrução da Matriz do Pilar por volta de 1730, a técnica construtiva utilizada seria a taipa. A feição das capelas construídas de pau-a-pique é descrita por Santos (1975, p.158 e 159):

Quando construídas de pau a pique, as capelas adquirem fisionomia diferente, em consequência da presença dos esteios, e vigas (traves) visíveis do exterior, e também dos beirais que avançam para a frente da empena. Estes últimos têm a função principal de afastar, das paredes de barro, as águas da chuva, precaução que diminui de importância quando, como na Serra de Ouro Preto, as paredes são de alvenaria de canga. Daí a inexistência, nas capelas dessa Serra, de beirais salientes nos frontispícios.

Dessa forma, tanto a planta quanto o sistema construtivo, assim como as soluções plásticas intervêm na fisionomia da fachada. No entanto, no território mineiro existia uma tipologia predominante de fachada nas capelas composta por “duas pilastras de canto, encimadas por coruchéus ou sineiras, marcam os cunhais; uma empena, com um óculo de centro, arremata o telhado; e uma larga porta na nave e duas portas-sacadas (ou janelas) no coro [...]” (Santos, 1951, p.153) (figura 21).

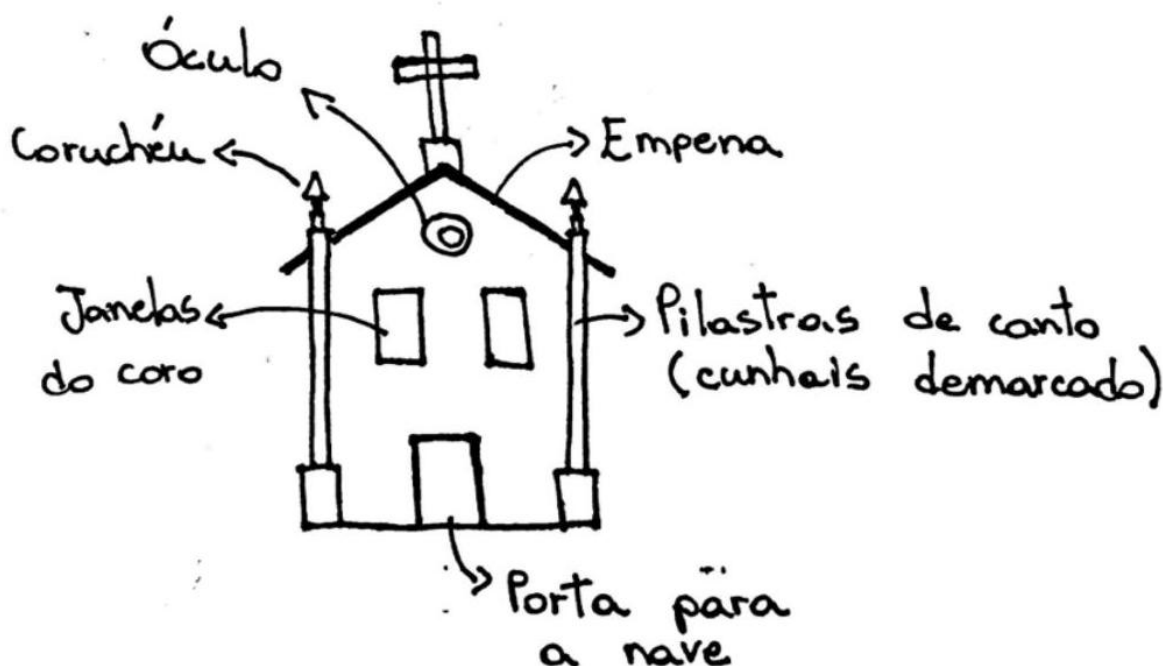


Figura 21. Croqui da fachada das capelas primitivas.
Fonte: Elaborado pela autora com base em Santos (1951).

Esse modelo também seria o principal arranjo utilizado na arquitetura religiosa de Ouro Preto, como salienta Santos (1951), presente em dez das doze igrejas e em cinco das sete capelas. Entretanto, como reforça Oliveira (2010) a estruturação das fachadas iria se diferenciar,

principalmente, pela localização dos sinos e das sineiras. Isso porque, segundo Santos (1951), algumas sineiras foram impostas na empena, outras foram construídas externas às edificações - podendo ser alojadas nas paredes dos frontispícios ou em campanários, como a Capela de São Sebastião (figura 22).



Figura 22. Capela de São Sebastião no Morro de Sebastião 1923-1948

Fonte: Acervo Luiz Fontana. Disponível em: <https://ouropreto.mg.gov.br/luizfontana/?page_id=1628>. Acesso em 07 de agosto de 2025

Ainda existe um outro modelo de fachada de capelas com torre central no meio da empena, as quais seriam antecessoras de templos, como a Igreja de N. S. das Mercês e Misericórdia e da Igreja de São José. Diferentemente da tipologia com frontão e empena, as capelas com torre única devem apresentar três beirais - dois laterais interligados por um no centro como demonstrado na figura 23.

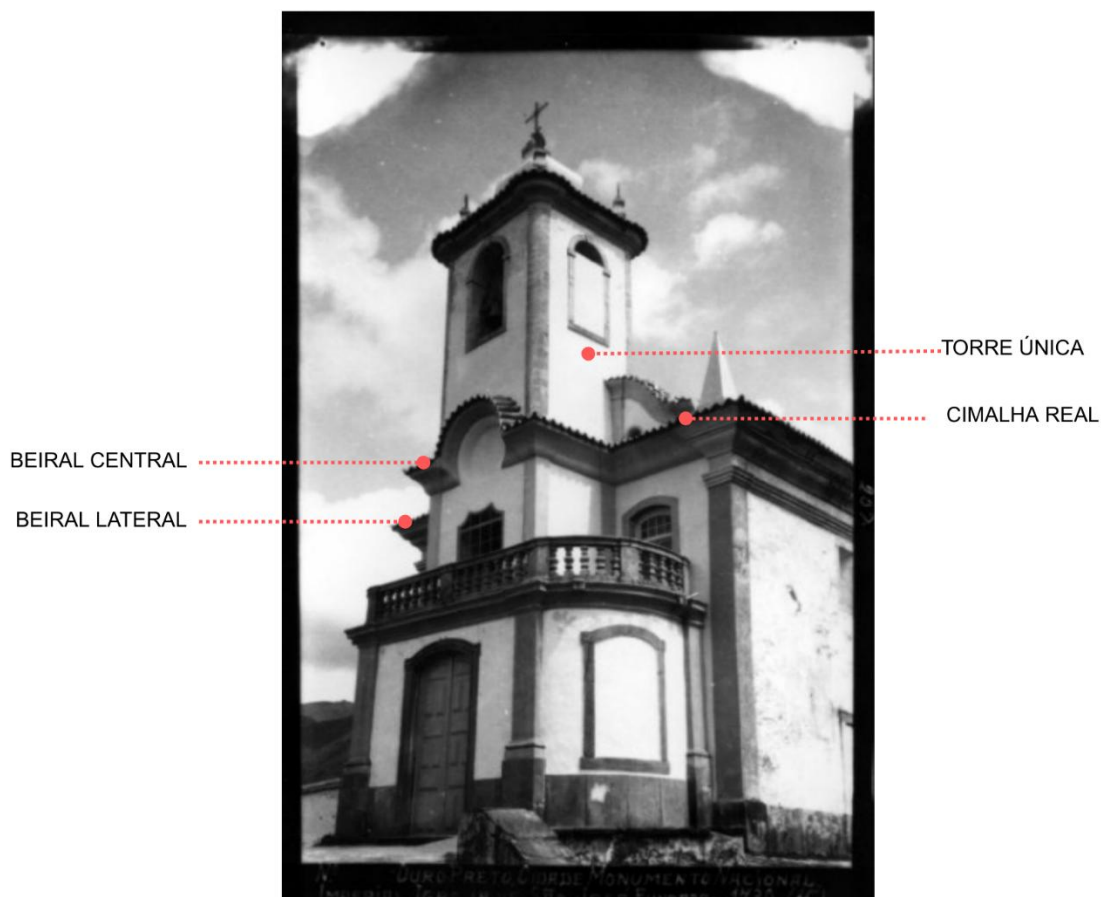


Figura 23. Modelo de capela com torre central, Capela de São José 1923-1948.

Fonte: Acervo Luiz Fontana. Disponível em: <https://ouropreto.mg.gov.br/luizfontana/?page_id=1628>. Acesso em 07 de agosto de 2025

Posteriormente à construção das capelas, as matrizes foram a segunda tipologia das construções religiosas no território de Ouro Preto; o que foi possível graças à estabilização da vila (Oliveira, 2010). Segundo Oliveira (2010), essas construções eram grandes o suficiente com a finalidade de receber todos os fiéis das freguesias. Além disso, Dangelo (2006) destaca que para a construção das matrizes (nas quais existiam Vigárias Coladas⁵; como na Matriz do Pilar) o Rei ajudava financeiramente, bem como com folhas de ouro e alfaías.

As plantas das Matrizes seguiam as mesmas características das capelas primitivas com nave, capela-mor e sacristia. No entanto, conforme Oliveira (2010), se diferenciavam ao receber um pequeno batistério ao lado da entrada principal e corredores laterais à nave para acesso aos púlpitos, assim como a presença de consistório (local de reunião das irmandades), tribunas (para a população abastada) e coro no piso superior. Fugiram da tipologia de planta retangular maneirista a Matriz de Nossa Senhora da Conceição e Matriz de Nossa Senhora do Pilar; a primeira “com seus ângulos chanfrados na nave” e a segunda com “decágono de forma elipsoidal que forma a nave”; ambas relacionadas ao “barroquismo lisboeta da transição dos séculos XVII e XVIII” (Dangelo, 2006, p. 294).

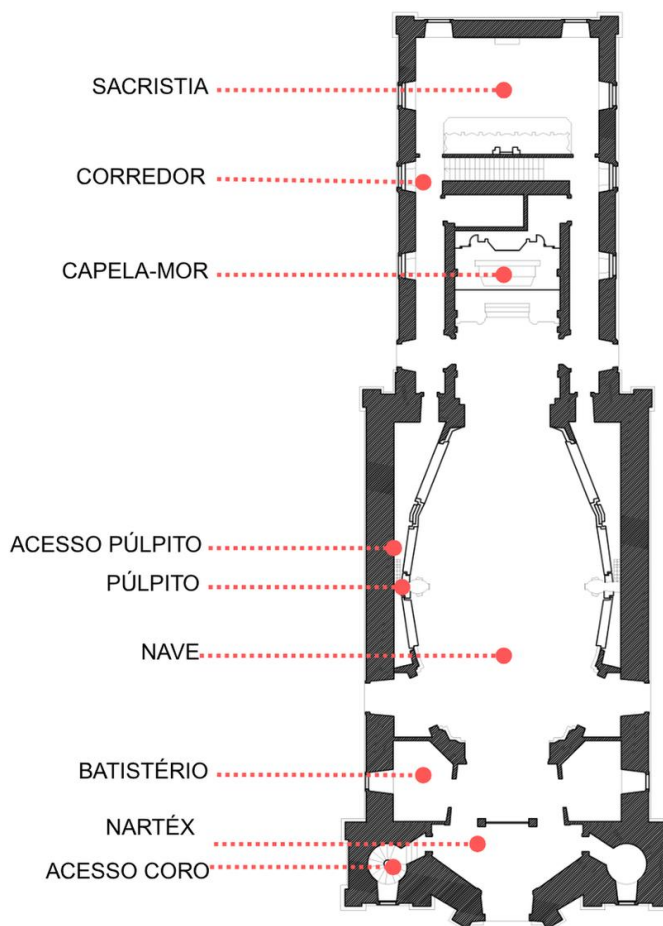


Figura 24. Planta da Matriz do Pilar - Ouro Preto (MG)
 Fonte: Chagas, 2014, p.175

No que se refere às fachadas desses templos, inicialmente, era realizada uma forma de acréscimo sobre a construção da antiga capela primitiva, como descreve Santos (1951), a empena frontal era descontinuada por duas torres laterais. Dessa forma, conclui o autor, “o frontispício das igrejas - reduzido às suas linhas essenciais - se assemelha ao do tipo mais característico de capela com o acréscimo de duas tôrres, uma de cada lado.” (Santos, 1951, p.161). Oliveira (2010) destaca que nas torres haviam sinos imponentes, os quais tinham a capacidade de serem ouvidos a grandes distâncias. Os telhados dessas construções eram de telhas, tanto para o corpo da Igreja quanto para as torres, e, conforme Oliveira (2006), essas coberturas formavam “volumes escalonados” decrescente de telhados da torre à sacristia. Além disso, as fachadas eram caracterizadas por formas geométricas simples e linhas retas, em conformidade com Santos (1951, p.161), essas fachadas eram compostas, no geral, por um frontão triangular protegido por telhas, duas torres quadradas “com telhados pontudos” e “pilastras reforçam os ângulos das paredes e sustentam entablamentos de forte modenatura”. Um exemplar desta tipologia é a Igreja Matriz de São Bartolomeu (figura 25), localizada no

distrito de São Bartolomeu, em Ouro Preto (MG), a qual apresenta torres alinhadas com o corpo da igreja e frontão triangular com empena interrompida pelas torres.



Figura 25. Igreja Matriz de São Bartolomeu – Distrito de São Bartolomeu, Ouro Preto (MG)

Fonte: <https://www.joaquim.org.br/restauracao-em-s%C3%A3o-bartolomeu>

Assim, as matrizes de Ouro Preto, inicialmente, não inovaram na configuração da planta e na composição das fachadas, conforme Oliveira (2010), seguiram modelos consolidados em outras regiões do país, como Rio de Janeiro. Além disso, explica a autora, o motivo da simplicidade das partes externas estava diretamente ligada às técnicas construtivas que não faziam o uso da pedra e às características de simplicidade da arquitetura Portuguesa. Bury (2006) afirma que, os construtores desses templos buscavam a ornamentação interior da construção em contraponto ao exterior singelo. Essa tipologia de fachada com duas torres e frontão triangular se estenderia para a maioria das Igrejas da cidade durante a primeira metade do século XVIII. Bury (2006) descreve essas fachadas como pertencentes ao maneirismo no estilo jesuítico, enquanto Oliveira (2010) considera como barroco o estilo que esteve presente no território de Ouro Preto desde as capelas primitivas. Apesar das divergências entre os autores, esses estilos de fachadas e de plantas - proveniente das matrizes - seriam amplamente utilizados na paisagem desde a segunda metade do século XVIII até a segunda metade do século XIX, como informa Bury (2006, p.120):

Não apenas nas igrejas paroquiais dos núcleos populacionais menores e nas capelas das fazendas, mas até mesmo em Ouro Preto, nas capelas das irmandades mais humildes; um estilo tradicional, que descende diretamente das grandes matrizes setecentistas da província, continuou a ser largamente empregado, desde o terceiro quartel do século XVIII até o fim da era imperial (1889).

Além dessa configuração inicial das fachadas das igrejas, a partir da metade do século XVIII, essas construções começam a apresentar frontispício mais curvilíneo. Segundo Bury (2006), os principais núcleos de exploração do ouro já se encontravam estabelecidos, tanto no contexto urbano quanto populacional, e continham, cada um, uma matriz “em estilo jesuítico”. Ainda de acordo com o autor, isso foi possível graças à chegada de inspirações de modelos europeus nos estilos barroco e rococó, as quais teriam vindo com os filhos dos primeiros desbravadores bem-sucedidos da região que estudaram em Portugal. Já Dangelo (2006) afirma que esses herdeiros buscaram referências tanto em outros locais do Brasil quanto em Portugal sendo os estilos predominantes nessas regiões: o Barroco tardio e o Rococó ornamental; tendo o estilo Pombalino como referência. Dessa maneira, esses descendentes realizaram o papel de embelezar, por meio da arquitetura, suas cidades natais; assim, era necessário “que as novas igrejas refletissem sua inteligência versátil, sua educação acadêmica, seus gostos artísticos e a aspiração de emancipar o Brasil de Portugal.” (Bury, 2006, p.110).

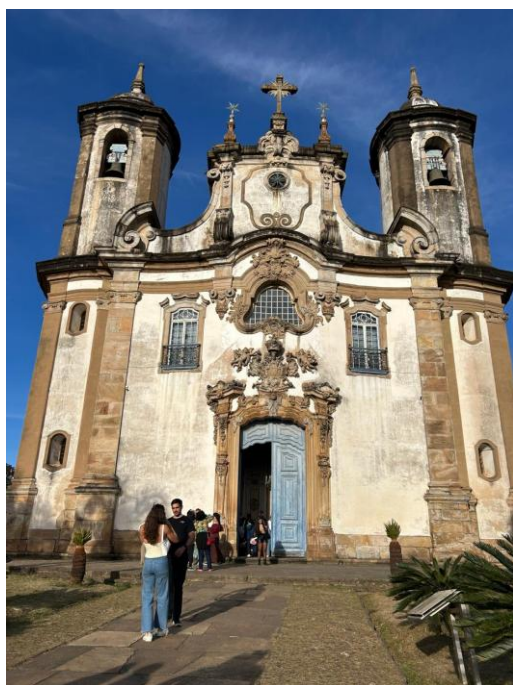
No entanto, além dos descendentes do território brasileiro, devido a sua relevância na produção artística e arquitetônica, um outro grupo se destaca: os imigrantes portugueses. Vindos principalmente do norte de Portugal das regiões próximas ao Douro e ao Minho (Dangelo, 2006). De acordo com Dangelo (2006), em função da escassa mão-de-obra presente no território, as normas da duração de aprendizagem e de compromisso com o mestre eram mais flexíveis, o que permitia maior autonomia para os jovens oficiais e tornaram a região atrativa para essa parcela da população. Outro ponto que propiciava a vinda para Minas Gerais, era o valor pago a esses profissionais, em virtude da alta demanda por seus serviços e da pouca oferta de mão-de-obra especializada (Vasconcellos, 2011).

A vinda desses imigrantes para o território brasileiro seria de extrema importância para a arquitetura religiosa de Ouro Preto. Isso porque apesar das diversas vantagens de vir para o Brasil, essa parcela da população sentiu dificuldades de deixar a terra natal e, assim, mantiveram estreitas relações com os conterrâneos. Dessa maneira, como explica Dangelo (2006), a relação Brasil-Portugal se estendeu como um amplo campo para trocas de projetos, o que possibilitou a circulação de informações do contexto arquitetônico europeu no Brasil e, assim, influenciou a arquitetura brasileira. Bury (2006) destaca que era comum em Portugal e na Espanha o envio de projetos (religiosos ou civis) para as colônias. Outra informação que Dangelo (2006) revela sobre esses imigrantes era a permanência temporária que eles faziam na cidade do Rio de Janeiro - devido ao tempo de viagem - antes de irem para Minas Gerais, sendo assim, a cidade carioca era um importante entreposto para conhecimento das escolhas estéticas que estavam sendo adotadas pelos oficiais, arquitetos e construtores no local. Essas relações tanto com

Portugal quanto com outras regiões do país influenciaram diretamente as decisões adotadas na arquitetura religiosa de Ouro Preto, segundo Dangelo (2006, p.328):

[...] é preciso lembrar que a criatividade exercida na construção das igrejas da segunda metade do século XVIII está intimamente ligada a uma rede de conexão entre as diversas regiões brasileiras, inexistente antes do ciclo do ouro mineiro, o que possibilitou que um maior intercâmbio de fontes e trânsito de culturas entre a população das diversas regiões do Brasil e da Metrópole.

Entre as influências, a principal procedeu da região de onde a maior parte dos imigrantes portugueses vieram: o barroco-rococó do Minho, especialmente em Braga e arredores, cujo principal representante foi André Soares, o qual teria exercido certa influência no desenvolvimento do estilo de Aleijadinho (Smith⁴, 2012). Essas inspirações teriam sido peça fundamental para o desenvolvimento do estilo do artista, que embora a produção não possa ser caracterizada a partir da originalidade defendida pelos modernistas, se destaca como inovador pelo brilhantismo de sua composição em combinar o barroco e o rococó - apesar de serem estilos distintos (Bury, 2006).



Figuras 26 e 27. Igreja de Nossa Senhora do Carmo (à esquerda) e Igreja de São Francisco de Assis (à direita).
Fonte: Autoria própria.

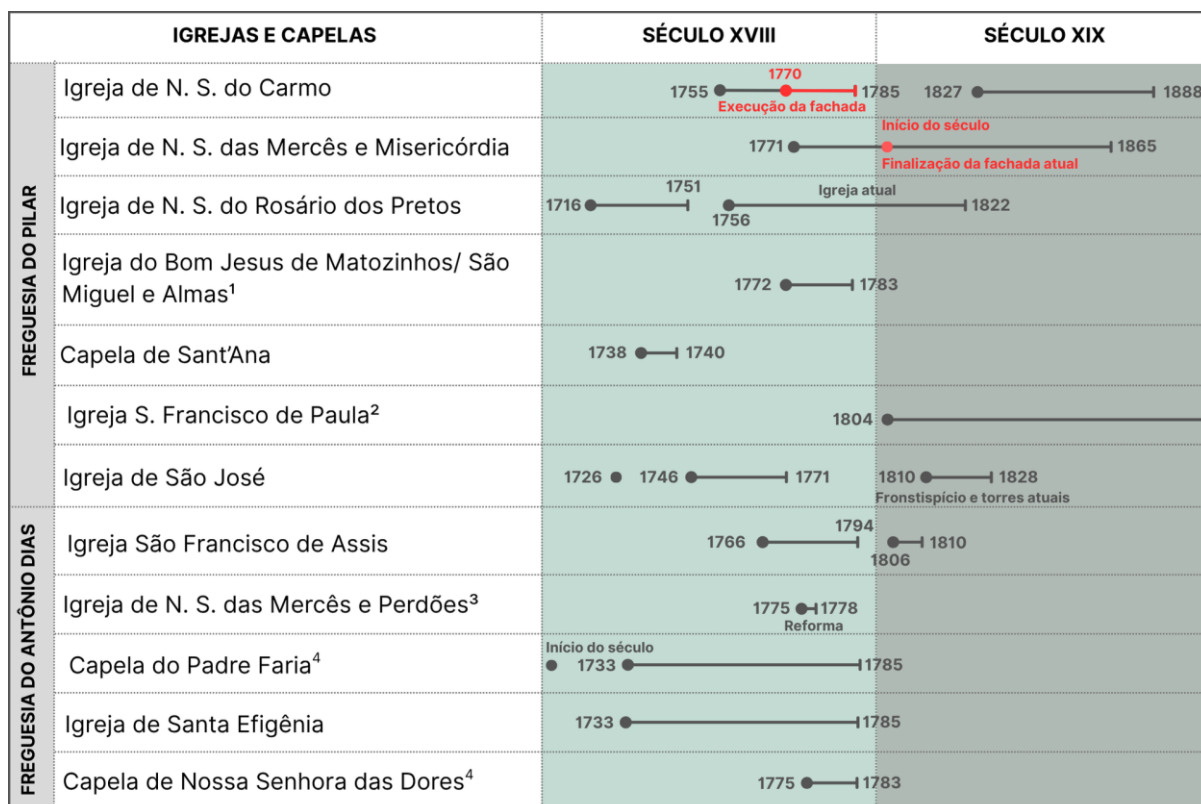
As fachadas curvilíneas seguiam a mesma tipologia das igrejas lineares, no entanto, adotaram “torres circulares ligadas ao frontispício por segmentos curvos” na São Francisco de Assis e “torres arredondadas e fachada sinuosa” na Nossa Senhora do Carmo, (Oliveira, 2010, p. 108). No entanto, vale destacar que a Igreja de N. S. do Carmo foi iniciada pelo pai de

⁴ “Smith se tornou uma das pessoas mais estimadas pelo órgão que no Brasil se ocupa da proteção e do estudo sistemático de nossos monumentos, o então Serviço e agora Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.” (José Valladares in Smith, 2012)

Aleijadinho, Manuel Francisco Lisboa, dessa forma, sob a percepção de Santos (1951), esse templo ainda se assemelha mais ao grupo de igrejas lineares do que a Igreja de São Francisco de Assis. Bury (2006) confirma essa percepção de familiaridade do Carmo com a tipologia tradicional ao reportar que a construção demonstra a transição entre os estilos do maneirismo e do rococó apesar do frontão curvilíneo e torres arredondadas. Vale destacar que o recuo em um palmo das torres do Carmo foi decidido durante as obras já após a aprovação do risco, em conformidade com Bazin (1956), a fim de romper com a rigidez da fachada.

Ademais, uma característica que as edificações religiosas adotaram foi a substituição da cobertura das torres que eram de telhas por cúpulas de alvenaria, de acordo com Santos (1951), essa mudança foi essencial para mudar o caráter primitivo dos templos. Outro aspecto também adicionado a essas construções foram as portadas ornamentadas em pedra-sabão, em Ouro Preto “sete fachadas de igrejas da segunda metade do século XVIII apresentam essas portadas, verdadeiro selo de identidade do rococó religioso da região.”(Oliveira, 2010, p.115).

Depois, principalmente por volta do meio do século XVIII, o barroco e o rococó foram sendo incorporados nos templos da cidade com novas construções ou com elementos novos em algumas igrejas e capelas que sofreram modificações ou complementações durante o próprio século XVIII. Além disso, nas últimas décadas do século XVIII, outras construções religiosas foram edificadas - por exemplo, Igreja do Bom Jesus de Matozinhos e São Miguel e Almas, assim como durante o século XIX novos templos foram elevados, como a São Francisco de Paula. Para demonstrar essas construções e alterações foi elaborado uma linha do tempo na Figura 28 com as datas de modificações.



¹ Nem o frontispício, nem as torres correspondem a esse período

² Foi finalizada apenas no século XX.

³ Capela do Bom Jesus dos Perdões (século XVIII; sem data específica) doada em 1760 para a Irmandade.

⁴ Sofreu modificações posteriores na década de 1940.

Figura 28. Gráfico com datas de início e fim da construção e modificação das igrejas e capelas das freguesias do Pilar e do Antônio Dias.

Fonte: Produzido pela autora com base em *Barroco e Rococó nas Igrejas de Ouro Preto e Mariana - Volume II* (2010) de Myriam A. Ribeiro de Oliveira e Adalgisa Arantes Campos; *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil - Volume II (1956)* de Germain Bazin; e, *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto* (1975) de Joaquim Furtado de Menezes.

Além disso, as figuras 29 e 30 apresentam a Capela do Padre Faria e as figuras 31 e 32 a Capela de Nosso Senhor do Bonfim, a fim de apresentar que ambas as capelas foram alteradas já no século XX para serem remodeladas à modelos típicos do século XVIII. Essas iconografias permitem constatar que essas construções também tiveram alterações, supostamente no século XIX, por causa dos frontões sinuosos, no entanto receberam intervenções em meados do século XX, sob o pretexto de resgatar suas características originais.



Figura 29. Foto da Capela do Padre Faria na década de 20.

Fonte: Autoria desconhecida. Disponível em:

<<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasilliana/handle/20.500.12156.1/4040>>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

Figura 30. Foto da Capela do Padre Faria atualmente.

Fonte: Disponível em: <<https://www.ouopreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/598>>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.



Figura 31. Foto Capela de Nossa Senhor do Bonfim 1923-1948.

Fonte: Acervo Luiz Fontana. Disponível em: <https://ouopreto.mg.gov.br/luizfontana/?page_id=1628>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

Figura 32. Foto da Capela de Nossa Senhor do Bonfim atualmente.

Fonte: Disponível em: <<https://www.ouopreto.mg.gov.br/turismo/atrativo-item/637>>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

Assim, vale destacar que as igrejas e capelas não se mantiveram intactas desde sua origem, isso porque, foram ampliadas e constantemente modificadas. À medida que - por diversos motivos como disputas entre ordens terceiras e irmandades, atualizações de estilos e financiamento de altares por irmandades e congregações - crescia o desejo de engrandecer e embelezar a Casa de Deus; como é o caso da Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

2.2 - ANÁLISE HISTÓRICA E COMPOSITIVA DA ATUAL FACHADA DA MATRIZ DO PILAR

A veneração à Nossa Senhora do Pilar, apesar de origem espanhola, chegou ao Brasil pelos colonos portugueses e em Ouro Preto, com os desbravadores paulistas. A imagem da santa é composta pela Virgem Maria sobre um pilar com o menino Jesus no colo (figura 33). Em devoção à Santa Maria, a capela primitiva da Matriz do Pilar teria surgido por volta dos primeiros cinco anos do século XVIII (Oliveira, 2010). Pouco tempo depois, de acordo com Oliveira (2010), por volta de 1710, sofreu alterações para exercer a função de Matriz.

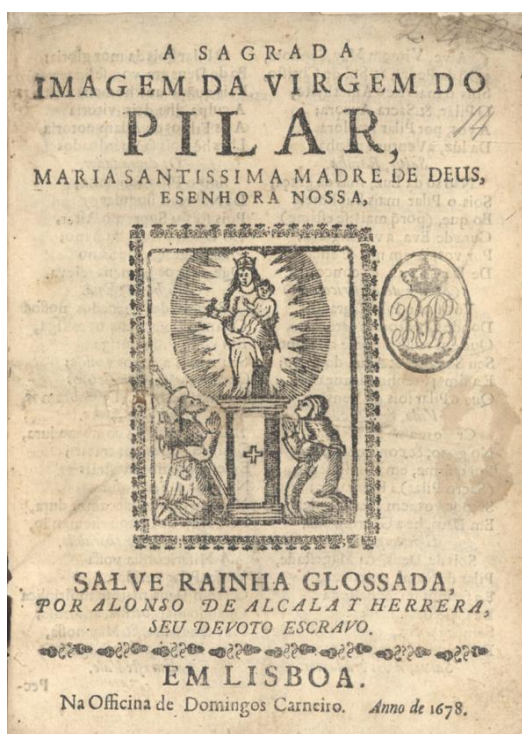


Figura 33. Capa da oração escrita à N. S. do Pilar na oficina de Domingos Carneiro em 1678.

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em:

<<https://bndigital.bnportugal.gov.pt/records/item/86812-a-sagrada-imagem-da-irgem-do-pilar-maria-santissima-madre-de-deus-e-senhora-nossa?offset=1>>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

A construção e o projeto da Matriz do Antônio Dias, assim como da Matriz do Pilar estiveram diretamente relacionados com os irmãos Antônio Francisco Pombal e Manoel Francisco Lisboa (Dangelo, 2006). Além dos dois parentes carpinteiros, destaca o Engenheiro Militar Pedro Gomes Chaves ao qual “o Vereador Segundo de Mariana, no manuscrito do “Relato dos fatos notáveis”, atribui o risco original da Matriz do Pilar de Vila Rica, por volta de 1720, ainda que a obra somente tenha sido arrematada em 1731.” (Dangelo, 2006, p.298):

No entanto, dentro da nossa análise sobre a cultura arquitetônica dos engenheiros militares, sabemos que existia, sobretudo a partir da contaminação do espírito barroco em Portugal no último quartel do século XVII, um certo gosto por uma arquitetura ligada aos traçados geométricos de polígonos, tradição militar antiga, já muito consolidada nos traçados das fortificações. Assim, custa-nos aceitar a tese proposta por Bazin (1983) e outros estudiosos – uma vez que os documentos não são claros – que o decágono inscrito, responsável pela inauguração nas terras mineiras da espacialidade barroca plena da nave da igreja do Pilar em Ouro Preto, seja visto simplesmente como uma simples intervenção posterior ao projeto original, atribuída ao Mestre-carpinteiro Antônio Francisco Pombal, atuando sobre o projeto do Engenheiro Militar Português Pedro Gomes Chaves.

A partir de 1730, o templo passou por uma ampla reforma - sendo necessária a transferência do Santíssimo Sacramento para a Capela do Rosário - para reconstruir a igreja que já se encontrava em péssimo estado de conservação (Oliveira, 2010). Em 13 de agosto de 1730, João Fernandes de Oliveira recebe a escritura para realizar a obra, (Menezes, 1975). Entretanto, especula-se que as atividades tenham começado posteriormente, já que na data de 4 de janeiro de 1731, O Santíssimo Sacramento foi transferido para a capela da Irmandade do Rosário, conforme Bazin (1956). Dessa maneira, ainda de acordo com o autor, apenas na data de 01 de abril de 1731 foi realizado o compromisso de edificação da nova Matriz. Devido à necessidade de ter um lugar para os cultos, “a construção começou pelo corpo da igreja, sendo preservada apenas a capela-mor até finalizar a primeira parte da obra.” (Menezes, 1975, p.58). Pouco tempo depois, em 24 de maio de 1733 é realizada a procissão de volta do Santíssimo Sacramento para a Matriz: Triunfo Eucarístico (Bazin, 1956). Entretanto, a obra ainda não teria sido finalizada quando a festa foi realizada, se estendendo ainda nas datas de:

- **11 de maio de 1736:** “Antônio Francisco Pombal foi o arrematante por 12 mil cruzados ‘da obra do forro da igreja, cimalha e pés-direitos, a ser executada segundo o risco escolhido e aprovado’”. (Bazin, 1956, p.79)
- **30 de abril de 1737:** “provisão de dinheiro para a construção da escada e de um dos púlpitos” (Menezes, 1975, p.58)
- **2 de agosto de 1741:** aumento da capela-mor.

“Decidiu-se ampliar a capela-mor [isto é, demolir a antiga e construir outra maior], o que seria realizado ‘pelo novo risco que para ela deu o Sargento-Mor novo, engenheiro Pedro Gomes Chaves’. O trabalho seria confiado a Antônio Francisco [...] mas Pombal não pôde terminar a obra, nem cumprir suas obrigações. Por ter declarado falência, passou sua conclusão para a responsabilidade de Antônio dos Santos Portugal.” (Bazin, 1956, p.79)

Depois da obra ter sido concluída foram necessárias vistorias e reparações poucas décadas depois em:

- **6 de julho de 1755:** Inácio Pinto Lima, Manoel Francisco Lisboa, Antônio Alves de Araújo e Custódio Alves de Araújo foram examinar o zimbório da capela-mor e concluíram que não duraria por muitos anos, Martins (1974).
- **10 de junho de 1759:** “Contrato com Pedro Correa Alves para consertar as duas torres, que eram de madeira.”(Bazin, 1956, p.79)
- **26 de maio de 1780:** “Foi encontrada menção do conserto "na torre da igreja", pelo qual Leão Machado recebeu 3 oitavas de ouro.” (Bazin, 1956, p.79)

Por meio de análise em desenhos da primeira metade do século XIX, foi possível constatar que a Matriz do Pilar seguia a tipologia tradicional das matrizes descritas anteriormente. Nas figuras 34 e 35 a igreja é representada com frontão triangular com óculo e arremate de uma cruz latina; possivelmente, torres alinhadas com a fachada em formato quadrado, assim como cada torre tem uma sineira e um óculo; no corpo do templo há duas janelas para o coro e um óculo entre elas. Além disso, na figura 34 - cujo desenho foi feito por Thomas Ender em 1832 - a Igreja de Nossa Senhora do Carmo é demonstrada com frontão com curvas - o que sugere também precisão na representação do frontão do Pilar. Já na figura 35, desenho de Johann Nepomul Passini no século XIX, a qual contém maior quantidade de detalhes, a Matriz do Pilar também foi representada com a tipologia tradicional.

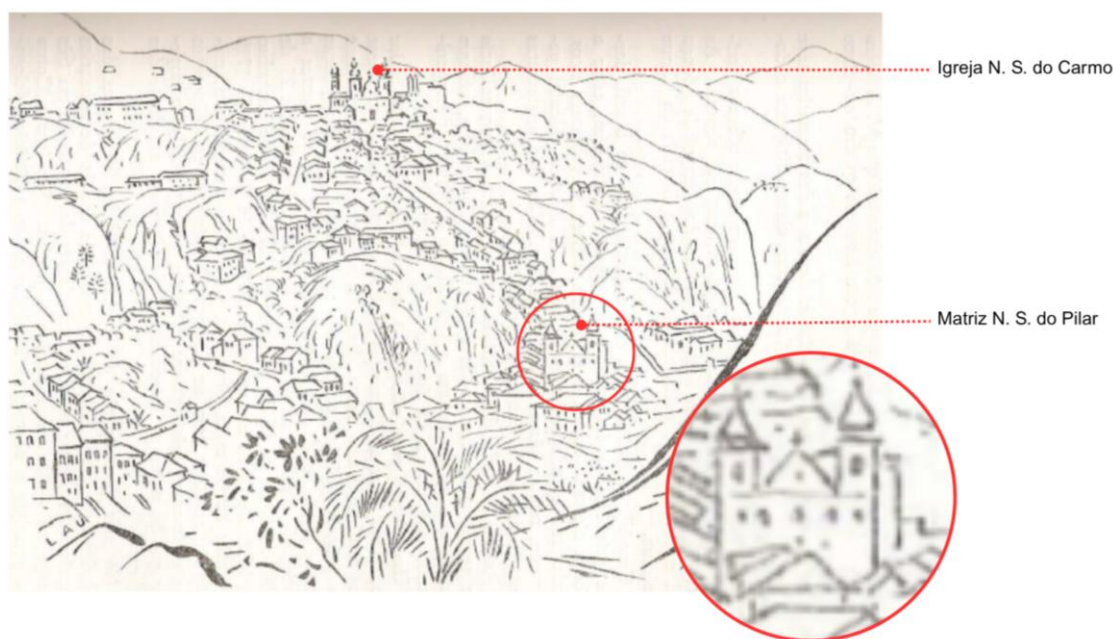


Figura 34. Matriz de N.S. do Pilar no século XIX.

Fonte: Desenho de Thomas Ender, 1832, *apud*. Salgado, 2010 p.101 (Alterada pela autora)

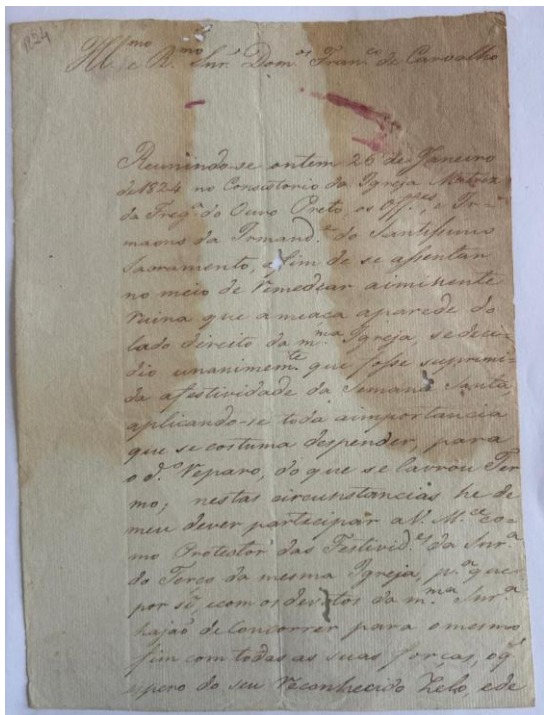


Figura 35. Matriz de N.S. do Pilar no século XIX.

Fonte: Gravura de Johann Nepomul Passini. Disponível em: <https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=94880>. Acesso em: 07 de agosto de 2015. (Alterada pela autora)

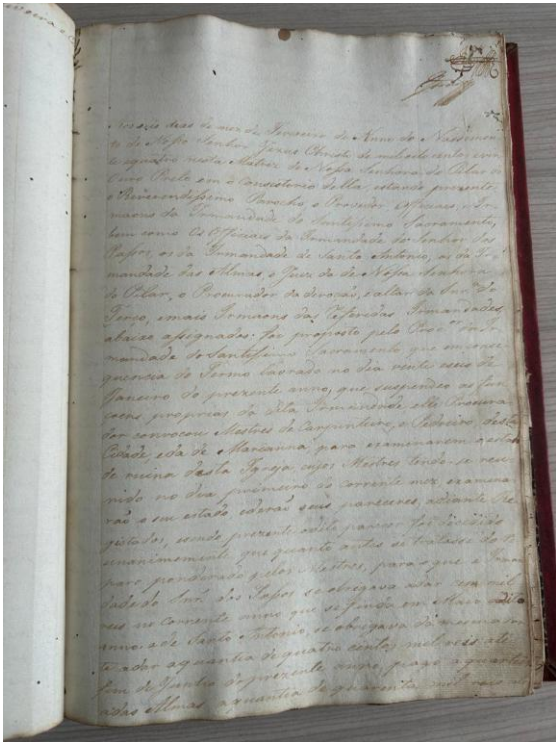
No primeiro quarto do século XIX, essa igreja se encontrava em péssimo estado de conservação. Por causa disso, em 1824, são convocados mestres pedreiros e carpinteiros para analisar o péssimo estado da Matriz, conforme registrado no Livro de Correspondências dos anos de 1820 a 1920 da Irmandade do Santíssimo Sacramento. A partir da carta escrita em 26 de janeiro de 1824, por Lucas Antonio de Souza Oliveira e Castro (Procurador da Irmandade do Santíssimo Sacramento) ao Irmão Domingos Francisco de Carvalho (Quadro 03), constata-se tamanho perigo que corria de ruir a parede do lado direito da Igreja (Acervo da Paróquia do Pilar - Livro de Correspondências dos anos de 1820 a 1920 da Irmandade do Santíssimo Sacramento - Volume nº 228 - Carta do ano de 1824.). Isso porque, a fim de tomarem precauções, decidiram ainda em janeiro suspender a festa da Semana Santa no templo, a qual representa a maior festividade da Igreja Católica quando se comemora a ressurreição de Jesus Cristo. Participaram da decisão os fiéis da Irmandade do Santíssimo Sacramento e o local de encontro foi a própria Matriz. Após o envio dessa carta, formalizaram na ata de reunião, do dia 06 de fevereiro de 1824 (Quadro 04), que os mestres pedreiros e carpinteiros das cidades de Ouro Preto e Mariana examinaram o estado da Matriz em 01 de fevereiro de 1824 (Acervo da Paróquia do Pilar - Livro de Termos e Acórdãos dos anos de 1729 a 1925 da Irmandade do Santíssimo Sacramento - Volume nº 225 - Página 94 frente). Os mestres emitiram um parecer técnico no qual confirmam a iminente ruína da parede do lado direito da Igreja por ela ser de

taipa, a parede esquerda também se encontrava deteriorada, porém em melhor estado (Acervo da Paróquia do Pilar - Livro de Termos e Acórdãos dos anos de 1729 a 1925 da Irmandade do Santíssimo Sacramento - Volume nº 225 - Páginas 94 a 97).

FOTO	TRANSCRIÇÃO
	“Resumindo-se ontem 26 de Janeiro de 1824 no Consistório da Igreja Matriz da Freguesia do Ouro Preto, os [palavra ilegível] e Irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento, a fim de se [palavra ilegível] no meio de remediar a iminente ruína que ameaça a parede do lado direito da mesma Igreja, se decidiu unanimemente que fosse suprimida a festividade da Semana Santa, aplicando-se toda a importância que se costuma depender para o reparo, do que se lavrou Termo; nestas circunstâncias he de meu dever participar a V. M. como Protetor das Festividades da Igreja, por si e com os devotos da mesma Igreja, para que por si e com os devotos da mesma Igreja, hajão de concorrer para o mesmo fim com todas as suas forças, agora espero do seu reconhecido zelo e devoção para com a Caza de Deus.” - Carta escrita por Lucas Antonio de Souza Oliveira e Castro (Procurador da Irmandade do Santíssimo Sacramento) ao Irmão Domingos Francisco de Carvalho.

Quadro 03: Frente de carta escrita em 27 de janeiro de 1824.

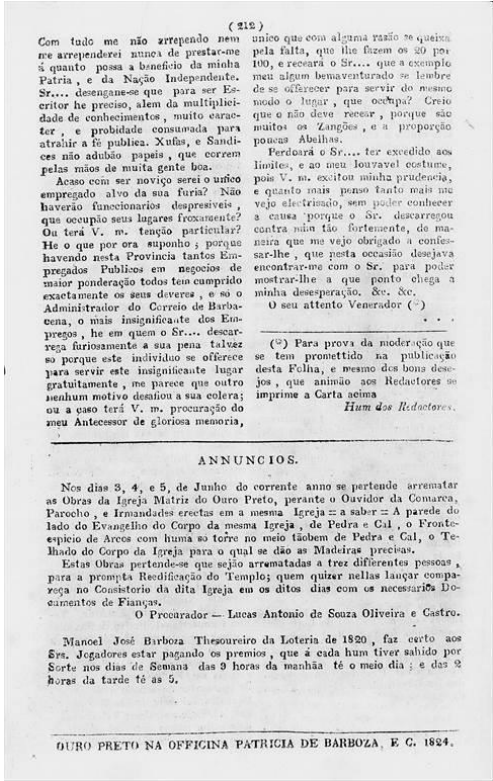
Fonte: Acervo da Paróquia do Pilar - Livro de Correspondências dos anos de 1820 a 1920 da Irmandade do Santíssimo Sacramento - Volume nº 228 - Carta do ano de 1824.

FOTO	TRANSCRIÇÃO
	“Aos seis dias do mês de Fevereiro do ano de nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte e quatro nesta Matriz de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto [...], foi proposto pelo Provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento que em consequência do Termo lavrado no dia vinte e seis de Janeiro do presente anno, que suspendes as funções próprias da Irmandade elle Procurador convocou Mestres de Carpinteiro e Pedreiro, desta cidade e da de Marianna para examinarem o estado de ruína desta Igreja, cujos Mestres tendo se reunido no dia primeiro do corrente mês, examinarão o seu estado e darão seus pareceres, adiante Registrados, sendo presente o dito parecer foi decidido unanimemente que quanto antes se tratasse do reparo ponderado pelos Mestres [...].”

Quadro 04: Ata de reunião de 06 de Fevereiro de 1824.

Fonte: Acervo da Paróquia do Pilar - Livro de Termos e Acórdãos dos anos de 1729 a 1925 da Irmandade do Santíssimo Sacramento - Volume nº 225 - Página 94 (frente).

Após a elaboração do parecer técnico dos mestres, em 12 de Maio de 1824, é anunciado no Jornal “Abelha do Itaculúmy” (edição nº 53) que era pretendido arrematar as obras da Matriz do Pilar. A reconstrução seria feita por três pessoas diferentes e a obra se estenderia pela parede do lado do Evangelho que seria de pedra e cal, pelo frontispício - o qual, inicialmente, se pretendia ser de arcos com apenas uma torre no centro - e pelo telhado da antiga construção. Menezes (1975) ainda completa que tanto o batistério quanto a casa de Nosso Senhor dos Passos também seriam reconstruídos. De acordo com o autor, uma comissão especial foi designada para fazer as decisões necessárias referentes à obra e Manoel Fernandes da Costa seria o responsável pela administração das atividades. Além disso, ainda segundo o autor, foi decidido não fazer as obras por empreitada e, assim, foram todas arrematadas pelo Cel. José Veloso do Carmo.

FOTO	TRANSCRIÇÃO
	“Nos dias 3, 4, e 5, de Junho do corrente anno se pertende arrematar as Obras da Igreja Matriz do Ouro Preto, perante o Ouvidor da Comarca, Parocho, e Irmandades erectas em a mesma Igreja - a saber - A parede do lado do Evangelho do Corpo da mesma Igreja, de Pedra e Cal, o Frontispício de Arcos com hum so torre no meio tãobem de Pedra e Cal, o Telhado do Corpo da Igreja para o qual se dão as Madeiras precisas. Estas Obras pertende-se que sejam arrematadas a trez diferentes pessoas, para a prompta Reedificação do Templo; quem quizer nellas lauçar compareça no Consistório da dita Igreja em os ditos dias com os necessários Documentos de Fiangas. O Procurador - Lucas Antônio de Souza Oliveira e Castro.”

Quadro 05. Jornal “Abelha do Itaculumy” edição nº 53 do ano de 1824.

Fonte: Disponível em:

<<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=778931&pesq=&pagfis=212>>. Acesso em: 09 de julho de 2025.

Em 26 de fevereiro de 1828 decidiram mudar a proposta inicial de apenas uma torre, isso porque o Capitão Francisco Machado da Luz teria afirmado que a Matriz ficaria pouco iluminada e, por falta de espaço, não seria possível construir o batistério e a casa do Senhor do Passos, dessa forma, foi proposta a construção de duas torres. No primeiro momento, foi decidido “conservar a parede do lado da Epístola, por estar em boas condições, concluir a do lado do Evangelho” (Menezes, 1975, p.57). A obra se estendeu por mais de 10 anos até a conclusão das torres sem a parte das sineiras:

- **Outubro de 1828:** José Veloso do Carmo recebe o primeiro pagamento pela execução da parede do lado da Epístola (Martins, 1974);
- **Janeiro de 1838:** José Veloso do Carmo recebeu pagamentos pela conclusão da obra até a cimbalha do frontispício e pelos óculos das torres (Martins, 1974);

A fim de ilustrar esse processo inicial de reconstrução das paredes da Igreja foi elaborada a Figura 36 com base no levantamento da Matriz do Pilar cedido por André Dangelo à Chagas

(2014, p.175). Da esquerda para a direita tem-se em destaque a parede do Evangelho, depois a parede da Epístola e por fim a fachada frontal com a base das duas torres.

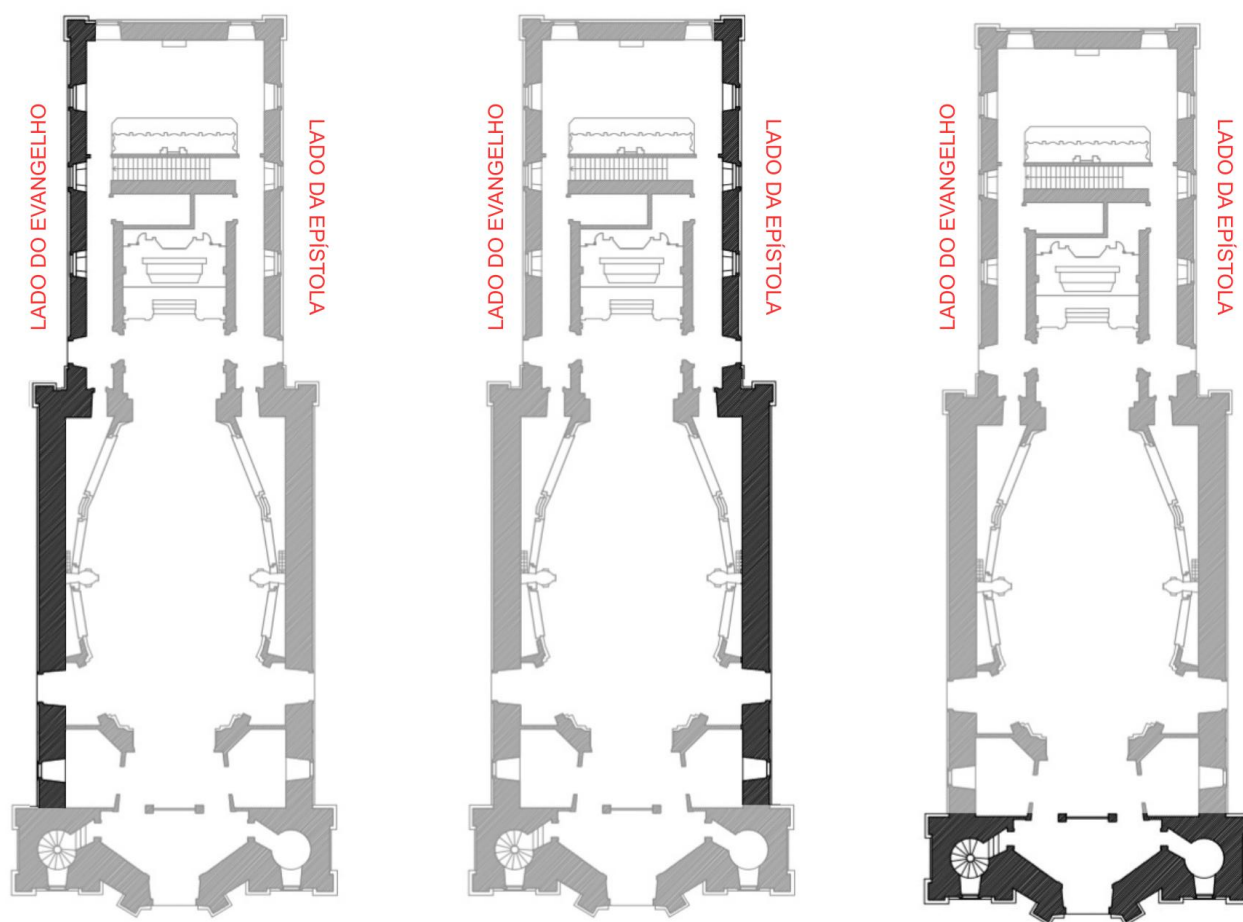


Figura 36. Planta da Matriz do Pilar - Ouro Preto (MG)
Fonte: Chagas, 2014, p.175 (Alterada pela autora)

A última etapa da edificação da fachada foi com a construção da parte da torre onde fica o sino e do frontispício que só teria início quase na metade do século XIX. Em 19 de abril de 1847, Manoel Fernandes da Costa foi contratado para executar a obra do frontispício. Já em 16 de março de 1848 o mesmo profissional concluiu as obras da torre do lado do evangelho e em 2 de abril de 1848 concluiu o frontispício (Menezes, 1975). Com a finalidade de explicar esse processo de construção foi elaborada a Figura 37 embasada no levantamento da Matriz do Pilar cedido por André Dangelo à Chagas (2014, p.175). Da esquerda para a direita é representado, primeiramente, a conclusão da obra até a cimalha da fachada frontal; depois, foi finalizada a torre do lado do Evangelho e, por fim, o frontispício.



Figura 37. Divisão da fachada principal da Matriz do Pilar - Ouro Preto (MG)
Fonte: Chagas, 2014, p.175 (Alterada pela autora)

De acordo com Menezes (1975) em 22 de março de 1852 seria feita a contratação da outra torre. Já em 27 de junho de 1853 seria publicada a edição 140 do jornal “O Bom Senso” no qual a comissão responsável pela reconstrução pede ajuda ao governo para conclusão da obra (Quadro 06):

FOTO	TRANSCRIÇÃO
N.º 115.—A comissão encarregada pelo exm. governo das obras da igreja matriz do Ouro Preto pede na representação junta uma quota de 4:000\$ rs. para a conclusão da obra á seu cargo, e allega que a mesma comissão trabalha actualmente no penultimo lanço da torre do lado da epistola, para a qual tem o fundo necessario; porem que para fazer o ultimo lanço da mesma torre, piramide &c. &c., que está tudo orçado em 4:000\$ rs., precisa a mesma comissão do auxilio referido desde já, para dar o templo prompto, e em estado decente. A 2.ª comissão de fazenda entende que tendo sido esta obra já attendida em diferentes orçamentos, sendo um templo de primor e situado na capital da provincia, torna-se por isso mesmo digno de toda a consideração; alem do prejuizo que causaria, se por accaso não fosse concluido; por isso é a comissão de fazenda de parecer: que na lei do orçamento se credite o governo, desde já com a quantia pedida para a conclusão da obra.—<i>Pinto de Vasconcellos, Gondim, Chagas</i>—com restricções. Ficão todos sobre a mesa para entrar na ordem dos trabalhos.	“A comissão encarregada pelo exm. governo das obras da igreja matriz do Ouro Preto pede na representação junta uma quota de 4:000\$ rs. para a conclusão da obra á seu cargo, e allega que a mesma comissão trabalha actualmente no penúltimo lanço da torre do lado da epistola, para a qual tem o fundo necessario; porem que para fazer o ultimo lanço da mesma torre, piramide &c. &c., que está tudo orçado em 4:000\$ rs., precisa a mesma comissão do auxilio referido desde já, para dar o templo prompto, e em estado decente.”

Quadro 06. Edição nº140 do ano de 1853 do jornal “O Bom Senso”
(Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=715107&pesq=&pagfis=207>)

Dessa maneira, após anos de construção a fachada da Matriz do Pilar seria finalizada com uma tipologia distinta da anterior, a qual continha torres alinhadas com o corpo da igreja e frontão triangular. A fachada da atual Matriz apresenta torres recuadas e com as laterais superiores chanfradas, frontão contracurvado, cornijas que ornamentam a construção e portada

em pedra bem destacada. A figura 38 classifica os diferentes componentes da fachada principal do templo:



Figura 38. Elementos da atual fachada principal da Matriz do Pilar.

Fonte: Elaborada pela autora com base em Dicionário Ilustrado de Arquitetura - Volumes 1 e 2 - de Maria Paula Albernaz e Cecília Modesto Lima (1998)

2.3 - ANÁLISE CRÍTICA DA FACHADA PRINCIPAL DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO PILAR

O século XIX em Ouro Preto significou diversas mudanças em diferentes contextos: social, econômico e arquitetônico. A linha férrea foi importante meio de transporte de materiais para a região; além de amplificar as transações entre as províncias, especialmente, com o Rio de Janeiro (Lemos, 2006). O comércio que se instaurou no território permitiu que novos materiais, técnicas construtivas e estilos fossem inseridos nas fachadas pré-existentes; assim como em novas edificações (Vieira, 2016). “Simultaneamente, à medida que novas condições materiais se impunham, Vila Rica submetia-se também aos desafios da modernização, impetrados especialmente com a presença da corte imperial portuguesa no Brasil.” (Lemos, 2006, p.4). Assim, Vila Rica permaneceu como capital da Província de Minas Gerais e, posteriormente, em 1823, Imperial Cidade de Ouro Preto:

Dom Pedro pela Graça de Deus, e Unanime aclamação dos Povos, Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo do Império do Brasil. Faço saber aos que esta minha Carta virem: Que tendo eu elevado este, Paiz á alta dignidade de Império, como exigia a sua vasta extensão, e riqueza; e tendo-me dado as Províncias, de que elle se compõe, grandes, e repetidas provas de amor, e fidelidade á minha augusta pessoa, e de firme adhesão á causa sagrada da Liberdade, e Independência deste Império, cada uma segundo os meios, que lhe ministram sua população, e riqueza: Houve por bem, por meu Imperial Decreto de 24 do mez próximo passado, em memória e agradecimento de tantos, e tão relevantes serviços, que ellas têm prestado, concorrendo todas para o fim geral do augmento, e prosperidade desta grandiosa Nação, elevar á categoria de cidades todas as villas, que forem capitaes de Provincias: E sendo Villa Rica a capital da Província de Minas Geraes: Hei por bem, em conformidade do dito meu imperial Decreto, que fique erecta em cidade, e que por tal seja havida, e reconhecida. [...] - Trecho da Carta Imperial erigindo Villa Rica em Cidade com o título de "Imperial Cidade de Ouro Preto" (Senna, 2011, p.141)

A posição de Imperial Cidade de Ouro Preto, bem como a vinda da corte portuguesa para o Brasil tiveram papel chave aos novos gostos arquitetônicos da cidade. Esse processo resultou em novas demandas, como novos estilos e novos materiais, que transformaram o perfil estético da capital mineira. Esse processo também refletiu na arquitetura religiosa, já que conforme anteriormente apresentado na Figura 28, diversas igrejas e capelas sofreram remodelações, bem como novas foram construídas. Esses dados refutam a teoria de Vasconcellos (2011) que foi cessada a grande produção arquitetônica de Igrejas e Capelas das Irmandades e Ordens Terceiras e ocorreu um retorno às Matrizes devido à queda do ciclo do ouro. Dessa forma, o desejo de atualizações - promovido pelos marcantes acontecimentos - explica esse regresso às matrizes e justifica as grandes obras que ocorreram nesses templos durante os oitocentos, em especial as fachadas principais.

Nas fachadas principais das duas matrizes de Ouro Preto, destaca-se o frontispício. Diferentemente do frontão triangular característico do século XVIII, ambos receberam frontões

de linhas sinuosas, construídos já no século XIX: o da Basílica do Pilar em 1848 e o da Matriz da Conceição em 1854. Ao classificar esse elemento na fachada da Matriz de N. S. do Pilar os autores divergem: Chagas (2014) classifica como barroco-tardio e Bazin (1956) como rococó. Já Santos (1951) afirma que o frontispício do Pilar foi inspirado na Igreja de São Francisco de Assis. Por outro lado, Bury (2006, p.119 e 120) defende que tanto a Matriz de Nossa Senhora da Conceição quanto a Matriz de Nossa Senhora do Pilar foram inspiradas na Igreja de São Francisco de Paula (figura 39):

Em Ouro Preto, nos primeiros anos do século XIX, foi iniciada uma grande igreja que demonstra pouca influência do estilo Aleijadinho em sua arquitetura, a igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Paula, que domina a cidade do alto de uma íngreme elevação ao norte. Quando em meados do século XIX foi completada a nova fachada de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, esta se revelou quase uma réplica da de São Francisco de Paula. A reconstrução da fachada da igreja de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, no segundo quartel do século XIX, foi mais ambiciosa, porém o resultado básico é semelhante. Observe-se que a influência do neoclassicismo foi insignificante em Minas Gerais.

Entretanto, a teoria de Bury é infundada já que a construção da Igreja de São Francisco de Paula é posterior às Matrizes conforme cronologia indicada por Menezes (1975) e Oliveira (2010):

- **1804:** “Colocação da primeira pedra” (Menezes, 1975, p.68).
- **1834:** Conclusão da capela-mor (Oliveira, 2010)
- **1869:** “Começo das obras de pedra do corpo da Capela” (Menezes, 1975, p.68)
- **1878:** “Conclusão da capela exteriormente” (Menezes, 1975, p.68)



Figura 39. Igreja de São Francisco de Paula

Fonte: Acervo Luiz Fontana. Disponível em:

<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=29576>. Acesso em: 8 de agosto de 2025.

Figura 40. Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

Fonte: Acervo da autora.

Existem teorias que defendem que os construtores das Matrizes de Ouro Preto se inspiraram em modelos distintos do traçado clássico maneirista, uma vez que, já no final do século XVIII - por volta de 1771 - esse estilo típico da arquitetura religiosa era considerado ultrapassado (Dangelo, 2006).. Por causa desse sentimento de busca por inovações, um dos principais arquitetos dessa estilística maneirista: Manoel Francisco Lisboa (pai de Aleijadinho) seria considerado ultrapassado. Isso porque um grupo formado por Antônio Francisco Lisboa, Manuel Francisco de Araújo, Domingos Moreira de Oliveira, Francisco de Lima Cerqueira e João Álvares Viana resolvem mudar o projeto da Igreja da Ordem Terceira do Carmo feito em 1766 por Manoel Francisco Lisboa para um estilo concordante com o novo gosto (Dangelo, 2006). Vale destacar que, nesse período, tanto Aleijadinho quanto Mestre Athaide seriam influenciados e principais discípulos de João Gomes Baptista, arquiteto que tinha forte preferência pelos estilos Rococó e Barrocos italiano, assim como pela composição clássica, se tornando, assim, um dos principais expoentes das ‘linguagens artísticas’ utilizadas em Portugal e no Rio de Janeiro que foram trazidas para o território mineiro:

Neste sentido, partimos do princípio de que a maneira de produzir arquitetura em voga na segunda metade do século XVIII em Minas Gerais mistura a utilização do desenho ou risco, valorizando principalmente o módulo, a proporção e o gosto pelos traçados geométricos; o conhecimento da tratadística, principalmente Serlio e Pozzo; e as regras de composição da arquitetura maneirista, barroca e rococó, ainda que com um conhecimento menos erudito sobre a utilização das ordens. Soma-se a esses aspectos um grande apelo de modernização da arte vinculado ao gosto assimétrico do Rococó francês nas partes decorativas, influenciado pelos tratados, catálogos e estampas de decoração, e mesmo algumas soluções mais sóbrias ao gosto do Pombalino, mais próximas do fim do século. (Dangelo, 2006, p.331)

A relevância de Aleijadinho para propagar o estilo Rococó em Minas se estenderia até o século XIX como destaca Bury (2006, p.120):

As características do rococó que sobreviveram nas igrejas mineiras das primeiras décadas do século XIX relacionam-se sobretudo à decoração interior e podem, em geral, ser associadas a profissionais que haviam tido contato direto com o Aleijadinho, notadamente seu colega, o pintor Manoel da Costa Athaide, e seu discípulo, Justino Ferreira de Andrade.

No entanto, vale ressaltar que a escolha estilística dos templos também se baseava em critérios econômicos, por exemplo o rococó que era economicamente mais viável como destaca Mendes (2011, p.217):

Na transição para o século XIX, com a extração do ouro apresentando claros sinais de exaustão, a adoção de um repertório arquitetônico clássico tornou-se economicamente salvedora, pois diminuiu significativamente os gastos com as obras e principalmente com os douramentos de grandes painéis. O rococó contentava-se com elementos dourados aplicados sobre fundo branco ou carmin, um trabalho de superfície, mais uma vez evitando revelar o que a profundidade dos problemas cotidianos poderia apresentar.

Dessa forma, neste trabalho optou-se por trabalhar com as teorias de que outras construções presentes no território ouro-pretano foram fonte de inspiração para os construtores que reformularam a Matriz do Pilar no século XIX. Assim, para comparar a matriz com outras igrejas foi seguido um esquema de decomposição da fachada principal do Pilar separada em três partes: torres, entrada da nave e frontão. Por meio da figura 41 é demonstrado esse processo de divisão, da esquerda para a direita: torres, entrada da nave e frontão.



Figura 41. Divisão da fachada da Matriz do Pilar.

Fonte: Chagas, 2014, p.175 (Alterada pela autora)

Para analisar os primeiros elementos: as torres, foi elaborada a Figura 42 para comparar entre a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e a Matriz de Nossa Senhora do Pilar. A do Carmo foi escolhida porque foi construída anteriormente a Igreja de São Francisco de Paula e também apresenta formas e elementos similares à do Pilar, como: (1) formato da agulha; (2) entablamento e cornijas perto da cúpula, assim como o formato do capitel; (3) sineira em arco pleno com cercadura em pedra e aduela demarcada; (4) cornija na base do cunhal; (5) cornija e entablamento no topo da parte inferior e capitel; e, (6) cornija no embasamento. A presença desses componentes propicia um aspecto clássico às construções, isso porque entablamentos e formas que remetem às ordens clássicas são itens da arquitetura clássica (Albernaz, 1998). Além desses elementos, as duas construções se familiarizam na disposição das torres na planta sendo levemente recuadas em relação a entrada da nave. Todavia se diferem na forma das torres: na Matriz do Pilar são quadradas enquanto na Igreja do Carmo arredondada nas laterais. Vale reforçar que no Pilar - segundo os dados apresentados anteriormente - a metade superior das torres foi construída anos depois da metade inferior. Essa diferença no tempo de execução, possivelmente, justifica a estilística de torres quadradas na parte inferior enquanto a superior apresenta as laterais. Os ornamentos com cornijas e entablamentos seguem a linha clássica de harmonia em repetir propositalmente os elementos.

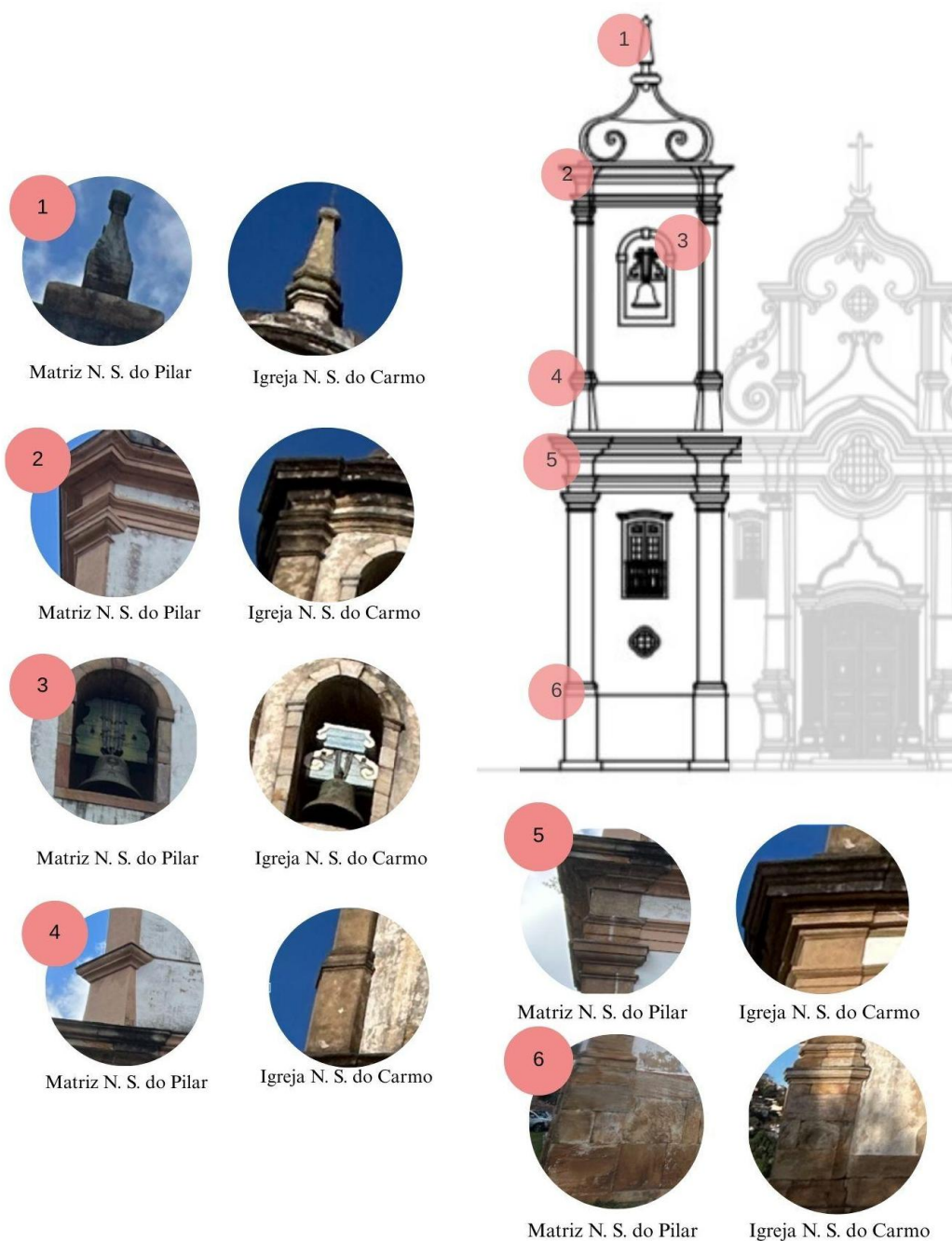


Figura 42. Comparação de elementos entre a Matriz do Pilar e a Igreja de N. S. do Carmo.

Fonte: Elaborado pela autora.

A segunda parte da análise é a parcela relacionada à entrada da nave entre as duas torres. De acordo com Santos (1951, p.165) as inspirações dos construtores do Pilar foram a partir da Igreja de São Francisco de Assis:

A parte central do frontispício da igreja do Pilar sofreu, porém, em data muito posterior, como foi dito, uma substancial reforma, que lhe alterou completamente o caráter primitivo. Essa reforma foi inspirada na igreja de S. Francisco de Assis, como o atestam vários pormenores. A saber: o movimento dado à parte central, dividida em três planos - um de frente e dois outros oblíquos - disposição que visou incluir duas colunas de ângulo, em posição semelhante às da igreja de S. Francisco de Assis; os fustes dessas colunas, desprovidos de caneluras, mas decorados, no terço inferior, com um anel saliente; e finalmente os

estilobatas dessas mesmas colunas, que repetem o traçado original típico da igreja de S. Francisco de Assis.



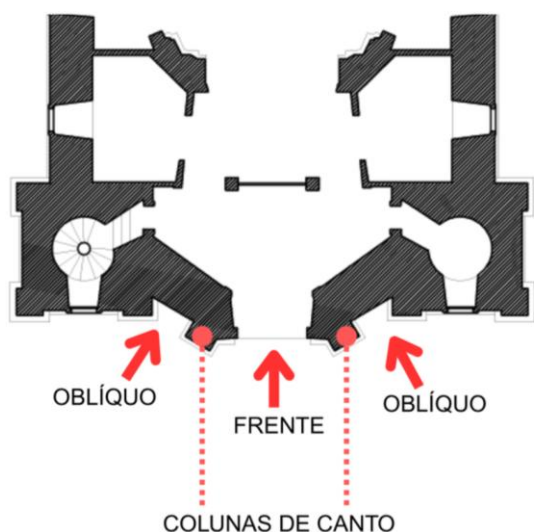
Figura 43. Fachada da Matriz do Pilar.

Fonte: Acervo da autora.

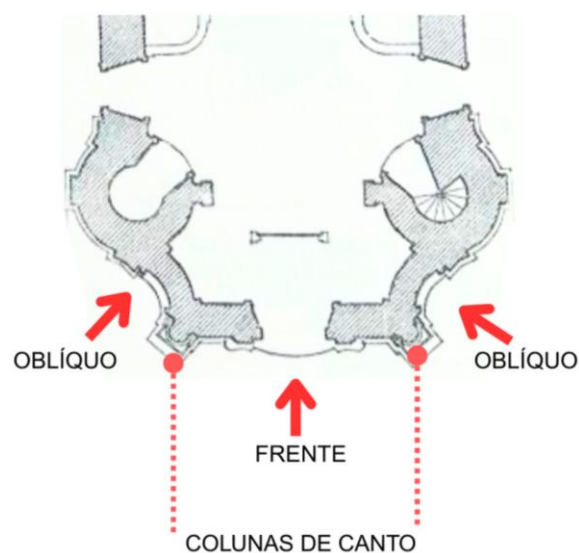
Figura 44. Fachada da Igreja de São Francisco de Assis.

Fonte: Acervo da autora.

Alguns pontos devem receber maiores detalhes na descrição de Santos (1951), primeiramente, quando ele divide o frontispício em três partes - “um de frente e dois outros oblíquos” - está se referindo à parte central na qual fica a entrada principal com duas paredes laterais que interligam as paredes na torre como demonstrado na Figura 45. Nas laterais da parcela onde está a entrada há duas colunas, as quais o autor descreve como “colunas de canto”, cujo capitel remete ao capitel jônico - não é possível afirmar se segue todas as regras de proporção clássica - e assim como descrito pelo arquiteto, o fuste não apresenta caneluras, indo de encontro aos preceitos clássicos. Além disso, também é apresentado na figura 46 como a fachada principal da Matriz do Pilar se assemelha a da São Francisco de Assis na planta: No entanto, vale ressaltar que tal movimentação na fachada segue princípios da arquitetura de Borromini - não sendo, portanto, uma invenção da arquitetura mineira -, podendo ter sido também uma das inspirações para os arquitetos da cidade.



Recorte planta Matriz do Pilar



Recorte planta São Francisco de Assis

Figura 45. Recortes das plantas da Matriz do Pilar e da Igreja de São Francisco de Assis.
Fonte: Chagas (2014,p.175) e Santos (1951, p.134) - alterado pela autora.

Assim, além dos elementos citados, outros similares entre os dois templos são: (1) cornijas e ornamentos ao redor do óculo central; (2) capitel que remete ao jônico; (3) janela do coro em formato de arco rebaixado com postigo e quadro de pedra; (4) movimento diagonal das paredes com colunas de canto - enfoque para os fustes sem caneluras; (5) pedestal em pedra com volutas; e, (6) portada.

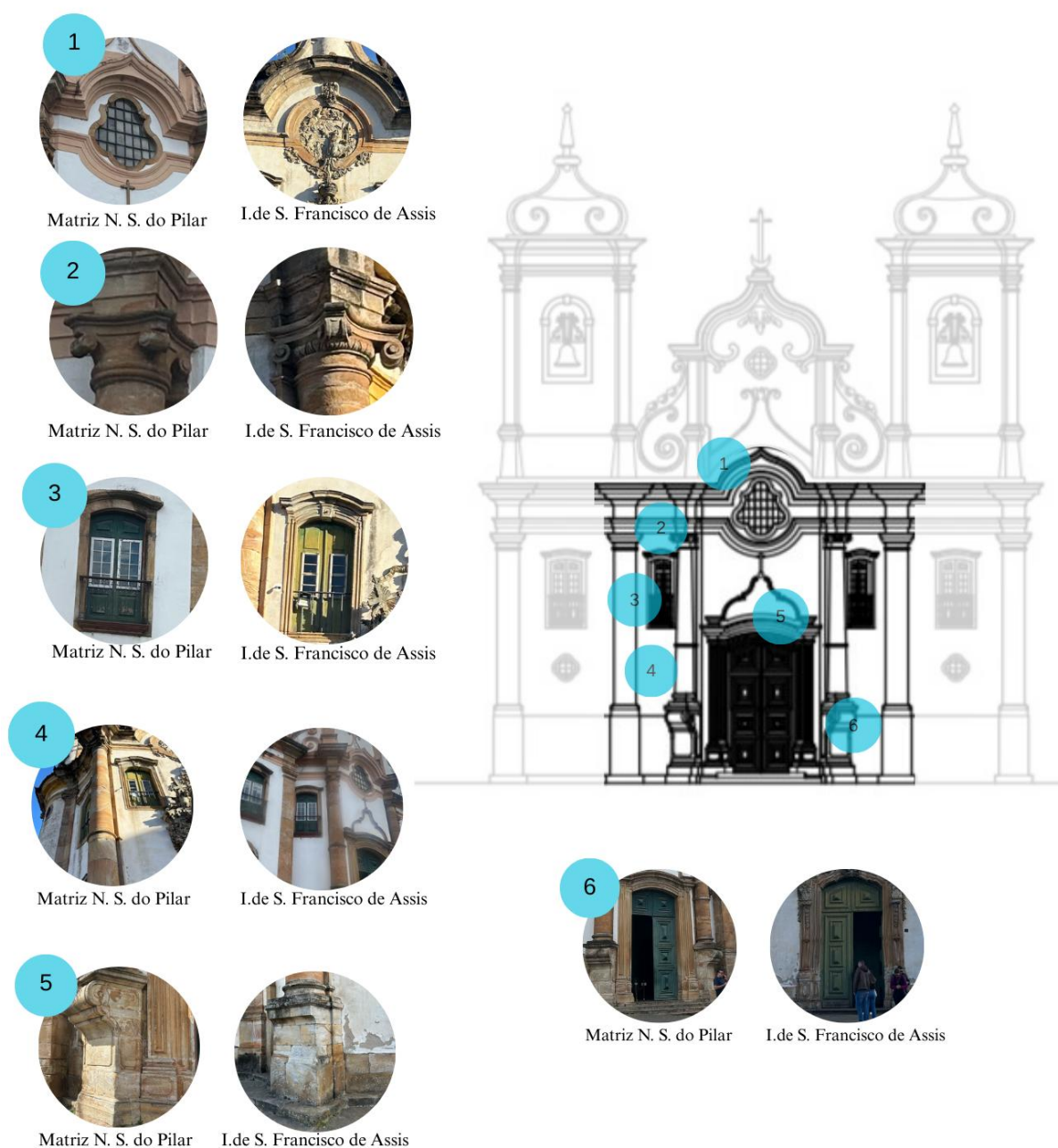


Figura 46. Comparação de elementos entre a Matriz do Pilar e a Igreja de São Francisco de Assis.
Fonte: Elaborado pela autora.

Vale destacar alguns pontos de similaridades nas portadas da Matriz do do Pilar e da Igreja de São Francisco de Assis (figura 47), sendo eles: (1) folha da porta com formato em arco abatido; (2) modelo das almofadas das portas; (3) entalhes em linhas na cercadura; e, (4) embasamento das cercaduras. Entretanto, a portada do Pilar apresenta menos ornamentação do que a de São Francisco de Assis, a primeira contém forma em arco abatido com cercadura e molduras com linhas retas sem os ornamentos rocailles e as linhas fluídas da moldura da segunda.

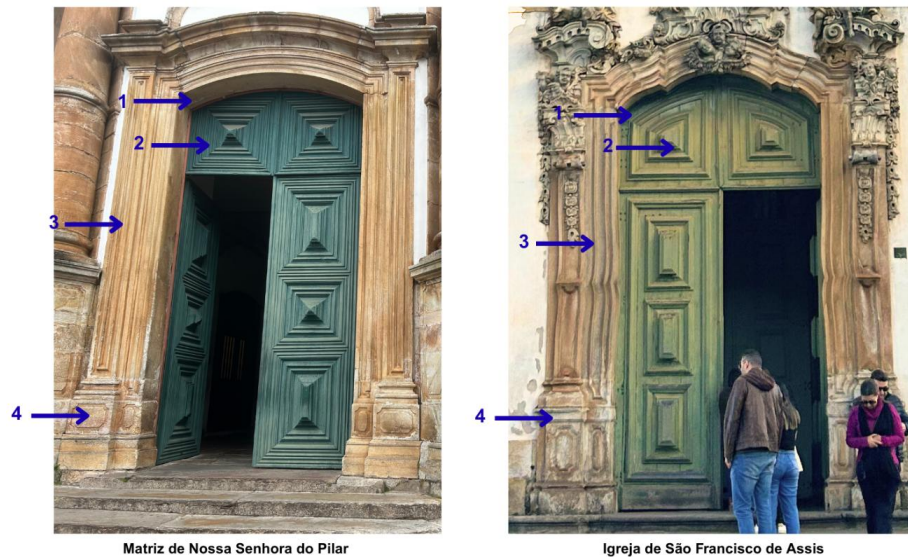


Figura 47. Portadas da Matriz do Pilar e da Igreja de São Francisco de Assis.
Fonte: Elaborado pela autora.

Por outro lado, em relação ao óculo central, o formato curvo remete a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Vale destacar que a Igreja de São Francisco de Assis não apresenta óculo central em sua fachada, apenas nas torres. Assim, como demonstrado na figura 48, os óculos do Pilar e do Carmo se assemelham no formato da parte superior (destacada na imagem) com as linhas curvas superior e inferior e o arremate lateral que interliga as duas e se diferenciam na composição da forma inferior (levemente ofuscada na figura):



Matriz de N. S. do Pilar

Igreja de N. S. do Carmo

Figura 48. Óculos da Matriz do Pilar e da Igreja de N. S. do Carmo.
Fonte: Elaborado pela autora.

A última parcela de análise da fachada da Matriz do Pilar é o frontão sinuoso, o qual pode ser dividido em duas partes (figura 49): corpo e arremate. Essa divisão foi proposta porque a parte inferior apresenta elementos presentes em outras construções, como na Igreja de N. S. do Carmo e na Igreja de São Francisco de Paula. No entanto, o frontão do Pilar se difere dos demais por suas volutas fazerem um movimento similar às paredes próximas à entrada principal descritas anteriormente como: uma parte central e outras duas laterais com movimento oblíquo.

Além dessa movimentação, o desenho da parte considerada como arremate apresenta desenho inovador no território de Ouro Preto, não sendo possível ser comparado aos demais templos da cidade.

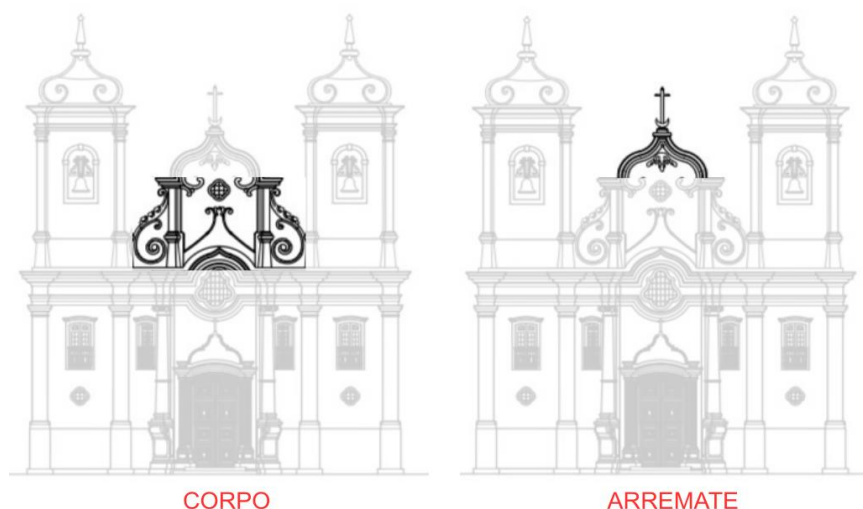


Figura 49. Divisão entre corpo e arremate do frontão da Matriz do Pilar.
Fonte: Chagas (2014, p.175) - alterado pela autora.

Em relação ao corpo do frontão pode-se relacioná-lo com os frontões da Igreja de Nossa Senhora do Carmo: (1) na cornija superior; (2) no desenho dos cunhais e (3) nos ornamentos em orelha (figura 50). Todavia, o frontão do Pilar se difere no formato do óculo e das volutas laterais, além disso, por meio da figura 54 também é possível perceber que o centro do frontão do Pilar (parte entre os cunhais) não se alinha com as volutas laterais.

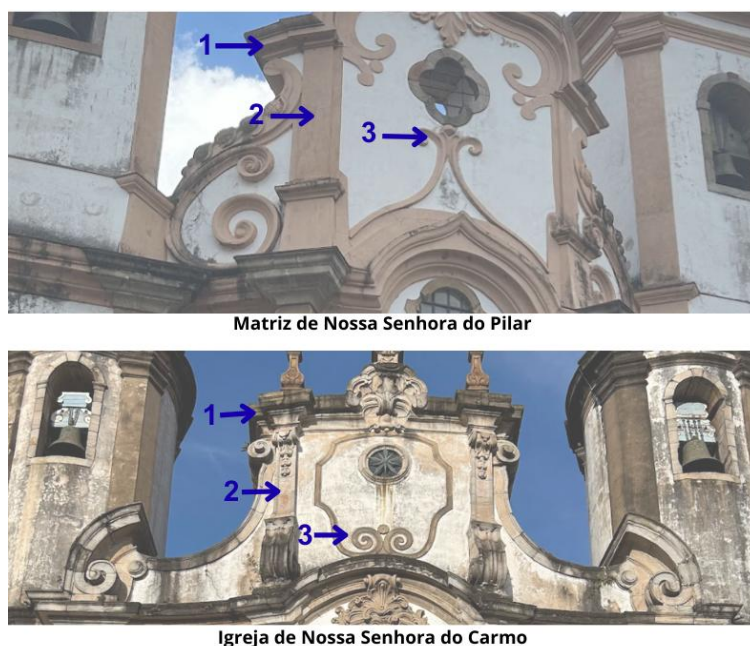


Figura 50. Comparação entre elementos do frontão da Matriz do Pilar e da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.
Fonte: Elaborado pela autora.

O século XIX, tanto no Brasil quanto internacionalmente, foi marcado pelo resgate de estilos arquitetônicos históricos como estilo pombalino e gótico (Campos, 2007) e Ouro Preto não esteve fora do processo de retomada histórica. Como Dangelo (2006) destaca, o processo de circulação de informações das produções arquitetônicas em outros locais do país, bem como em outras nações, circulava no território ouro-pretano. Além disso, outros profissionais que tiveram experiências em outras regiões também faziam discípulos em Minas Gerais; como é o caso citado anteriormente de Aleijadinho com João Gomes Baptista. Assim, a teoria de inspiração em outras igrejas da região é válida; ainda referenciando no caso do Aleijadinho e João Gomes Baptista. Além de Aleijadinho, outros artistas também aprendiam com o mesmo mestre; logo é possível que as experiências de aprendizado e de construção, bem como as referências utilizadas fossem compartilhadas entre os membros dos grupos e também com outros profissionais construtores. Também vale destacar, segundo Bastos (2009), que os fiéis católicos a fim de praticar a piedade (reverência e respeito com as coisas sagradas) buscavam sempre transmitir nos templos a beleza e esplendor divino, como também o respeito e devoção à Casa de Deus.

A atual fachada do Pilar mescla diversos elementos clássicos (mesmo que sem o rigor da execução) como entablamentos e ordens, que seguem o padrão de harmonia com repetição intencional de componentes. Na planta buscou-se romper com a rigidez geométrica maneirista e fazer ângulos oblíquos nas volutas laterais do frontispício e do frontão, além de chanfros nas laterais das torres (figura 51). Essa movimentação dos elementos remete ao estilo barroco como descrito por Koch (1996, p.50):

À fachada é atribuída uma importância cada vez maior. A sobreposição de elementos escultóricos - estátuas, pilares, colunas e pilastras -, a alternância e a mescla de superfícies de paredes côncavas ou convexas conferem-lhe um aspecto alegre e imponente. Parece, muitas vezes, o pano de fundo de um palco de teatro. A superfície plana da fachada se transforma em ondulações da parede, que vibram ritmicamente para a frente e para trás, transmitindo os seus movimentos ao espaço interno.

Além disso, o Frontão é o componente que mais se destaca pelas curvas e contracurvas características do Barroco. A ornamentação da fachada é mais singela do que as igrejas ornamentadas com elementos rocailles, como a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e a Igreja de São Francisco de Assis; o que pode ser justificado pela falta de dinheiro para a conclusão da obra demonstrado anteriormente. Os óculos tanto do frontão como da torre não seguem a forma circular padrão, tendo um formato quatrefoil. Dos elementos das fachadas que mais se diferenciam são: a cúpula de cobertura das torres e o arremate do frontão - os quais se diferenciam de todos executados na cidade.



Figura 51. Ângulos oblíquos nas volutas laterais do frontispício e do frontão e chanfros nas laterais das torres da Matriz do Pilar.

Fonte: Elaborado pela autora.

Portanto, a partir da análise histórica e estilística, além da comparação com outras igrejas ouro-pretanas, neste trabalho decidiu-se classificar a atual fachada da Matriz do Pilar como Neo-barroco. Isso porque a fachada principal do Pilar, ainda que apresente elementos similares com a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, a principal semelhança é com a Igreja de São Francisco de Assis. Essa última, apresenta movimentação na planta característica do barroco de Borromini⁸, apesar de apresentar elementos do rococó como torres circulares e maior iluminação natural. Os construtores da Basílica Matriz de Nossa Senhora do Pilar souberam interpretar os elementos barrocos e criar uma composição com decoração singela, privilegiando a clareza das linhas e a moderação ornamental, o que evidencia uma interpretação mais contida e moderna do vocabulário barroco, adaptada às tendências estéticas do século XIX. Por fim, o quadro 07 apresenta resumo das características de cada estilo que a fachada da Matriz do Pilar foi classificada:

ESTILO	AUTOR QUE AFIRMA	CARACTERÍSTICAS
Rococó	Bazin (1956)	“Os sinais distintivos de maior originalidade na arquitetura

		dessas igrejas mineiras torres circulares e a decoração das fachadas com relevos escultóricos em pedra-sabão, que reproduzem a céu aberto a delicadeza da ornamentação rococó, até então apanágio da talha dourada dos interiores.” (Oliveira, 2001, p. 153)
Barroco tardio	Chagas (2014)	“[...] são também subordinados ao barroco tardio, os planos curvilíneos e sinuosos e elementos arquitetônicos ornamentais de tradição borromínica, como os frontões contra curvados e os capitéis com volutas invertidas.” (Oliveira, 2001, p. 151)
Neo-Barroco	Presente trabalho	Apresenta diferenciação temporal entre o período original do Barroco e o momento do resgate de características barrocas. Período de busca por modernização. Reinterpretação de elementos barrocos. Utilização de elementos clássicos como colunas e entablamentos. Paredes com ângulos oblíquos, torres movimentadas, decoração singela com linhas mais simples e frontão com curvas e contracurvas.

Quadro 07. Características de cada estilo que a fachada da Matriz do Pilar foi classificada.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Teoria do Rococó religioso e suas relações com o Barroco de Myriam Ribeiro de Oliveira (2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de constatar as transformações que ocorreram na Arquitetura Religiosa em Ouro Preto no século XIX, além do objeto principal de estudo, foi possível analisar que outros templos também passaram por remodelações nesse período. Essas informações permitiram concluir que no período oitocentista houve intensa atividade em remodelar e melhorar os templos. A devoção com o espaço divino estavam presentes no território desde a chegada dos bandeirantes paulistas; os quais trouxeram consigo a reverência ao catolicismo que perpetuou durante todo o período estudado neste trabalho. Além disso, foi possível atestar que o movimento de produção dos neo's - característica do XIX - também se aplicou nas construções religiosas ouro-pretanas, em especial, a Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

O desenvolvimento desta pesquisa mostrou algumas dificuldades próprias do estudo de edificações históricas. A falta de registros contínuos sobre determinadas fases de sua transformação arquitetônica fez com que fosse necessário cruzar informações de diferentes fontes, tanto primárias quanto secundárias, e realizar uma leitura crítica dos dados encontrados. Além disso, também houve dificuldades com o próprio processo de pesquisa em fontes primárias de arquivos: como a leitura paleográfica. Dessa forma, para a realização do processo foi necessário mais tempo durante o processo de levantamento de informações primárias em arquivos.

Por fim, este trabalho se torna relevante visto que a análise das modificações feitas na fachada da Matriz de Nossa Senhora do Pilar no século XIX mostra que a arquitetura religiosa de Ouro Preto não permaneceu parada no tempo e sim acompanhou as transformações e buscou se atualizar de acordo com o contexto da época. Isso colabora para desmistificar a ideia de que os templos coloniais ficaram estáticos, revelando que também foram espaços de modernização e de diálogo com novos estilos arquitetônicos. Assim, a pesquisa contribui para ampliar o conhecimento sobre um período ainda pouco estudado na história da cidade, evidenciando que essas alterações tiveram impacto não apenas na própria Matriz, mas também nas demais igrejas e capelas que faziam parte da vida urbana. Portanto, o trabalho cumpre seu papel de reforçar a importância da documentação histórica e da análise arquitetônica como instrumentos para compreender melhor a dinâmica da cidade ao longo do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABELHA do Itaculumy. Ouro Preto, n. 53, 1824. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=778931&pesq=&pagfis=212>.

Acesso em: 9 julho de 2025.

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura - Volumes 1 e 2**, 1998.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. São Paulo: Edusp, 2007. (Publicado originalmente em 1711).

ARAÚJO, Alice Viana de. **Espaços livres de uso público em Ouro Preto-MG: heranças históricas, desafios contemporâneos**. 2018. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ARAÚJO, Kárita de Fátima. **Da Inconfidência à luz da ciência: o pensamento geográfico nos viajantes do século XIX por Minas Gerais**. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

BASTOS, Rodrigo Almeida. **A maravilhosa fábrica de virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822)**. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1956. 2v.

BOSHI, Caio César. Os leigos e o poder. **São Paulo: Ática**, 1986.

BURY, John. **Arquitetura e arte colonial no Brasil**. Brasília: IPHAN, 2006.

CABRAL, Henrique Barbosa da Silva. **Ouro Prêto**. Belo Horizonte: 1969.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Introdução ao barroco mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Minas Gerais no limiar da modernização: o ecletismo vernacular em três cidades de origem colonial. In: **Arquitectura vernácula en el mundo ibérico: actas**

del congreso internacional sobre arquitectura vernácula. Sevilha: Universidad Pablo de Olavide, 2007. p. 168-172.

CAMPOS, Kátia Maria Nunes. **Vila Rica: formas espontâneas e planejadas num traçado urbano setecentista.** IX Jornada Setecentista—Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

CHAGAS, Daniella Coli. **A arquitetura do Barroco Tardio em Minas Gerais: permanências e rupturas.** 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CUNHA, Alexandre Mendes. **Minas Gerais, da capitania à província: elites políticas e a administração da fazenda em um espaço em transformação.** 2007. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

DANGELO, André Guilherme Dornelles. **A Cultura Arquitetônica em Minas Gerais e seus antecedentes em Portugal e na Europa: Arquitetos, Mestres de Obras e Construtores e o trânsito de cultura na produção da Arquitetura Religiosa nas Minas Gerais Setecentistas.** 4v. 2006. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

FONSECA, Cláudia Damasceno. **Arraiais e vilas d'El rei: espaço e poder nas Minas setecentistas.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GUSTAFSON, Maj. **Vila Rica, Ouro Preto: Verdade e Lenda.** Belo Horizonte: Una Graphos, 1978.

IRMANDADE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA MATRIZ DO PILAR. **Ata de reunião de 06 de fevereiro de 1824.** Ouro Preto, 1824. Acervo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, Livro de Termos e Acórdãos (1729-1925), Volume nº 225, p. 94-97.

IRMANDADE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA MATRIZ DO PILAR. **Carta de 27 de janeiro de 1824.** Ouro Preto, 1824. Acervo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, Livro de Correspondências (1820-1920), Volume nº 228.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEMOES, Celina Borges; MARTINS, Cláudia Marun Mascarenhas; BOIS, Maria Clara Maciel Silva. **O século XIX na paisagem cultural ouro-pretana. Cotidiano, arquitetura e**

modernidade imperial. Seminário sobre Economia Mineira: Economia, História, Demografia e Políticas Públicas, v. 12, p. 2006, 2006.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **A Capitania das Minas Gerais.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. (Publicado originalmente em 1940).

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **Vila Rica do Ouro Preto: síntese histórica e descritiva.** Edição do autor, 1957.

MACHADO, Rafael Palhares. **Os processos de (re) estruturação do tecido urbano de Vila Rica: a influência da Igreja Católica.** 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

MARTINS, Judith. **Dicionário de Artistas e Artífices dos Séculos XVIII e XIX em Minas Gerais.** Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974. Vol.1 e 2.

MENDES, Francisco Roberval; VERÍSSIMO, Chico; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil: de Cabral a Dom João VI.** Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

MENEZES, Joaquim Furtado de. **Igrejas e irmandades de Ouro Preto.** Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1975.

MENEZES, Joaquim Furtado de. A Religião em Ouro Preto. In DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim (Org.). **Ouro Preto: cidade em três séculos; Bicentenário de Ouro Preto; memória histórica. (1711-1911).** Ouro Preto: Liberdade, 2011.

MINAS GERAIS, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - IEPHA/MG. **Relatório da Restauração da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.** Belo Horizonte, 1982.

O BOM SENSO. **Ouro Preto,** n. 140, 1853. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=715107&pesq=&pagfis=207>. Acesso em: 09 de julho de 2025.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Teoria do Rococó religioso e suas relações com o Barroco. **Cultura Visual,** Salvador, v.1, n.3, p.149-156, 2001.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana.** Brasília: Iphan / Programa Monumenta, 2010.

ROMEIRO, Adriana. **Paulistas e emboabas no coração das Minas: ideias, práticas e imaginário político no século XVIII**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SALGADO, Marina. **Ouro Preto: paisagem em transformação**. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SANTOS, Paulo F. **Subsídios para o Estudo da Arquitetura Religiosa em Ouro. Preto**. Rio de Janeiro, Livraria Kosmos, 1951.

SMITH, Robert C. REIS FILHO, Nestor Goulart (Org.). **Robert Smith e o Brasil: arquitetura e urbanismo**. Brasília: IPHAN, 2012.

TRINDADE, Cônego Raimundo. **Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana**. Rio de Janeiro: SPHAN, 1945.

VASCONCELOS, Diogo de. As obras de arte. In: In DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim (Org.). **Ouro Preto: cidade em três séculos; Bicentenário de Ouro Preto; memória histórica. (1711-1911)**. Ouro Preto: Liberdade, 2011.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica: formação e desenvolvimento, residências**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011. (Publicado originalmente em 1956).

VIEIRA, Liliane de Castro. **O colonial como marca: aspectos da evolução urbana de Ouro Preto**. 2016. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VIEIRA, Liliane de Castro. **Ouro Preto e o século XIX: o mito da decadência**. Revista CPC, n. 22, p. 145-189, 2016.

WERKEMA, Mauro. **História e formação de Minas Gerais em 300 anos da capitania: origem e trajetória**. Ouro Preto: Arts Realizações, 2020.

ZUIN, Elenice de Souza Lodron. **Dos antigos pesos e medidas ao sistema decimal**. Organizado por Iran Abreu Mendes e Miguel Chaquiam. Belém: SBHMT, 2009.

APÊNDICE 1

ORDENS E IRMANDADES DA FREGUESIA DO PILAR

1) Igreja de Nossa Senhora do Carmo

- **1755:** 12 de maio - “A Ordem decidiu erguer uma nova capela e solicitar o risco a um de seus irmãos, Manuel Francisco Lisboa” (BAZIN, 1956, volume 2 - p.73)
- **1755:** 3 de novembro - “Início das obras.” (MENEZES, 1975, p.62)
- **1756:** “A Mesa aprovou um projeto que não era de Manoel Francisco Lisboa, e sim o apresentado por dois outros irmãos, João Peixoto e Ventura Alves Carneiro.” (BAZIN, 1956, volume 2 - p.73)
- **1756-1759:** “Contrato com José Pereira dos Santos para fazer as obras de pedra da Capela” (MENEZES, 1975, p.62)
- **1761 - 1780:** “Francisco de Lima Cerqueira, originário de Braga, executa as obras do frontispício, arcos do coro e lavabo da sacristia, em estreita relação com Aleijadinho, autor das esculturas ornamentais.” (OLIVEIRA, 2010, p.59)
- **1766:** Pelo contrato firmado com João Alves Viana em 1766 “só devia ser usada cantaria do Itacolomi, a tarja da porta, de pedra sabão, bem como a do arco cruzeiro, as torres, fachadas e abóbadas de tijolo. Do massame⁵ da Capela velha só poderia aproveitar as madeiras das paredes e do telhado.” (MENEZES, 1975, p.63)

“A mesa aprovou o risco que lhe foi apresentado por Manuel Francisco Lisboa e decidiu pagar-lhe 50 oitavas por este trabalho.” (BAZIN, 1956, volume 2 - p.73)
- **1767:** 10 de maio - entrega do terrapleno e dos alicerces (MENEZES, 1975, p.63)
- **1770 - 1785:** “A construção foi objeto de modificações bastante consideráveis, registrando seis louvações (avaliações) sucessivas em:
 - 20 de dezembro de **1770**;
 - 13 de março de **1771**;
 - Aleijadinho, filho do autor do risco, que foi encarregado da ‘medissão do risco’, isto é, da toesa⁶ e da comparação do risco com a obra.
 - Setembro de **1773**;

⁵ “Lastro de pedras ou tijolos britados e argamassa de cimento ou cal, ou de argamassa de cascalho, terra e cal, para assentamento de ladrilho ou pedra no piso. Em antigas construções era colocada sobre a abobadilha para assentamento dos ladrilhos no piso” (ALBERNAZ, 1998, p.375)

⁶ Segundo Zuin (2009), antiga unidade de medida de comprimento de origem francesa.

- Junho de **1780**;
- 26 de junho de **1785**;
- Agosto de **1785**.

As modificações foram ditadas principalmente por motivos de construção com exceção da fachada. Em **1770**, principalmente, decidiu-se recuar as torres de um palmo, pois a fachada foi considerada muito reta.” (BAZIN, 1956, volume 2 - p.73)

- **1771**: Contratação das obras das portas, janelas e lavatório da sacristia. (MENEZES, 1975, p.63)
- **1776**: Data inscrita na Pia Batismal - “diz a tradição que foi feita pelo Aleijadinho.” (MENEZES, 1975, p.63)
- **1827**: “As obras do camarim da Capela-Mor, a cimalha exterior ao mesmo trono e os nichos de Santo Elias e Santa Tereza foram contratados com Vicente Alves da Silva [...]” (MENEZES, 1975, p.63)

“O douramento dos altares laterais, os dois púlpitos e o douramento do frontão do corpo da igreja foram contratados com o Alferes Manoel da Costa Ataíde [...]” (MENEZES, 1975, p.63)
- **1839**: “Douramento do altar do consistório” (MENEZES, 1975, p.63)
- **1844**: Douramento do teto e pintura das paredes (MENEZES, 1975, p.63)
- **1888**: Balaústres do arco cruzeiro, do coro e do corpo da Capela foram contratados. (MENEZES, 1975, p.63)

2) **Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia (Mercês de Cima)**

- **1754 - 1773**: “A Irmandade de Nossa Senhora das Mercês da freguesia do Pilar Congregava mulatos e negros crioulos (nascidos no Brasil), foi instituída em **1754** na Capela de São José, onde permaneceu cerca de 20 anos.” (OLIVEIRA, 2010, p.93)
- **1771**: 4 de agosto- Decisão para construir a capela própria. (MENEZES, 1975, p.70)

“Iniciou a construção [...] em terreno doado pela Câmara.” (OLIVEIRA, 2010, p.93)
- **1773**: 10 de janeiro - Festa de inauguração (mas não estava pronta) MENEZES, 1975, p.70)

“Antes de concluída, teve de demolir para reconstruir, por ameaçar ruína, primeiramente o Consistório⁷, depois o coro. As obras duraram mais de 60 anos (MENEZES, 1975, p.70)

- **1793:** “O risco mais antigo se deve ao Arquiteto Manoel Francisco de Araújo [...]” (MENEZES, 1975, p.138)
- **1786 e 1796:** Execução da torre por artistas diferentes. (MENEZES, 1975, p.138)
- **1800:** “O segundo risco é de Francisco Machado da Luz [...]” (MENEZES, 1975, p.138)
- **Século XIX:** “A fachada só foi concluída em princípios do século XIX e não comportava torres.” (OLIVEIRA, 2010, p.93)
- **1807:** Execução do coro. (MENEZES, 1975, p.138)
- **1810:** “[...] portada ornamental esculpida por Manoel Gonçalves Bragança” (OLIVEIRA, 2010, p.94)
- **1826:** Execução da Sacristia e dos paredões pelo Sargento-Mor José Bento Soares. (MENEZES, 1975, p.138)

Aquisição da porta principal. (MENEZES, 1975, p.138)

- **1829:** “A incorporação da torre única centralizada em 1829 desorganizou o espaço já construído do coro, como pode ser visto no interior da igreja.” (OLIVEIRA, 2010, p.93)
- **1865:** “Matinho Cesário de Souza Contratou a construção de dois altares laterais [...]” (MENEZES, 1975, p.138)
- “Os remates (dos quatro retábulos da nave) rigidamente triangulares são de gosto neoclássico.” (OLIVEIRA, 2010, p.94)

3) Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

- **1715:** “A Irmandade teve começo na Matriz (da freguesia do Pilar). (MENEZES, 1975, p.77)
- **1716:** Mudança da Irmandade para a capela própria. (MENEZES, 1975, p.77).
- **1731 - 1733:** “Nessa capela estiveram depositados, [...] o Santíssimo Sacramento e as imagens da Matriz do Pilar enquanto era construída a capela-mor dessa igreja.” (OLIVEIRA, 2010, p. 53).
- **1735:** “Relativamente à atual igreja [...] evidentemente não é a mesma que serviu de Matriz em 1730. Basta, para de tal se convencer, notar que ela é construída de pedra

⁷ “Nas igrejas, sala destinada à reunião dos religiosos [...]” – (ALBERNAZ, 1998, p.174).

aparelhada, o que só se encontra nos edifícios edificadas em Ouro Preto, posteriormente a 1735.” (MENEZES, 1975, p. 78).

- **1751:** “Requeriam os irmãos ermitão para poderem ‘fazer nova igreja’ uma vez que ‘há muitos anos’ fizeram uma de ‘madeira, já muito antiga, se acha em termos de se arruinar’[...]” (MENEZES, 1975, p. 139).
- **1757:** Início da “construção da igreja atual, em terreno próximo à capela primitiva” (OLIVEIRA, 2010, p. 53).

“Com planta do arquiteto português Antônio Pereira de Souza Calheiros, que nela repetiu o desenho fornecido pouco tempo antes à Irmandade de São Pedro dos Clérigos de Mariana.” (OLIVEIRA, 2010, p. 53).

- **1784-85:** “Manoel Francisco de Araújo recebeu do risco da empena e frontispício, dez oitavas.” (Livro de Receita e Despesa - 1784-85, p. 19 - AIRO, apud. MENEZES, 1975, p.140)

“[...] o principal aspecto a ser observado nessa igreja são suas arrojadas linhas arquitetônicas baseadas em planta constituída por duas elipses entrelaçadas.”(OLIVEIRA, 2010, p. 57)

- **1785:** José Ribeiro de Carvalhais arrematou a obra da torre e empena do frontispício [...]” (Anuário do Museu da Inconfidência - Ano III, 1954, p. 74 in MENEZES, 1975, p. 141)

“Na fachada, as duas torres cilíndricas têm movimento rotativo como as de São Francisco de Assis e, entre elas, o único frontão contracurvado da arquitetura religiosa em Minas Gerais, **inspirado nas igrejas pombalinas de Lisboa.**” (OLIVEIRA, 2010, p. 57)

- **1804-05:** “O alpendre da Capela é feito pelo pedreiro Francisco Xavier Gonçalves que recebe 11 oitavas $\frac{1}{4}$ ” (Livro de Receita e Despesa, aberto em 1781, p. 158 - AIRO, apud. MENEZES, 1975, p.140)
- **1822:** Aquisição de vidros para Igreja. (MENEZES, 1975, p. 141)

Nota: diversas obras são realizadas na igreja no período de 1784 à 1822 - como reparos no telhado, douramento de altares e pinturas em diferentes partes da edificação. No entanto, foram selecionadas as mais pertinentes à esta pesquisa.

4) Igreja São Francisco de Paula

Segundo o escritor Joaquim Furtado de Menezes (1975, p. 67), a Ordem Terceira de São Francisco de Paula ocupou o lugar da Capela de Nossa Senhora da Piedade. Essa antiga

construção pertencia à freguesia do Pilar e tinha sido construída em 1780. Sobre a nova Igreja erguida no local “constitui um bom exemplo de rococó tardio, provavelmente inspirado na Igreja do Carmo da mesma cidade.” (OLIVEIRA, 2010, p.102).

- **1791:** 16 de janeiro - foi permitido a construção da capela. (MENEZES, 1975, p.68)
 “As obras se arrastaram por todo o século XIX, com diversas interrupções por insuficiência de recursos da irmandade, como ocorria com frequência nas igrejas de pardos e crioulos da região mineira.” (OLIVEIRA, 2010, p.101)
- **1804:** “Colocação da primeira pedra” (MENEZES, 1975, p.68).
- **1834:** Conclusão da capela-mor (OLIVEIRA, 2010, p.101)
- **1869:** “Começo das obras de pedra do corpo da Capela” (MENEZES, 1975, p.68)
- **1878:** “Conclusão da capela exteriormente” (MENEZES, 1975, p.68)
- **1881:** Presença de Dom Pedro II para inaugurar as obras dos altares laterais. (MENEZES, 1975, p.69)
- **1898:** Conclusão do douramento do altar-mor. (MENEZES, 1975, p.69)
- **1901-1908:** Conclusão Douramento dos altares laterais. (MENEZES, 1975, p.69)
 “Os seis altares laterais estão sob as invocações de São Francisco de Sales, Nossa Senhora da Conceição, São Miguel, Santo Antônio, São Geraldo (gesso) e Nossa Senhora da Consolação.” (OLIVEIRA, 2010, p.102)

5) Igreja do Bom Jesus de Matozinhos ou de São Miguel e Almas

- **1772:** Autorização para construir uma Capela no local da ermida⁸ existente. (OLIVEIRA, 2010, p.97)
- **1778:** “O grosso da obra já estava concluído.” (BAZIN, 1956, v.II, p. 86). o mestre de obras recebe o pagamento pela obra.

“José Francisco, canteiro, recebeu vários pagamentos correspondentes aos seguintes trabalhos: ‘preparar a pedra lavrada para o frontispício’...’lavar a cantaria’...’preparar as pedras para o Oclo’(oculus) ‘as janelas e a cruz (Livro de Tec. e Desp. da Irm de São Miguel e Almas, fls. 2, 4 e 5).” (BAZIN, 1956, v.II, p. 86)

“Data, portanto, desse período, a bela portada do Aleijadinho, que adota o mesmo partido da Igreja de Santa Efigênia, com a imagem

⁸ “Capela situada em lugar afastado e despovoado”. – (ALBERNAZ, 1998, p. 224)

de São Miguel, padroeiro da igreja, figurando no nicho acima da porta.”
(OLIVEIRA, 2010, p.97)

- **1783:** Finalização das torres. (BAZIN, 1956)
- **1790:** Conserto das torres. (BAZIN, 1956)

“Entretanto, o estilo de pesado **frontispício neoclássico**, bem como as torres, que vemos atualmente, não correspondem a estas datas referentes ao apogeu do rococó em Ouro Preto.”
(BAZIN, 1956, v.II, p. 86)

6) Igreja de São José

- **1726:** Decisão de edificação da própria capela na freguesia do Pilar. (OLIVEIRA, 2010)
Aleijadinho e Francisco Gomes da Rocha congregavam nessa irmandade.
(OLIVEIRA, 2010)
- **1746:** Foi determinada a reconstrução de uma nova capela em pedra e cal, pois a antiga estava em estado de ruínas. (OLIVEIRA, 2010)
- **1771:** “já concluídas a capela-mor e a sacristia, o Aleijadinho forneceu um risco para a torre que não chegou a ser executado, talvez em função da indecisão da irmandade quanto a fazer duas ou apenas uma torre na fachada.”(OLIVEIRA, 2010, p.83)
- **1810-1828:** “O atual frontispício e torre datam do período 1810-1828 e sua construção baseou-se em outro risco, que introduziu um terraço arredondado com balaustrada em pedra sabão no nível das janelas do coro.” (OLIVEIRA, 2010, p.83)
- **1895:** Contratado douramento e pintura da Capela-mor. (MENEZES, 1975)

7) Capela de Sant’Ana

- **1738:** “D. João V expediu um alvará permitindo que se edificasse uma Capela à Padroeira da Irmandade e do Hospital.” (MENEZES, 1975, p.84)
- **1740:** “Foi a Capela edificada e o hospital inaugurado pelo Governador da Capitania, Gomes Freire de Andrada, depois Conde de Bobadella.” (MENEZES, 1975, p.84)

ORDENS E IRMANDADES DA FREGUESIA DO ANTÔNIO DIAS

1) Igreja São Francisco de Assis

- **1746:** Fundação da Ordem. (BAZIN, 1956)
 [...] já contava, dez anos depois, com mais de 1000 adeptos em Vila Rica (OLIVEIRA, 2010, p. 71)
- **1765:** Decisão de edificação da capela própria. (BAZIN, 1956)
 15 de dezembro - Compra do terreno próximo da Capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões. (MENEZES, 1975)
- **1766:** Início do aterro e desmonte das casas pré-existentes no terreno. (MENEZES, 1975)
 “Início a construção de sua igreja, arrematada em hasta pública pelo mestre de obras Domingos Moreira de Oliveira, originário da região do Porto.” (OLIVEIRA, 2010, p. 71)
 “O projeto foi feito pelo célebre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Repetidas vezes teve de reunir-se a mesa para tomar resoluções relativamente à obra da Capela.” (MENEZES, 1975, p.100)
- **1770:** “Em 1770, com a construção já adiantada, entra em cena o Aleijadinho, que por mais de vinte anos trabalharia nessa igreja, à qual imprimiu forte marca pessoal.” (OLIVEIRA, 2010, p. 71)
 - **1770 e 1772:** Púlpitos em pedra sabão “inseridos nas pilastras do arco cruzeiro como nas igrejas da Baviera.” (OLIVEIRA, 2010, p. 71)
 - **1772 - 1774:** “Trabalhou na decoração da abóbada da capela-mor, que alia relevos em madeira e estuques, outra derivação do rococó germânico.” (OLIVEIRA, 2010, p. 72)
 - **1774:** “Contrata a obra da portada, para a qual forneceu um risco de concepção diferente do projeto anterior do frontispício.” (OLIVEIRA, 2010, p. 72)
 - **1777 e 1779:** Lavabo da sacristia. (OLIVEIRA, 2010)
- **1772:** 10 de março - “Domingos Moreira de Oliveira arrematou as obras de pedra, dando por prontas as paredes e arco da Capela-mor a 10 de março de 1772; nesta data, pela primeira vez a reunião da mesa efetuou-se no Consistório da Capela.” (MENEZES, 1975, p.100)
- **1794:** Entrega e aceitação das obras arquitetônicas e esculturais. (MENEZES, 1975)

- “O primeiro impacto do visitante que chega ao adro de São Francisco é com o dinamismo da fachada, cujo frontispício é literalmente projetado para a frente pelo movimento rotativo das torres e dos fragmentos de frontão acima das colunas. A portada, interligada ao óculo, é sem dúvida a mais original composição do gênero da arquitetura brasileira do período, merecendo observação detalhada.” (OLIVEIRA, 2010, p. 74)
- **1806:** 21 de dezembro - Finalização do douramento da capela. (MENEZES, 1975)
- **1810:** 10 de junho - Finalização da pintura por Manuel da Costa Ataíde. (MENEZES, 1975)
- **Século XIX:** Finalização dos retábulos das naves e das balaustradas da nave e do coro. (OLIVEIRA, 2010)

2) **Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões (Mercês de baixo)**

- **1743:** Irmandade dos negros e crioulos fazia parte da Matriz do Antônio Dias. (OLIVEIRA, 2010)
- **1760:** Padre José Fernandes Leite doou a primitiva Capela do Bom Jesus dos Perdões para a Irmandade. (OLIVEIRA, 2010)
- **1775 - 1778:** “Ampliação da Capela dos Perdões passa por obras de ampliação com a edificação de nova capela-mor.” (OLIVEIRA, 2010, p.87)

“O risco foi encomendado ao Aleijadinho, que executou para a igreja as imagens de roca de São Pedro Nolasco e São Raimundo Nonato, ainda hoje nos nichos laterais do altar-mor.” (OLIVEIRA, 2010, p.87)
- **1777:** A capela doada teve que ser quase totalmente reconstruída. (MENEZES, 1975)
- **“Em princípios do século XIX,** o edifício sofreu profundas modificações, incluindo mudança de orientação, em virtude dos “impetuosos ventos que apagavam as luzes, destruindo alfaias e objetos de culto”. A mudança de orientação desorganizou a disposição dos vãos, acarretando a vedação de janelas da igreja anterior.” (OLIVEIRA, 2010, p.90)

3) **Capela do Padre Faria**

- **Princípio do século XVIII:** “a primitiva capela foi construída em princípios do século XVIII, pelo padre minerador João de Faria Fialho, procedente de São Paulo e fundador do arraial que ficou conhecido pelo seu nome.” (OLIVEIRA, 2010, p.9)

- **1719:** Instituição da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário na Matriz do Antônio Dias. (MENEZES, 1975)

Divisão na irmandade: Igreja do Rosário (dos Pretos) no Alto da Cruz (Santa Efigênia) e Capela do Rosário dos Brancos no Padre Faria. (OLIVEIRA, 2010)

- **1733:** Reconstrução da capela primitiva. (OLIVEIRA, 2010)
- **1750-1756:** “Duas datas inscritas, uma no sino do campanário (1750) e a outra na base da cruz pontifical do adro (1756), atestam a conclusão das obras de construção.” (OLIVEIRA, 2010, p.10)

a) Igreja de Santa Efigênia

“A irmandade ocupou inicialmente a Capela do Padre Faria, de onde saiu para estabelecer-se em igreja própria a partir de uma dissensão ocorrida com os irmãos brancos que dela participavam.” (OLIVEIRA, 2010, p.19)

- **1733 - 1785:** Início e conclusão da obra.

“É possível que o risco seja de Manoel Francisco Lisboa, cujo nome aparece com frequência na documentação da igreja. O inovador desenho da fachada é, entretanto, de outro mestre português, Manoel Francisco de Araújo, que também completou a fachada da outra Igreja do Rosário na freguesia do Pilar.” (OLIVEIRA, 2010, p.19)

4) Capela de Nossa Senhora das Dores

- **1775:** 27 de setembro - Ereção da Irmandade. (MENEZES, 1975)
- **1783:** “A construção dessa capela, dependente do Bairro Antônio Dias, foi iniciada em 1783 por um arquiteto desconhecido. Possuía sobre o frontispício um campanário central que ficou em ruínas, tendo sido substituído por um frontão curvo provido de um nicho para um sino.” (BAZIN, 1956, p.76)

“A Capela, porém, é relativamente recente, tendo estado constantemente em obras.” (MENEZES, 1975, p.109)

APÊNDICE 2

HISTÓRICO CONSTRUTIVO DA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO PILAR ENTRE OS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XVIII ATÉ 1853:

- **Cinco primeiros anos do século XVIII:** Construção
 - “A construção de N. S^a do Pilar, matriz do Bairro de Ouro Preto - a mais nova das duas igrejas matrizes de Vila Rica — foi quase inteiramente realizada pelas duas irmandades do Santíssimo Sacramento e de N. S^a do Pilar, ambas fundadas em 1729; sendo que a primeira financiou mais de dois terços das despesas com a obra.” (Bazin, 1956, p.78)
 - “Por volta de 1705 já existia no local uma capela primitiva dedicada a Nossa Senhora do Pilar, invocação de origem castelhana, divulgada em Portugal na época da União Ibérica.” (Oliveira, 2010, p.39)
- **1710:** “Foi adaptada à condição de matriz e, a partir da criação de Vila Rica, tornou-se sede de freguesia, juntamente com a Matriz de Antônio Dias”. (Oliveira, 2010, p.39)
- **13 de agosto de 1730:** “entregue a escritura em que João Fernandes de Oliveira se comprometeu a fazer as obras da nova Igreja. A construção começou pelo corpo da igreja, sendo preservada apenas a capela-mor até finalizar a primeira parte da obra.” (Menezes, 1975, p.58)
- **4 de janeiro de 1731:** O Santíssimo Sacramento foi transferido para a capela da Irmandade do Rosário. (Bazin, 1956)
- **1 de abril de 1731:** Foi feito o compromisso de se edificar a nova Matriz.
 - “De acordo com o vereador de Mariana, Joaquim da Silva, o risco foi fornecido pelo engenheiro Pedro Gomes (Chaves). [...] O templo foi iniciado pelo corpo da igreja, sendo que a capela-mor da construção anterior foi conservada provisoriamente para o exercício do culto.” (Bazin, 1956, p.78)
- **24 de maio de 1733:** Volta do Santíssimo Sacramento para a Matriz: Triunfo Eucarístico. (Bazin, 1956)

- **11 de maio de 1736:** “Antônio Francisco Pombal foi o arrematante por 12 mil cruzados ‘da obra do forro da igreja, cimalha e pés-direitos, a ser executada segundo o risco escolhido e aprovado’”. (Bazin, 1956, p.79)

Antônio Francisco Pombal “arrematou, por 12.000 cruzados, a obra do forro da igreja, cimalha e pés direito, a ser executado segundo o risco escolhido e aprovado. Nesse mesmo ano foram nomeados os seguintes louvados⁹ para a obra da igreja: Henrique Ribeiro, João Dias Teixeira, João Carvalho, Antônio Ramos e Manoel Francisco Lisboa. Este último se deu por suspeito (L.º de "Termos" da Mesa do S.S. Sacramento da Freguezia de N. S. do Pilar, fls. 23 v., 25 e 28 v. apud. Martins, 1974, p.140, v.II)

- **30 de abril de 1737:** “provisão de dinheiro para a construção da escada e de um dos púlpitos” (Menezes, 1975, p.58)

- 30 de abril de 1737: Antônio Francisco Pombal “Compareceu em reunião da Mesa para deliberarem sobre o conserto das tesouras do forro, por assim terem determinado os louvados, obrigando-se a fazer a nova obra requerida (L.º de "Termos" da Mesa do S.S. Sacramento da Freguezia de N. S. do Pilar, fls. 29 apud. Martins, 1974, p.140, v.II)

- **20 de outubro de 1737:** Antonio da Silva “Autor do risco do forro da igreja” (L. de "Termos" da Irmandade do S.S. Sacramento, fls. 35 apud. Martins, 1974, p.218, v.II).

- **24 de outubro de 1737:** Antônio Francisco Pombal “Termo de louvação¹⁰ que fazem da obra do teto da igreja, Antônio Coelho da Fonseca, Domingos de Oliveira Rosa, Henrique Ribeiro da Cruz e José Antunes de Abreu” (L.º de "Termos" da Mesa do S.S. Sacramento da Freguezia de N. S. do Pilar, fls. 34 apud. Martins, 1974, p.140, v.II)

- **2 de agosto de 1741:** aumento da capela-mor .

“Decidiu-se ampliar a capela-mor (isto é, demolir a antiga e construir outra maior), o que seria realizado ‘pelo novo risco que para ela deu o Sargento-Mor novo, engenheiro Pedro Gomes Chaves’. O trabalho seria confiado a Antônio Francisco [...], mas Pombal não pôde terminar a obra, nem cumprir suas

⁹ Atualmente, denominado como perito.

¹⁰ O antigo termo de louvação corresponde ao que, na atualidade, é designado como laudo pericial.

obrigações. Por ter declarado falência, passou sua conclusão para a responsabilidade de Antônio dos Santos Portugal.”(Bazin, 1956, p.79)

- **12 de agosto de 1745:** “Termo de quitação que dá Antônio de Oliveira Braga do recebimento de 31 oitavas de ouro, "preço dos paus de jacarandá que vendeu para Antonio Francisco Pombal, rematante das obras para fazer os balaustres das tribunas (L.º de "Termos" da Mesa do S.S. Sacramento da Freguezia de N. S. do Pilarei, fls. 77 v. apud. Martins, 1974, p.141, v.II)
- **13 de abril de 1746:** Francisco Xavier de Brito “arrematou, pela importância de 15.000 cruzados a "obra de talha e Zimborio da Capella-mor tudo na forma do risco e condições”. (Martins, 1974, p.128)
- **10 de outubro de 1746:** Antônio Henriques Cardoso “Ajustou por 64/8^{as}. de ouro a talha do frontispício da porta principal, tendo recebido da Irmandade de N. S. do Pilar 24/8^{as}. e 11 vs. (L.º cit., fls. 48 v. apud. Martins, 1974, p. 149)
- **4 de Junho de 1747:** “Pelo "mestre arrematante da obra de talha da capella-mor Francisco Xavier de Brito e seu socio Antonio Henrique Cardoso, "foi apresentado hu risco feito por ele e no qual acha-vão alguns erros que se achão no risco principal por donde arrematou a dita obra como he o remate do dito retábulo e nichos das Ilhargas e Sacrário e que tudo visto e examinados por nós achamos ser conveniente e fazer-se o dito remate nichos e sacrários na forma que se acha no dito risco que fez o dito Francisco Xavier de Brito por ficar em mais elegância e perfeição" (L.º cit., fls. 57 apud. Martins, 1974, p.128)
- **7 de julho de 1754:** “Contrato com José Pereira dos Santos para o conserto da escadaria da porta principal e a instalação de uma outra na porta lateral.”(Bazin, 1956, p.79)
- **3 de novembro de 1754:** José Coelho de Noronha “Termo da entrega da obra que fez do conserto do trono¹¹, levantar a cúpula da tribuna da capela mor e chegar os bancos do trono para diante (L.º de "Termos" da Mesa do S.S. Sacramento da Freguezia de N. S.a do Pilar, fls. 89 v. apud. Martins, 1974, p.72, v.II)

¹¹ “Nas igrejas, pedestal colocado no camarim dos retábulos para exposição de imagem ou crucifixo, em igrejas mineiras do século XVIII, comumente apresenta forma de cântaro ou degraus.” (ALBERNAZ, 1998, p.642).

- **6 de Julho de 1755:** Inácio Pinto Lima “Convocado pela Mesa, juntamente com Manoel Francisco Lisboa, Antônio Alves de Araújo e Custódio Alves de Araújo, para examinarem "se o Zimbório da capela mor se acha em p." de durar annos" ... Procedido o exame, declararam o dito zimborio se lhe não vedarem agoas o que não hé facil, senão pode conservar, nem se pode dourar a capella Mor" (L.º de "Termos" da Irmandade do S.S. Sacramento, fls. 97 e 97 v. apud. Martins, 1974, p.133, v.II)
- **10 de junho de 1759:** “Contrato com Pedro Correa Alves para consertar as duas torres, que eram de madeira.” (Bazin, 1956, p.79)
- **26 de maio de 1780:** “Foi encontrada menção do conserto “na torre da igreja”, pelo qual Leão Machado recebeu 3 oitavas de ouro.” (Bazin, 1956, p.79)
- **1799 a 1827:** Manoel Dias da Silva “Recebeu 28/8^{as}. e ½ "do Sacrario novo para o altar, e do feitio de dois bancos e de hua grade para o altar" (L.º n.º 11, fls. 14,"Receita e Despesa" da Irmandade de Santo Antônio, arquivo paroquial da matriz apud. Martins, 1974, p. 241, v.II)
- **1824:** são convocados mestres pedreiros e carpinteiros para analisar o péssimo estado da Matriz:

“Aos seis dias do mês de Fevereiro do ano de nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte e quatro nesta Matriz de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto [...], foi proposto pelo Provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento que em consequência do Termo lavrado no dia vinte e seis de Janeiro do presente anno, que suspendes as funções próprias da Irmandade elle Procurador convocou Mestres de Carpinteiro e Pedreiro, desta cidade e da de Marianna para examinarem o estado de ruína desta Igreja, cujos Mestres tendo se reunido no dia primeiro do corrente mês, examinarão o seu estado e darão seus pareceres, adiante Registrados, sendo presente o dito parecer foi decidido unanimemente que quanto antes se tratasse do reparo ponderado pelos Mestres [...]” (Ata de reunião de 06 de Fevereiro de 1825 do Acervo da Paróquia do Pilar - Livro de Termos e Acórdãos dos anos de 1729 a 1925 da Irmandade do Santíssimo Sacramento - Volume nº 225 - Página 94)
- **12 de Maio de 1824:** É anunciado no Jornal “Abelha do Itaculumy” (edição nº 53) que a obra para reconstrução das partes danificadas da Igreja, além disso é possível perceber que, inicialmente, se pretendia fazer apenas uma torre no meio do frontispício.

- “Nos dias 3, 4, e 5, de Junho do corrente anno se pertende arrematar as Obras da Igreja Matriz do Ouro Preto, perante o Ouvidor da Comarca, Parocho, e Irmandades erectas em a mesma Igreja - a saber - A parede do lado do Evangelho¹² do Corpo da mesma Igreja, de Pedra e Cal, o Frontispício de Arcos com hum a so torre no meio tãobem de Pedra e Cal, o Telhado do Corpo da Igreja para o qual se dão as Madeiras precisas. [...]” (Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=778931&pesq=&pagfis=212>>)
- **1825:** Foi resolvido a reconstrução. (Menezes, 1975)
- **3 de novembro de 1825:** Resolve fazer a obra por empreitada
 - 1825 - Manoel Fernandes da Costa “Foi contratado para administrar as obras de reconstrução da igreja que, nessa data, encontrava-se em péssimo estado de conservação. Só ficou intata a capela mor. A Comissão Especial, porém, resolveu não prosseguir nesse intento, mandando por as obras em concorrência, as quais foram arrematadas pelo Cel. José Veloso do Carmo” (Menezes, 2011, p. 209-308)
- **8 de janeiro de 1826:** Decide-se “fazer uma torre única no meio da fachada, conservar a parede do lado da Epístola¹³, por estar em boas condições, concluir a do lado do Evangelho fazer o telhado todo de novo e reconstruir o batistério e a casa de Nosso Senhor dos Passos.” (Menezes, 1975, p.57)
- **15 de janeiro de 1826:** José Veloso do Carmo “Arrematou diversas obras na Matriz, pela importância de 11:000\$000 (Menezes, 2011, p. 209 a 308)
- **26 de fevereiro de 1828:** “O Capitão Francisco Machado da Luz propôs que em vez de uma torre única se fizessem duas porque do contrário a Igreja ficaria escura e com menos cômodos, faltando por exemplo, espaço para o batistério e a casa do Senhor dos Passos.” (Menezes, 1975, p.59)

¹² Lado esquerdo do altar, no qual é proclamado o Evangelho.

¹³ Lado direito do altar em que se lê a Epístola.

- **Outubro de 1828:** José Veloso do Carmo “recebeu a importância de 800\$000, "do 1.º pagamento pela factura da nova parede de pedra do lado da Epístola da Igreja" (L.º cit., fls. 20 v. apud. Martins, 1974, p. 152)
- **Julho de 1829:** José Veloso do Carmo “Recebeu a quantia de 800\$000, correspondente ao segundo pagamento "da parede de pedra do lado da Epístola no tr. do seu ajuste de 16 de março de 1828" (L.º cit., fls. 23 apud. Martins, 1974, p. 152)
- **Janeiro de 1838:** José Veloso do Carmo “Recebeu o mesmo fiador 2:250\$000 "importancia de dous pagamentos que se hão de vencer quando a obra chegar a altura da simalha real do frontespicio" e mais 150\$000, "importancia dos dous oculos nas torres conforme os ajustes da Acta de 30 de abril de 1837" (L.º cit., fls. 39 apud. Martins, 1974, p. 152)
- **19 de abril de 1847:** “Contratou (Manoel Fernandes da Costa) por 5:250\$000 a obra do frontispício da igreja, a qual ficou concluída a 2 de abril do ano seguinte” (Menezes, 2011, p. 209 a 308)
- **16 de março de 1848:** Manoel Fernandes da Costa “Pela importância de 5:500\$000 fez as obras das torres: a do lado do evangelho nesta data e a outra a 22 de março de 1852” (Menezes, 2011, p. 209 a 308)
- **2 de abril de 1848:** Conclusão do frontispício. (Menezes, 1975)
- **16 de março de 1848:** “Contratada, com o mesmo Costa, a torre do lado do evangelho.” (Menezes, 1975, p.59)
- **22 de março de 1852:** Contratação da outra torre. (Menezes, 1975)
- **27 de junho de 1853:** A comissão pede ajuda ao governo para conclusão da obra.
 - “A comissão encarregada pelo exm. governo das obras da igreja matriz do Ouro Preto pede na representação junta uma quota de 4:000\$ rs. para a conclusão da obra á seu cargo, e allega que a mesma comissão trabalha actualmente no penúltimo lanço da torre do lado da epístola, para a qual tem o fundo necessario; porem que para fazer o ultimo lanço da mesina torre, piramide &c. &c., que está tudo orçado em 4:000\$ rs., precisa a mesma comissão do auxilio referido desde já, para dar o templo prompto, e em estado decente. A 2.ª comissão de fazenda

entende que tendo sido esta obra já atendida em diferentes orçamentos, sendo um templo de primor e situado na capital da provincia, torna-se por isso mesmo digno de toda a consideração; alem do prejuizo que causaria, se por acaso não fosse concluido; por isso é a comissão de fazenda de parecer: que na lei do orçamento se credite o governo, desde já com a quantia pedida para a conclusão da obra. - Pinto de Vasconcellos, Gondim, Chagas - com restricções. Ficão todos sobre a mesa para entrar na ordem dos trabalhos.” EDIÇÃO Nº140 DO ANO DE 1853 DO JORNAL “O BOM SENSO” (Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=715107&pesq=&pagfis=207>)